

O QUE É O ESPIRITISMO?

INTRODUÇÃO AO CONHECIMENTO DO MUNDO INVISÍVEL PELAS MANIFESTAÇÕES DOS
ESPÍRITOS

e
contendo o resumo dos princípios
da doutrina espírita
e a resposta às principais objeções,
por

Allan Kardec.

Hors la charité, point de salut.
(Fora da caridade, não existe salvação.)

Naître, mourir, renaître encore et progresser sans cesse, telle est la loi.
(Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem parar, tal é a lei.)

Il n'y a de foi inébranlable que celle qui peut regarder la raison face à face, à tous les
âges de l'humanité.
(Só é inabalável a fé que consegue defrontar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade.)

Tradução de

WLADIMIR OLIVIER

O ESPIRITISMO

3ª. REVELAÇÃO DA LEI DE DEUS

APERFEIÇOAMENTO DA RELIGIÃO ESPIRITUAL

O Espírito de Verdade anunciado por Jesus
(*O Evangelho Segundo São João, cap. XIV, 15 a 17 e 20*)

*Seu alvo essencial é
o melhoramento dos homens.*

FILOSOFIA — MORAL — CIÊNCIA

PREÂMBULO

As pessoas que possuem do espiritismo apenas um conhecimento superficial estão naturalmente fadadas a fazer certas perguntas cuja solução um estudo completo lhes daria, sem dúvida; mas o tempo e, muitas vezes, a vontade, estão faltando-lhes para se devotarem a observações seguidas. Gostariam, antes de empreender tal empreitada, de saber ao menos do que se trata e se vale a pena ocupar-se disso. Assim, pareceu-nos útil dar respostas resumidas a algumas das perguntas fundamentais que nos são endereçadas todo dia; isso será, para o leitor, uma primeira iniciação e, para nós, um tempo a mais, pois nos dispensaremos de repetir constantemente a mesma coisa.

O primeiro capítulo contém, sob a forma de diálogos, a resposta às objeções mais frequentes da parte dos que desconhecem os fundamentos primários da doutrina, como também a refutação aos principais argumentos de seus contraditores. Esse sistema nos pareceu o mais conveniente, porque não apresenta a aridez do sistema dogmático.

O segundo capítulo se destina à exposição sumária das partes da ciência prática e experimental, a que, na falta de uma informação completa, o observador principiante tem de aplicar sua atenção a fim de julgar com conhecimento de causa. Trata-se, de qualquer modo, de um extrato de *O Livro dos Médiuns*. As objeções nascem, o mais das vezes, das ideias falsas estabelecidas *a priori* a respeito do que não se conhece; retificar essas ideias é caminhar na frente das objeções: tal é o objetivo deste opúsculo.

O terceiro capítulo pode ser considerado o resumo de *O Livro dos Espíritos*; trata da solução, através da doutrina espírita, de um certo número de problemas do mais alto interesse psicológico, moral e filosófico, os quais se põem diariamente e para os quais nenhuma filosofia ofereceu ainda soluções satisfatórias. Que se busque resolvê-los por qualquer outra teoria mas sem a chave que lhes oferece o espiritismo, e a gente verá que as nossas são as respostas mais lógicas e que satisfazem melhor à razão.

Este apanhado não é somente útil para os principiantes, que conseguirão colher aqui, em pouco tempo e com pequeno custo, as noções essenciais, como também não é menos útil para os adeptos, a quem ele propicia recursos para responder às primeiras objeções que a gente não deixa de fazer, e, por outro lado, porque aqui encontrarão

reunidos, em um quadro sinóptico e sob um mesmo ponto de vista, os princípios que eles não podem jamais perder de vista.

Para responder desde já e sinteticamente à questão formulada no título deste opúsculo, nós diremos que:

O ESPIRITISMO É A UM SÓ TEMPO UMA CIÊNCIA DE OBSERVAÇÃO E UMA DOUTRINA FILOSÓFICA. COMO CIÊNCIA PRÁTICA, ELE CONSISTE NAS RELAÇÕES QUE SE CONSEGUEM ESTABELECEM COM OS ESPÍRITOS; COMO FILOSOFIA, ELE COMPREENDE TODAS AS CONSEQUÊNCIAS MORAIS QUE DECORREM DESSAS RELAÇÕES.

Podemos defini-lo assim:

O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos Espíritos, e de seu relacionamento com o mundo corpóreo.

CAPÍTULO PRIMEIRO

PEQUENA CONFERÊNCIA ESPÍRITA

PRIMEIRO DIÁLOGO — O CRÍTICO

O visitante. — Eu lhe direi, senhor, que minha razão se recusa a admitir a realidade dos fenômenos estranhos atribuídos aos Espíritos, os quais, eu estou persuadido, só existem na imaginação. Como, porém, é imperioso sujeitar-se à evidência, eu o farei, caso consiga obter provas incontestáveis deles. Venho, assim, solicitar de sua gentileza que me permita assistir somente a uma ou duas experiências para não ser indiscreto, com o fito de me convencer, se for possível.

Allan Kardec. — Desde o instante, senhor, que sua razão se recusa a admitir o que nós consideramos como fatos comprovados, é que o senhor a julga superior à razão de toda a gente que não compartilha de sua opinião. Eu não duvido de seus méritos e não teria a pretensão de colocar a minha inteligência acima da sua; admita, portanto, que eu esteja enganado, uma vez que é sua razão que o aconselha, e aceite que tudo já foi dito.

O visitante. — No entanto, se o senhor conseguisse convencer-me, a mim, que sou um conhecido antagonista de suas ideias, isso viria a ser um milagre eminentemente favorável à sua causa.

A. K. — Lamento, senhor, mas eu não tenho o dom dos milagres. O senhor pensa que uma ou duas sessões serão suficientes para se convencer? Isso, sim, seria um verdadeiro portento. Eu mesmo precisei de mais de um ano de trabalho para estar convencido, o que lhe prova que, se estou convencido, não foi ao vai-da-valsas. Aliás, senhor, eu não ofereço sessões e parece que o senhor se enganou a respeito da finalidade de nossas reuniões, uma vez que nós não efetuamos experiências com o intuito de satisfazer a curiosidade de seja quem for.

O visitante. — O senhor não se preocupa, então, em conseguir prosélitos?

A. K. — Por que eu me preocuparia em torná-lo um prosélito, se o senhor mesmo não se preocupa com isso? Eu não forço nenhuma convicção. Quando eu encontro pessoas sinceramente desejosas de se instruir e que me dão a honra de pedir-

me esclarecimentos, é um prazer para mim e um dever dar-lhes respostas dentro do limite de meus conhecimentos; mas, quanto aos antagonistas que, como o senhor, têm convicções arraigadas, eu não me empenho em persuadi-los, tendo em vista que encontro muitas pessoas animadíssimas, sem que precise perder meu tempo com as que não estão. A convicção virá, cedo ou tarde, pela força das circunstâncias, e os mais incrédulos serão engolfados pela torrente; alguns partidários a mais ou a menos não pesam, neste momento, na balança; eis porque não me verá jamais fazer das tripas coração para trazer para nossas ideias os que, como o senhor, têm tão bons motivos para se manterem a distância.

O visitante. — Não obstante, o senhor lograria, ao me convencer, mais proveito do que possa supor. Por favor, permita que me explique com franqueza e prometa não se ofender com minhas palavras. Aquelas são minhas ideias a respeito do tema e não sobre a pessoa a quem me endereço; eu consigo respeitar a pessoa sem compartilhar de sua opinião.

A. K. — O espiritismo me ensinou a não ligar para as mesquinhas suscetibilidades do amor-próprio e a não me ofender com as palavras. Se suas palavras fugirem dos limites da urbanidade e das conveniências, serei obrigado a concluir que o senhor é um homem mal-educado: eis tudo. Quanto a mim, prefiro deixar que os outros cometam erros a compartilhar deles. Veja que, somente por isso, serve o espiritismo para algo.

Eu lhe disse, senhor, que não me empenho em absoluto em fazê-lo compartilhar de minha opinião; eu respeito a sua, se ela for sincera, como desejo que respeitem a minha. Dado que o senhor considera o espiritismo uma quimera, disse consigo mesmo ao vir a minha casa: Eu vou ver um louco. Confesse, francamente; eu não me melindrarei com isso. Os espíritas são loucos, como todos sabem. Muito bem! Senhor, já que vê no espiritismo uma doença mental, eu teria escrúpulos em passá-la ao senhor, e me espanto que, pensando desse jeito, o senhor busque adquirir uma convicção que o alinhará entre os loucos. Se está persuadido previamente de não conseguir convencer-se, sua iniciativa é inútil, pois tem por mira apenas a curiosidade. Portanto, fiquemos por aqui, eu lhe rogo, pois não tenho tempo para perder com conversas fiadas.

O visitante. — A gente pode enganar-se, iludir-se, sem ser louco por causa disso.

A. K. — Seja franco: o senhor diz, como tantos outros, que o espiritismo é um modismo, que vai durar pouco tempo; mas convenha que esse modismo, que, em alguns anos, ganhou milhões de partidários em todos os países, que conta com sábios de todos os ramos, que se propaga de preferência nas classes esclarecidas, é uma singular mania que merece algum exame.

O visitante. — Eu tenho minhas ideias sobre esse assunto, é verdade; todavia, elas não são de tal modo incontestáveis que eu não me permita sacrificá-las à evidência. Eu lhe disse, senhor, que existe um certo motivo para me convencer. Eu lhe confesso que vou publicar um livro onde me proponho a demonstrar *ex-professo (sic)*, o que eu considero um erro; e, como esse livro vai ter grande importância e vai acometer contra os Espíritos, se eu chegar a ser convencido, não vou publicá-lo.

A. K. — Eu ficaria muito triste, senhor, se o privasse do benefício de um livro que vai ter grande importância; eu não tenho, aliás, nenhum motivo para impedi-lo; ao contrário, eu lhe desejo uma muito grande repercussão, tendo em vista que isso fará para nós as vezes dos prospectos e dos anúncios. Quando uma coisa é atacada, o fato desperta a atenção; existe muita gente que deseja ver o pró e o contra, e a crítica dá a conhecer essa coisa àqueles mesmos que nem pensavam nisso; eis como se promove muitas vezes a propaganda, sem querer, em favor daqueles a quem se visa a prejudicar. A questão dos Espíritos é, de resto, tão palpitante, espicaça a tal ponto a curiosidade que é suficiente chamar-lhe a atenção para provocar o desejo de aprofundá-la¹.

O visitante. — Então, segundo o senhor, a crítica não tem serventia, a opinião pública nada vale?

A. K. — Eu não vejo a crítica como a expressão da opinião pública, mas como uma opinião individual que pode enganar-se. Se o senhor pesquisar na história, irá ver quantas obras-primas foram criticadas quando de seu aparecimento, o que não as impediu de prosseguirem sendo obras-primas; quando uma coisa não presta, nem todos os elogios do mundo a farão boa. *Se o espiritismo constitui um erro, cairá por si mesmo; se é uma verdade, nem todas as diatribes o transformarão em mentira.* Seu livro se constituirá em uma apreciação pessoal de acordo com seu ponto de vista; a verdadeira opinião pública julgará se o senhor está certo. Por isso, desejaram ver; e, se, mais tarde, reconhecerem que o senhor se enganou, seu livro cairá em ridículo, como os que se publicaram outrora contra as teorias da circulação do sangue, da vacina etc.

Mas eu me esqueci de que o senhor vai tratar a questão *ex-professo*, o que quer dizer que a vem estudando sob todos os aspectos, que tem visto tudo o que se tem para ver, que tem lido tudo o que haja sido escrito sobre a matéria, que tem analisado e comparado as diversas opiniões; que o senhor se encontra nas melhores condições para observar por si mesmo; que o senhor lhe tem consagrado suas vigílias durante anos; em suma, que não tem negligenciado nada para chegar à constatação da verdade. Eu tenho de acreditar que assim seja, se o senhor for um homem sério, pois apenas quem tiver feito tudo isso, possui o direito de dizer que fala com conhecimento de causa.

Que pensaria o senhor de um homem que se postasse como censor de uma obra literária, sem conhecer a literatura, de um quadro, sem haver estudado a pintura? É da lógica elementar que o crítico tenha de conhecer, não superficialmente, mas a fundo, o de que fala, sem o que sua opinião está desprovida de valor.

Para refutar um cálculo, é preciso opor-lhe outro cálculo, porém, para tanto, é preciso saber calcular. O crítico não tem que se limitar a dizer que tal coisa é boa ou má; é preciso que justifique sua opinião através de uma demonstração clara e categórica, fundamentada nos princípios mesmos da arte ou da ciência. Como conseguirá fazê-lo se ignora tais princípios? Conseguiria o senhor avaliar as qualidades ou os defeitos de u'a máquina, sem conhecer a mecânica? Não. Muito bem! Seu julgamento a respeito do espiritismo, que o senhor não conhece, não teria maior importância do que o julgamento que teria feito a respeito da máquina. Seria o senhor,

¹ Após este diálogo, escrito em 1859, os fatos demonstraram fartamente a precisão deste enunciado.

a toda hora, surpreendido em flagrante delito de ignorância, pois quem o estudou perceberá imediatamente que o senhor está por fora dele; donde a gente concluirá ou que o senhor não é um homem sério, ou que não tem boa-fé; em um e outro caso, estaria exposto a receber desmentidos pouco lisonjeiros para seu amor-próprio.

O visitante. — É precisamente para suprimir esse obstáculo que vim pedir-lhe que me permita assistir a algumas experiências.

A. K. — E o senhor supõe que isso será suficiente para falar do espiritismo *ex-professo*? Mas como conseguiria compreender as experiências, ainda mais julgá-las, se não estudou os princípios que lhes servem de fundamento? Como conseguiria avaliar o resultado, satisfatório ou não, dos experimentos metalúrgicos, por exemplo, sem conhecer a fundo a metalurgia? Permita-me dizer-lhe, senhor, que seu projeto se dá exatamente como se, não sabendo nem as matemáticas, nem a astronomia, fosse dizer a um desses senhores do Observatório: Senhor, eu desejo elaborar um livro a respeito da astronomia e, mais ainda, provar que seu sistema é falso; todavia, como eu não conheço sequer o bê-á-bá dessa ciência, deixe-me olhar uma ou duas vezes através de suas lunetas; isso será suficiente para eu vir a saber tanto quanto o senhor.

É apenas por extensão que a palavra *criticar* é sinônima de *censurar*; em sua acepção própria e de acordo com o étimo, significa *julgar, avaliar*. A crítica, assim, pode ser aprobatória ou não aprobatória. Efetuar a crítica de um livro não significa necessariamente condená-lo; quem empreende esse trabalho tem que realizá-lo sem ideias preconcebidas; contudo, se antes de abrir o livro ele já o condenou em seu pensamento, seu exame não tem como ser imparcial.

Tal é o caso da maioria dos que têm falado do espiritismo. Limitando-se ao nome, formaram uma opinião e fizeram como um juiz que pronunciasse uma sentença sem se dar ao trabalho de examinar os autos. A consequência disso foi que seu julgamento ficou mal assentado e que, em lugar de persuadir, eles caíram no ridículo. Quanto aos que seriamente estudaram a questão, a maioria mudou de parecer e mais de um opositor se tornou partidário, ao perceber que se tratava de algo muito diferente do que havia julgado.

O visitante. — O senhor fala do exame dos livros em geral; acredita que seja materialmente possível a um jornalista ler e estudar todos os que passam por suas mãos, sobretudo quando se trata de teorias novas que precisaria aprofundar e verificar? Seria o mesmo que exigir de um editor que leia todas as obras que saem de suas prensas.

A. K. — A um raciocínio tão judicioso, eu só posso responder que, quando não se tem tempo de fazer conscienciosamente uma coisa, a gente não deve envolver-se, e que é preferível realizar uma coisa só bem feita a dez mal feitas.

O visitante. — Não pense, senhor, que formei minha opinião apressadamente. Eu vi mesas girando e estalando; vi pessoas que se julgavam escrevendo sob a influência dos Espíritos; mas eu me convenci de que ali havia charlatanismo.

A. K. — Quanto o senhor pagou para ver essas coisas?

O visitante. — Absolutamente nada, eu lhe asseguro.

A. K. — Então, eis aí charlatães duma singular espécie, e que vão reabilitar o vocábulo. Até o presente, ninguém jamais viu charlatães desinteressados. Se alguém de

mau gosto desejou divertir-se uma vez por acaso, deve-se concluir que as outras pessoas fossem comparsas? Aliás, visando ao quê se tornariam cúmplices de uma mistificação? Para divertir a sociedade, dirá o senhor. Eu acho que é possível alguém, uma ou outra vez, prestar-se a uma brincadeira; mas quando a brincadeira dura alguns meses e alguns anos, eu acho que é o mistificador quem está mistificado. Será provável que, pelo prazer de apenas fazer crer em uma coisa que se sabe falsa, a gente se aborreça durante horas inteiras ao pé de u'a mesa? O prazer não valeria a pena.

Antes de concluir pela fraude, é preciso perguntar qual interesse se pode ter em enganar; ora, o senhor convirá em que existem situações que excluem qualquer suspeita de embuste; e pessoas cujo caráter é suficiente garantia de probidade.

Bem diferente seria caso se tratasse de especulação, porque o atrativo do lucro é mau conselheiro; mas, ao se admitir mesmo que, neste último caso, a manobra fraudulenta seja de fato constatada, isso não comprovaria nada contra a realidade do princípio, uma vez que de tudo se consegue abusar. Só porque existem pessoas que vendem vinhos batizados, não decorre daí que não exista vinho puro. O espiritismo não é responsável pelos que abusam desse nome e o exploram, mais do que a ciência médica é pelos charlatães que negociam suas drogas, nem mais do que a religião pelos padres que abusam de seu ministério.

O espiritismo, por sua novidade e por sua natureza mesma, tinha que se prestar aos abusos; mas ele forneceu os meios de reconhecê-los, ao definir claramente seu verdadeiro caráter e ao declinar toda solidariedade com os que o explorariam ou o afastariam de seu alvo exclusivamente moral, para fazer dele um negócio, um instrumento de adivinhação ou de frívolas pesquisas.

Uma vez que o espiritismo mesmo determina os limites dentro dos quais se mantém, que define com precisão o que diz e o que não diz, o que pode e o que não pode, o que pertence ou não pertence a suas atribuições, o que aceita e o que repudia, o erro se encontra em quem, não se dando ao trabalho de estudá-lo, julga-o pelas aparências; em quem, porque se encontram saltimbancos fantasiados com o nome de *espíritas* para atrair os que passam, dirá gravemente: Eis aí o que é o espiritismo. Em quem, definitivamente, recai o ridículo? Não é no saltimbanco, que realiza seu trabalho, nem no espiritismo, cuja doutrina escrita desmente tais assertivas, mas nos críticos presunçosos ao falarem a respeito do que não sabem ou por adulterarem de propósito a verdade. Os que atribuem ao espiritismo o que é contrário a sua essência mesma fazem isso por ignorância ou voluntariamente; no primeiro caso, trata-se de leviandade; no segundo, de má-fé. Neste último caso, eles se parecem com certos historiadores que adulteram os fatos históricos no interesse de um partido ou de uma facção. Qualquer partido se desacredita sempre ao empregar tais meios, e perde sua finalidade.

Veja bem, senhor, que não pretendo que a crítica tenha que necessariamente aprovar nossas ideias, mesmo após tê-las estudado; nós não condenamos de modo algum quem não pense como nós. O que está claro para nós, pode não estar para todo o mundo; cada um julga as coisas de seu ponto de vista, e mesmo do acontecimento mais objetivo nem todo o mundo tira as mesmas consequências. Se um pintor, por exemplo, põe em seu quadro um cavalo branco, qualquer um poderá muito bem dizer

que tal cavalo produz um efeito ruim e que um preto melhor conviria; errará, porém, se disser que o cavalo é branco, se for preto; eis o que faz a maioria de nossos adversários.

Em suma, senhor, cada um está perfeitamente à vontade para aprovar ou para criticar os princípios do espiritismo, para deduzir conclusões boas ou más, como lhe aprazam, mas a consciência estabelece como dever a todo crítico sério o de não afirmar o oposto do que existe na realidade; ora, para tanto, a primeira condição é de falar somente a respeito do que se conhece.

O visitante. — Voltemos, por favor, às mesas que se movem e falam. Não poderia ter acontecido de que elas estivessem arranjadas?

A. K. — É sempre a questão da boa-fé a que respondi. Quando o embuste estiver comprovado, eu vou reconhecer; se o senhor assinalar fatos *incontestes* de fraude, de charlatanismo, de exploração ou de abuso de confiança, eu lhos dou para sua fustigação, declarando-lhe antecipadamente que não farei a defesa deles, porque o espiritismo sério é o primeiro a repudiá-los, e porque assinalar os abusos é ajudar a preveni-los e prestar um serviço ao espiritismo. Mas generalizar as acusações, derramar sobre um grande número de pessoas honradas a reprovação que merecem alguns indivíduos isolados é um abuso de outro tipo: o da calúnia.

Em se admitindo, como diz o senhor, que as mesas estivessem arranjadas, precisaríamos de um mecanismo bem engenhoso para executar movimentos e ruídos tão variados. Como é que não se conhece ainda o nome do hábil fabricante que os confecciona? Ele teria, entretanto, de possuir bem grande celebridade, já que seus aparelhos estão difundidos pelas cinco partes do mundo. É preciso convir também que seu processo é muito sutil, dado que consegue adaptar-se à primeira mesa que se acha, sem nenhum vestígio exterior. Como é que acontece que desde Tertuliano, que, também ele, falou das mesas girantes e falantes, até o presente, ninguém conseguiu vê-lo nem descrevê-lo?

O visitante. — É nisso que o senhor se engana. Um célebre cirurgião reconheceu que certas pessoas conseguem, pela contração de um músculo da perna, produzir um ruído parecido ao que o senhor atribui à mesa, donde ele concluiu que seus médiuns se divertem às custas da credulidade.

A. K. — Então, se se trata de um estalido do músculo, não é a mesa que está arranjada. Tendo em vista que cada um explica esse pretense embuste à sua maneira, eis a prova mais evidente de que nem uns nem outros conhecem a verdadeira causa.

Eu respeito o conhecimento desse sábio cirurgião; apenas ele apresenta algumas dificuldades quanto à aplicação às mesas falantes em relação aos fatos que assinala. A primeira dificuldade está em que é curioso que tal faculdade, até agora rara e vista como um caso patológico, fique de súbito tão comum; a segunda reside no fato de ser preciso possuir assaz robusta vontade de mistificar, para estalar seu músculo durante duas ou três horas em seguida, quando isso produz só fadiga e dor; a terceira, em minha opinião, é que é difícil de entender como esse músculo repercute nas portas e nas paredes onde os golpes se ouvem; a quarta, enfim, está em que necessita esse músculo estalante de uma propriedade muito maravilhosa para mover u'a mesa pesada, levantá-la, abri-la, fechá-la, mantê-la em suspensão sem ponto de apoio e, finalmente, quebrá-la ao derrubar. Ninguém absolutamente desconfiava que tal

músculo possuísse tantas virtudes. (*Revista Espírita*, junho de 1859: *O músculo estalante*.)

O célebre cirurgião de quem o senhor falou estudou o fenômeno da tiptologia naqueles que o produzem? Não; ele verificou um efeito fisiológico anormal em alguns indivíduos que não se ocuparam jamais com as mesas que batem, mantendo certa analogia com o que se produz nas mesas, e, sem um mais profundo exame, concluiu, com toda a autoridade de seu conhecimento, que todos os que fazem falar as mesas têm que possuir a propriedade de estalar seu músculo curto peroneiro, e que são somente impostores, sejam eles príncipes ou trabalhadores, exijam ou não pagamento. Estudou ele, ao menos, o fenômeno da tiptologia em todas as suas fases? Verificou se, com a ajuda desse estalejar de músculo, se conseguiria produzir todos os efeitos tiptológicos? Não, por certo; se o fizesse, ficaria convencido da insuficiência de seu sistema; o que não o impediu de proclamar sua descoberta em pleno Instituto. Eis aí, para um sábio, uma decisão seriíssima! O que restou disso hoje em dia? Eu lhe confesso que, se tivesse de sofrer uma operação cirúrgica, eu hesitaria bastante em me confiar a esse perito, pois ficaria com medo de que ele diagnosticasse meu mal com a mesma perspicácia.

Já que a essa sentença o senhor atribui autoridade em que parece apoiar-se para acometer contra o espiritismo, isso me deixa completamente sossegado quanto à força dos outros argumentos que o senhor fará valer, caso não os busque em fontes mais fidedignas.

O visitante. — O senhor pode ver, contudo, que a moda das mesas girantes já passou; durante certo tempo, elas foram um furor; hoje em dia, ninguém se ocupa mais delas. Por que isso ocorre, se se trata de uma coisa séria?

A. K. — Porque das mesas girantes proveio uma coisa mais séria ainda; proveio toda uma ciência, toda uma doutrina filosófica bem mais importante que aquele fenômeno, para os homens que reflexionam. Quando estes não tiveram mais nada para aprender ao verem girar u'a mesa, não se ocuparam mais disso. Para as pessoas fúteis, que não esmiúçam nada, era um passatempo, um brinquedo, que puseram de lado quando se cansaram; essas pessoas não significam nada para a ciência. O período da curiosidade encerrou seu ciclo: o da observação sucedeu a ele. O espiritismo passou, então, para o domínio das pessoas sérias, que não se divertem com ele, mas se instruem. Por isso, as pessoas que o transformam em uma coisa importante não se prestam a nenhuma experiência movida pela curiosidade e ainda menos aos que para ele vêm com pensamentos hostis. Como elas não se divertem a si mesmas, não buscam divertir os outros; e eu faço parte desse número.

O visitante. — Não obstante, somente a experiência consegue convencer as pessoas, ainda que no começo se apresente tão só como curiosidade. Se o senhor trabalha apenas na presença de gente convicta, permita-me dizer-lhe que está chovendo no molhado.

A. K. — Uma coisa é estar convencido, outra é estar disposto a convencer-se; é a estes que eu me dirijo e não aos que creem humilhar sua mente vindo escutar o que chamam de quimeras. Com estes, eu não me preocupo absolutamente. Quanto aos que dizem ter o desejo sincero de se elucidar, a melhor maneira de comprová-lo é

demonstrando perseverança; a gente os reconhece por outros sinais além do desejo de assistir a uma ou duas experiências: é que desejam trabalhar seriamente.

A convicção se forma tão somente com o tempo, por uma sequência de observações feitas com um cuidado todo particular. Os fenômenos espíritas diferem essencialmente dos que apresentam nossas ciências exatas: eles não se produzem à vontade; é preciso surpreendê-los de passagem; é observando a muitos e por bastante tempo que se descobre uma infinidade de provas que escapam à primeira vista, sobretudo quando não se está familiarizado com as situações em que elas são capazes de dar-se, e ainda mais quando se está com espírito de prevenção. Para o observador assíduo e inteligente, as provas abundam: para ele, uma palavra, um fato insignificante em aparência pode ser uma faísca de luz, uma confirmação; para o observador superficial e transitório, para o simples curioso, elas são inúteis. Eis porque eu não me presto a experiências sem probabilidade de resultado.

O visitante. — Mas, enfim, é preciso que tudo tenha um começo. O principiante, verdadeira tábula rasa, que não viu nada mas deseja aprender, como vai poder fazê-lo, se para isso o senhor não lhe fornece os meios?

A. K. — Eu estabeleço grande diferença entre o incrédulo por ignorância e o incrédulo por hábito. Quando eu percebo em alguém disposições favoráveis, não me custa nada esclarecê-lo; mas existem pessoas para quem o desejo de se instruir não passa de falsa aparência: com estas, a gente perde tempo, pois, se não encontram de pronto o que demonstram procurar e que talvez as desagradasse encontrar, o pouco que veem é insuficiente para derruir suas prevenções; elas tudo entendem mal e transformam em causa de motejo, sendo inútil, portanto, ministrar-lhes esclarecimentos.

A quem possui o desejo de aprender direi: “Não se pode obter um curso de espiritismo experimental, do mesmo modo que se obtém um curso de física ou de química, uma vez que ninguém jamais está apto a produzir os fenômenos a seu bel-prazer, e porque as inteligências que neles atuam invalidam muitas vezes todas as nossas previsões. Os fenômenos que o senhor alcançaria perceber acidentalmente, sem apresentar nenhuma sequência, nenhuma relação entre si, lhe seriam pouco inteligíveis. Instrua-se, primeiro, através da teoria; leia os livros que tratam desta ciência e medite; com eles o senhor aprenderá os princípios, neles achará a descrição de todos os fenômenos e irá compreender a possibilidade deles através da explicação que lhes é dada e do relato de grande quantidade de fatos espontâneos, de que o senhor pode ter sido testemunha sem saber e que lhe voltarão à memória; o senhor vencerá todas as dificuldades que devem apresentar-se e assim promoverá para si uma primeira convicção espiritual. Então, quando as circunstâncias de perceber e de trabalhar por si mesmo se apresentarem, o senhor irá compreender, qualquer que venha a ser a ordem dos fatos, porque nada lhe será estranho.”

Eis, senhor, o que eu aconselho a toda a gente que afirma desejar aprender, e, à vista da resposta, fica fácil de saber quem traz algo mais do que curiosidade.

SEGUNDO DIÁLOGO — O CÉPTICO

O visitante. — Eu compreendo, senhor, a utilidade do estudo preliminar de que fala. Como predisposição pessoal, eu não sou nem pró nem contra o espiritismo, mas ocorre que o tema em si me excita ao mais alto nível o interesse. No círculo dos meus confrades acham-se partidários, como também contraditores; eu tenho ouvido por isso argumentos muito contraditórios; eu me proporia a submeter-lhe algumas das objeções que têm sido feitas em minha presença, e que me parecem possuir um certo mérito, para mim pelo menos, que confesso minha ignorância.

Allan Kardec. — Eu terei muito prazer, senhor, em responder às questões que haja por bem endereçar-me, se feitas com sinceridade e sem segunda intenção, sem me enganar, entretanto, quanto a poder resolvê-las todas. O espiritismo é uma ciência que acaba de nascer e na qual existe ainda muito para aprender; seria, portanto, presunçoso demais para mim pretender superar todas as dificuldades: eu só posso dizer o que sei.

O espiritismo remete a todos os ramos, da filosofia, da metafísica, da psicologia e da moral; trata-se de um campo imenso que a gente não consegue percorrer em algumas horas. Ora, compreenda, senhor, que me seria materialmente impossível repetir de viva voz e para cada um em particular tudo o que escrevi sobre tal assunto com vistas ao público em geral. Em uma séria leitura preliminar, as pessoas encontrarão, de resto, resposta à maior parte das questões que nascem naturalmente no pensamento; ela apresenta a dupla vantagem de se evitarem as repetições inúteis e de demonstrar um sério desejo de aprender. Caso, depois disso, sobraem ainda dúvidas ou pontos obscuros, a explicação deles se torna mais fácil, porque se apoia em alguma coisa e a gente não perde seu tempo, voltando para os princípios mais elementares. Se o senhor permitir, nós nos dedicaremos, até segunda ordem, a algumas questões gerais.

O visitante. — Que seja; eu lhe rogo para me chamar a atenção, caso esteja afastando-me disso.

ESPIRITISMO E ESPIRITUALISMO

O visitante. — Eu lhe perguntarei, primeiro, que necessidade havia de criar as palavras novas *espírita*, *espiritismo*, para substituir *espiritualismo*, *espiritualista*, que pertencem à linguagem vulgar e são compreendidas por todo o mundo? Eu ouvi alguém considerar essas palavras como *barbarismos*.

A. K. — A palavra *espiritualista* possui, desde há muito tempo, uma acepção bem determinada; é a Academia que no-la proporciona: *ESPIRITUALISTA*, *aquele ou aquela cuja doutrina se opõe ao materialismo*. Todas as religiões estão necessariamente fundamentadas no espiritualismo. Quem quer que creia que exista em nós algo mais

que matéria é *espiritualista*, o que não implica na crença nos Espíritos e em suas manifestações. Como o senhor distinguiria este daquele que crê? Precisaríamos empregar uma perífrase e dizer: trata-se de um espiritualista que crê, ou não crê, nos Espíritos. Para as coisas novas, necessita-se de palavras novas, caso se deseje evitar os equívocos. Se eu houvesse atribuído à minha REVISTA a qualificação de *Espiritualista*, não lhe haveria absolutamente especificado o objetivo, pois, sem desvirtuar meu título, eu seria capaz de não dizer uma palavra quanto aos Espíritos e mesmo de combatê-los. Eu li, há algum tempo, em um jornal, a propósito de uma obra sobre filosofia, um artigo onde se dizia que o autor a havia escrito do ponto de vista *espiritualista*; ora, os alinhados com os Espíritos teriam ficado particularmente desapontados, se, ao confiarem nessa informação, houvessem acreditado ali encontrar a mínima concordância com suas ideias. Se adotei, pois, as palavras *Espírita*, *Espiritismo*, é porque exprimem inequivocamente as ideias relativas aos Espíritos. Todo *espírita* é, necessariamente, *espiritualista*, mas não precisa que todos os *espiritualistas* sejam *espíritas*. Mesmo que os Espíritos fossem uma quimera, seria ainda útil a existência de palavras especiais no que lhes concerne, pois é preciso que haja palavras para as ideias falsas como para as verdadeiras.

Tais palavras, de resto, não são mais bárbaras que todas as que as ciências, as artes e a indústria criam a cada dia; elas não são, seguramente, mais que as que Gall imaginou para sua nomenclatura das faculdades, tais como: *secrétivité*, *amativité*, *combativité*, *alimentivité*, *affectionivité* etc. Existem pessoas que, por espírito de contradição, criticam tudo que não provém delas, e desejam dar-se ares de oposição; quem se prevalece de tão miseráveis litígios comprova apenas uma coisa: a pequenez de suas ideias. Brigar por semelhantes bagatelas é comprovar que se está minguado de boas razões.

Espiritualismo, *espiritualista* são palavras inglesas utilizadas nos Estados Unidos desde o início das manifestações: a gente se serviu delas no começo, durante algum tempo, também na França; mas, desde que apareceram *espírita* e *espiritismo*, compreendeu-se tão bem sua utilidade que elas foram imediatamente aceitas pelo público. Hoje em dia, o uso está tão consagrado que os próprios adversários, os que primeiro clamaram contra o barbarismo, não empregam outras. Os sermões e as pastorais que fulminam o *espiritismo* e os *espíritas* não teriam como, sem causar confusão nas ideias, lançar anátema contra o *espiritualismo* e os *espiritualistas*.

Bárbaros ou não, tais vocábulo se acham doravante estabelecidos na linguagem coloquial e em todas as línguas da Europa; são eles os únicos empregados em todas as publicações, pró ou contra, em todos os países. Eles se constituíram no esteio da nomenclatura da nova ciência; para exprimir os fenômenos especiais desta ciência, precisava-se de termos especiais; o *espiritismo* possui doravante sua nomenclatura, como a química possui a sua².

² Essas palavras, de resto, hoje em dia possuem direito de cidadania; elas se encontram no suplemento do *Pequeno Dicionário Francês dos Dicionários*, extrato de *Napoléon Landais*, obra que se edita aos vinte mil exemplares. A gente aí encontra a definição e a etimologia das palavras: *erraticidade*, *espírita*, *espiritismo*, *espiritista*, *estereótipo*, *medianímico*, *médium*, *mediunidade*, *perispírito*, *pneumatografia*, *pneumatoфония*, *psicofonia*, *psicografia*, *psicógrafo*, *reencarnação*, *sematologia*, *tiptologia*. Elas se encontram igualmente, com todas os desenvolvimentos que comportam, na nova edição do *Dicionário Universal*, de Mauricio Lachâtre.

As palavras *espiritualismo* e *espiritualista* aplicadas às manifestações dos Espíritos não são mais empregadas hoje em dia senão pelos adeptos da escola chamada *americana*.

DISSIDÊNCIAS

O visitante. — Essa diversidade na crença do que o senhor chama uma ciência constitui, ao que me parece, sua condenação. Se tal ciência repousasse sobre fatos positivos, não teria que ser a mesma na América e na Europa?

A. K. — A isso eu responderei primeiro que essa dissidência está mais na forma que no fundo; ela consiste, na realidade, tão só no modo de encarar alguns pontos da doutrina, mas não se constitui um antagonismo radical nos princípios, como afetam dizer nossos adversários, sem terem estudado a questão.

Mas diga-me qual é a ciência que, em sua estreia, não ergueu dissidências, até que seus princípios estivessem claramente estabelecidos? Não existem dissidências, ainda hoje, nas ciências mais bem constituídas? Acham-se todos os cientistas de acordo sobre o mesmo ponto? Não possuem eles seus sistemas particulares? Apresentam as sessões do Instituto sempre o quadro de um perfeito entendimento cordial? Em medicina, não existe a Escola de Paris e a de Montpellier? Não ocasiona cada descoberta, em uma ciência, um cisma entre os que desejam passar para a frente e os que desejam ficar atrás?

No que concerne ao espiritismo, não é natural, à aparição dos primeiros fenômenos, quando se ignoravam as leis que os regem, que cada um tenha elaborado seu sistema e os tenha encarado à sua maneira? Em que se transformaram todos esses sistemas primitivos isolados? Caíram perante uma observação mais completa dos fatos. Alguns anos foram suficientes para estabelecer a unidade grandiosa que prevalece hoje em dia na doutrina e que congrega a imensa maioria dos adeptos, salvo algumas individualidades que, aqui como em todas as coisas, se apegam às ideias primitivas e morrem com elas. Qual é a ciência, qual é a doutrina filosófica ou religiosa que oferece um exemplo parecido? O espiritismo jamais apresentou a centésima parte das divisões que desagregaram a Igreja durante vários séculos e que a dividem ainda hoje em dia.

É curioso verdadeiramente perceber as infantilidades a que se prendem os adversários do espiritismo; isso não está a indicar a penúria das razões sérias? Se eles tivessem tais razões, eles não deixariam de fazê-las valer. O que lhe opõem? Zombarias, negações, calúnias; mas, quanto aos argumentos peremptórios, nenhum; e a prova de que não encontraram nele ainda nenhum lado vulnerável é que nada obsta sua caminhada ascendente, e que, após dez anos, ele conta com mais adeptos do que jamais contou nenhuma seita depois de um século. Esse é um fato comprovado pela experiência e reconhecido mesmo por seus adversários. Para arruiná-lo, não é suficiente afirmar: isto não existe, isto é um absurdo; precisaria comprovar categoricamente que os fenômenos não existem, não têm como existir; eis o que ninguém fez.

FENÔMENOS ESPÍRITAS SIMULADOS

O visitante. — Não está provado que fora do espiritismo se conseguia produzir esses mesmos fenômenos? Daqui forçoso é concluir que eles não têm a origem que lhe atribuem os espíritas.

A. K. — Quer dizer que, por se conseguir imitar uma coisa, ela não exista? Que diria o senhor da lógica de quem pretendesse que, como se faz vinho de Champanhe com a água de Seltz, todo o vinho de Champanhe não passa de água de Seltz? É privilégio de tudo o que tem repercussão produzir falsificações. Os prestidigitadores pensaram que o nome de *espiritismo*, por causa de sua popularidade e das controvérsias de que se viu alvo, tinha que ser aproveitado para exploração, e, para atrair o povo, imitaram, mais ou menos grosseiramente, alguns fenômenos de mediunidade, como outrora haviam imitado a clarividência sonambúlica, e todos os brincalhões a aplaudir bradaram: Eis aí o que é o espiritismo! Quando a engenhosa produção dos espectros subiu à cena, não foi proclamado por toda a parte que lhe estava sendo dado o golpe de misericórdia? Antes de pronunciar uma sentença tão contundente, eles deveriam ter refletido que as asserções de um trapaceiro não são palavras do Evangelho, e deveriam ter-se assegurado se existia verdadeira identidade entre a imitação e a coisa imitada. Não se conhece quem compre um brilhante antes de se assegurar de que não se trata de vidrilho. Um estudo qualquer, mesmo pouco sério, os teria convencido de que os fenômenos espíritas se apresentam sob condições muito diferentes; eles teriam sabido, além do mais, que os espíritas não se ocupam nem em fazer aparecer espectros, nem em ler a sorte.

A maldade e uma tremenda má-fé unicamente foram capazes de equiparar o espiritismo à magia e à feitiçaria, porquanto ele repudia a finalidade, as práticas, as fórmulas e as palavras místicas. Existem mesmo os que não temem comparar as reuniões espíritas com as assembleias do sabá, onde se espera a hora fatal da meia-noite para invocar os fantasmas.

Um de meus amigos espíritas se achava um dia, em uma representação de *Macbeth*, ao lado de um jornalista que ele não conhecia. Na hora da cena das feiticeiras, ele ouviu este dizer ao vizinho: “Preste atenção! Nós vamos assistir a uma sessão de espiritismo. Eis justamente o que estou precisando para meu próximo artigo; eu vou saber como as coisas se passam. Se houvesse por aqui um desses loucos, eu lhe perguntaria se ele se vê nesse quadro.” — “Eu sou um desses loucos, disse-lhe o espírita, e eu sou capaz de testificar-lhe que não me vejo absolutamente, pois, se bem que haja assistido a centenas de reuniões espíritas, jamais vi nada ali parecido. Se é aqui que o senhor vem recolher as informações para seu artigo, ele não terá o brilho da verdade.”

Muitos críticos não têm fundamento mais sério. Sobre quem recai o ridículo se não for sobre os que atacam tão desatinadamente? Quanto ao espiritismo, seu crédito,

longe de perder com isso, vem crescendo pela repercussão que todas essas manobras lhe propiciaram, ao chamar a atenção de uma infinidade de pessoas que nem ao menos haviam ouvido falar dele; elas provocaram o contato e aumentaram o número dos adeptos, porque se reconheceu que, ao invés de brincadeira, ele era algo sério.

IMPOTÊNCIA DOS DETRATORES

O visitante. — Eu admito que, entre os detratores do espiritismo, existam pessoas irresponsáveis, como a que o senhor acaba de citar; mas, ao lado delas, não existem homens de real valor, e cuja opinião traz um certo peso?

A. K. — Eu não o nego absolutamente. A isso devo responder que também o espiritismo conta em suas fileiras com bom número de homens de não menos real valor; digo mais, que a imensa maioria dos espíritas se compõe de homens de inteligência e de estudo; a má-fé somente é que pode dizer que ele vem recrutando entre as idosas e os ignorantes.

Um fato peremptório responde, de resto, a essa objeção: é que, malgrado seu saber ou sua posição oficial, ninguém teve êxito em parar o avanço do espiritismo; entretanto, não existe um, desde o mais apagado folhetinista, que não esteja ufano de lhe desferir o golpe mortal; ocorre que todos, sem exceção, ajudaram sem querer a divulgá-lo. Uma ideia que resiste a tantos ataques, que avança sem hesitar através da chuva de farpas que lhe arremessam, não está comprovando sua força e a profundidade de suas raízes? Este fenômeno não faz por merecer a atenção dos pensadores sérios? Por isso, mais de um se pergunta hoje em dia se não deve existir algo nele, talvez um desses grandes movimentos irresistíveis que, de tempos em tempos, agitam as sociedades para transformá-las.

Foi assim sempre com todas as ideias novas convocadas para revolucionar o mundo; elas topam com obstáculos, porque têm que lutar contra os interesses, os preconceitos, os abusos que vêm derogar; mas como elas se acham nos desígnios de Deus, para cumprimento da lei do progresso da humanidade, quando é chegada a hora, nada poderia sustá-las; eis a prova de que são a expressão da verdade.

Essa impotência dos adversários do espiritismo comprova, primeiro, como dissemos, a ausência de razões ponderadas, já que as que eles lhe opõem não convencem; contudo, ela se estriba em uma outra causa que lhes transtorna todas as combinações. Eles se assustam com o crescimento dele, malgrado tudo quanto façam para sustá-lo; e ninguém acha a tal causa, porque eles a procuram onde não está. Uns a veem no grande poder do diabo, que se mostraria assim mais forte do que eles e até mesmo do que Deus; outros a veem no aumento da loucura dos homens. O erro de todos é de julgar que a fonte do espiritismo é única, e que repousa na opinião de um só homem; daqui a ideia de que, destruindo a opinião desse homem, destruirão o espiritismo; eles procuram essa fonte na Terra, ao passo que ela se acha no espaço; ela não se encontra em um ponto, ela está por toda a parte, porque os Espíritos se

manifestam por toda a parte, em todos os países, no palácio e na choupana. A verdadeira causa se acha, portanto, na natureza mesma do espiritismo que não recebe sua impulsão de um só, mas que permite a cada qual receber diretamente as comunicações dos Espíritos e se assegurar assim da realidade dos fatos. Como persuadir milhões de indivíduos de que tudo isso não passa de brincadeira, de charlatanismo, de escamoteação, de prestidigitação, quando são eles mesmos que obtêm tais efeitos sem o concurso de ninguém? Alguém os fará acreditar que eles são seus próprios cúmplices e procedem ao charlatanismo e à escamoteação para si mesmos tão somente?

A universalidade das manifestações dos Espíritos, a qual vem, pelo globo todo, oferecer um desmentido aos detratores e confirmar os princípios da doutrina, é uma força que não pode ser compreendida por quem não conhece o mundo invisível, tanto quanto quem não conhece a lei da eletricidade não é capaz de compreender a rapidez de transmissão de um telegrama; é contra essa força que se desfazem todas as denegações, pois é exatamente como se alguém dissesse a quem recebe os raios solares que o Sol não existe.

Abstração feita das qualidades de uma doutrina que satisfaz mais do que as que lhe são opostas, aqui está a causa dos fracassos de quem tenta parar-lhe a caminhada: para obter êxito, precisariam achar um meio de impedir os Espíritos de se manifestar. Eis porque os espíritas dão tão pouca importância às suas manobras; é que trazem consigo a experiência e a força dos fatos.

O MARAVILHOSO E O SOBRENATURAL

O visitante. — O espiritismo tende claramente a dar nova vida às crenças baseadas no maravilhoso e no sobrenatural; contudo, no nosso século positivista, isso me parece difícil, pois é dar crédito a superstições e enganos do povo que a razão condena.

A. K. — Uma ideia só é supersticiosa porque é falsa; ela deixa de sê-lo no momento em que a reconhecem verdadeira. A questão, portanto, é de saber se existem ou não manifestações de Espíritos; o senhor não tem como tachar uma coisa como supersticiosa, enquanto não houver provado que ela não existe. O senhor dirá: minha razão a rejeita mas todos os que acreditam nela, e que não são imbecis, invocam também sua razão e, além do mais, os fatos; qual das duas razões deve preponderar? O maior juiz, aqui, é o futuro, como foi em todas as questões científicas e industriais tachadas como absurdas e impossíveis em sua origem. O senhor julga *a priori* de acordo com sua opinião. Nós só julgamos após ter visto e observado muito tempo. Nós admitimos que o espiritismo esclarecido, como está hoje em dia, tende, ao contrário, a destruir as ideias supersticiosas porque demonstra o que existe de verdadeiro e de falso nas crenças do povo, e tudo o que a ignorância e os preconceitos misturaram nelas de absurdo.

Eu vou mais longe e digo que é precisamente o espírito positivista do século que promove a adoção do espiritismo e que é a ele que deve em parte sua rápida propagação e não, como alguns pretendem, a uma recrudescência do amor do maravilhoso e do sobrenatural. O sobrenatural desaparece diante do farol da ciência, da filosofia e da razão, como os deuses do paganismo desapareceram diante da luz do cristianismo.

O sobrenatural é o que se acha fora das leis da natureza. O espírito positivista não admite nada fora dessas leis; mas ele conhece a todas? Em todos os tempos, os fenômenos cuja causa se desconhecia se reputaram sobrenaturais; cada nova lei descoberta pela ciência reduziu os limites do sobrenatural. Muito bem! O espiritismo revela uma nova lei que estabelece que a conversação com o Espírito de um morto repousa em uma lei tão natural quanto a de que a eletricidade permite o contato entre dois indivíduos a quinhentas léguas de distância; e isto serve para todos os outros fenômenos espíritas. O espiritismo repudia, pelo que lhe concerne, todo efeito maravilhoso, quer dizer, fora das leis da natureza; ele não realiza nem milagres nem prodígios; mas ele explica, fundamentado em lei, certos efeitos reputados até este dia como milagres e prodígios e, através dessa mesma lei, ele demonstra sua possibilidade. O espiritismo alarga, assim, o domínio da ciência, o que faz dele mesmo uma ciência; mas, causando a descoberta dessa nova lei consequências morais, a codificação dessas consequências faz dele uma doutrina filosófica também.

Em relação a esse último ponto de vista, ele responde às aspirações do homem, no que toca ao futuro em bases positivas e racionais; eis porque se ajusta ao espírito positivista do século; isto o senhor compreenderá quando se der ao trabalho de estudá-lo. (*O Livro dos Médiuns*, 1.^a parte, cap. II. *Revista Espírita*, dezembro de 1861 e janeiro de 1862. Ver também, em seguida, o cap. II.)

OPOSIÇÃO DA CIÊNCIA

O visitante. — O senhor se apoia, conforme nos diz, em fatos; contudo, há quem lhe oponha a opinião dos sábios que os contestam ou que os explicam diversamente que o senhor. Por que eles não assumiram o fenômeno das mesas girantes? Se houvessem visto nelas alguma coisa de sério, teriam tido o cuidado, me parece, de não negligenciar fatos tão extraordinários, e ainda menos de os rejeitar com desdém; ao contrário, eles estão todos contra o senhor. Não são os sábios o farol das nações, e seu dever não é o de difundir a luz? Como é que o senhor explicaria o fato de estarem a abafar a luz, quando uma tão bela ocasião se apresentava a eles de revelar ao mundo uma nova força?

A. K. — O senhor acaba de traçar o dever dos sábios de maneira admirável; é pena que se hajam esquecido dele em mais de uma circunstância. Mas, antes de responder a essa judiciosa observação, eu tenho que criticar um erro grave que o senhor cometeu ao dizer que todos os sábios estão contra nós.

Como venho dizendo a toda hora, é precisamente na classe esclarecida que se fazem mais prosélitos, e em todos os países do mundo: conta-se grande número deles entre os médicos de todas as nações; ora, os médicos são homens de ciência; os magistrados, os professores, os artistas, os literatos, os oficiais militares, os altos funcionários, os grandes dignitários, os eclesiásticos etc. que se alinham sob a bandeira espírita, são todos pessoas a quem não se tem como negar um certo brilho. Existem sábios apenas na ciência oficial e nas instituições?

Só porque o espiritismo não foi integrado ainda oficialmente entre as ciências, é motivo para condená-lo? Se a ciência não houvesse jamais errado, sua opinião poderia pesar na balança; infelizmente, a experiência comprova o contrário. Não foram desdenhadas como quiméricas inúmeras descobertas que, mais tarde, celebrizaram seus autores? Não se deve a um relatório de nossos primazes entre os sábios que a França teve que se privar da iniciativa do vapor? Quando Fulton veio ao campo de Boulogne apresentar seu sistema a Napoleão I, que recomendou seu exame imediato pelo Instituto, não concluiu este que tal sistema era uma fantasia *impraticável* e que não deveriam ocupar-se com isso? É forçoso concluir que os membros do Instituto são ignorantes? Isso justifica os epítetos grosseiros, em razão de mau gosto, que certas pessoas se comprazem em lhes prodigalizar? Seguramente não; não existe ninguém sensato que não proclame seu eminente saber, reconhecendo, contudo, que não são infalíveis e que, assim, seu julgamento não é definitivo, sobretudo quanto às ideias novas.

O visitante. — Eu admito perfeitamente que não são infalíveis; mas também é certo que, tendo em vista o saber deles, sua opinião serve para alguma coisa e, se o senhor os tivesse do seu lado, isso favoreceria grandemente seu sistema.

A. K. — O senhor também admite que cada um é bom juiz apenas naquilo que é da sua competência. Caso deseje construir uma casa, contrata um músico? Caso esteja doente, se cuidará com um arquiteto? Caso tenha um processo, buscará o conselho de um dançarino? Enfim, caso se trate de uma questão de teologia, o senhor a resolverá através de um químico ou um astrônomo? Não; para cada um seu trabalho. As ciências de domínio geral se fundam nas propriedades da matéria, a qual conseguimos manipular à vontade; os fenômenos que a matéria produz têm por agentes as forças materiais. Os fenômenos do espiritismo têm por agentes inteligências que têm sua independência, que têm seu livre-arbítrio e não se submetem aos nossos caprichos; escapam eles, assim, aos nossos procedimentos de laboratório e aos nossos cálculos e, por isso, não são mais da competência da ciência propriamente dita.

A ciência se enganou, portanto, quando desejou realizar experiências com os Espíritos como com uma pilha voltaica; ela malogrou e não podia ser diferente, porque se utilizou de uma analogia que não existe; depois, sem ir mais longe, ela concluiu pela negação: julgamento temerário que o tempo se encarrega todo dia de reformular, como reformulou outros muitos, e quem o houver enunciado se envergonhará de se arregimentar tão afoitamente na revolta contra o poder infinito do Criador.

Os institutos de estudos não têm de forma alguma nem terão jamais de se pronunciar nesta questão, que não é de sua competência mais que a de decretar se Deus existe: é um erro, pois, constituí-los em juízes. O espiritismo é uma questão de

crença pessoal que não tem que depender do voto de uma assembleia, pois tal voto, ainda que o favorecesse, não é capaz de forçar as convicções. Quando a opinião pública estiver formada, eles a aceitarão individualmente e sentirão o peso da realidade. Deixe passar uma geração e, com ela, os preconceitos obstinados do amor-próprio, e o senhor verá que sucederá ao espiritismo o mesmo que a tantas outras verdades que se combateram, as quais seria ridículo agora pôr em dúvida. Hoje em dia, os crentes é que a gente trata de loucos; amanhã será a vez dos que não crerem; exatamente como foram tratados outrora de loucos os que acreditavam em que a Terra roda.

Mas nem todos os sábios emitiram igual juízo, e por sábios eu entendo os homens de estudo e de conhecimento, com ou sem título oficial. Muitos formularam o raciocínio seguinte:

“Não existe efeito sem causa e os efeitos mais comuns podem levar aos maiores problemas. Se Newton tivesse menosprezado a queda de u’ a maçã, se Galvani tivesse expulsado sua criada, tratando-a de louca e lunática, quando ela lhe falou das rãs que dançavam no prato, talvez nós estivéssemos ainda por encontrar a admirável lei da gravitação universal e as fecundas propriedades da pilha. O fenômeno que se designa sob o nome grotesco de dança das mesas não é mais ridículo do que o da dança das rãs, e talvez também encerre alguns desses segredos da natureza que promovem uma revolução na humanidade quando se obtém a chave dele.”

Eles acrescentaram ainda:

“Já que tanta gente está ocupando-se com isso, já que homens sensatos realizaram um estudo sobre o tema, é forçoso que aí se ache alguma coisa; uma ilusão, um modismo, se se preferir, não tem como consignar esse caráter de generalidade; ela consegue seduzir um círculo, uma sociedade, mas não dá a volta ao mundo. Vamos abster-nos, portanto, de negar a possibilidade do que não compreendemos, no receio de recebermos, cedo ou tarde, um desmentido que não enaltecerá nossa perspicácia.”

O visitante. — Muito bem! Eis aí um sábio que raciocina com sabedoria e prudência e, sem ser sábio, eu penso como ele; mas observe que não afirma nada: ele duvida; sendo assim, em que basear a crença na existência dos Espíritos e, sobretudo, na possibilidade de nos comunicarmos com eles?

A. K. — Tal crença se apoia no raciocínio e nos fatos. Eu mesmo só a adotei após um exame rigoroso. Tendo recolhido nos estudos das ciências exatas o hábito das coisas objetivas, eu sondei, perscrutei essa nova ciência em seus refolhos mais íntimos. Eu desejei inteirar-me de tudo, pois eu só aceito uma ideia quando lhe sei o porquê e o como. Eis aqui o raciocínio que me fazia um sábio médico outrora incrédulo e hoje adepto fervoroso:

“Dizem que os seres invisíveis se comunicam; e por que não? Antes da invenção do microscópio, a gente imaginava a existência desses bilhões de animálculos que causam tantas devastações na economia? Onde se acha a impossibilidade material de que existam no espaço seres que fogem a nossos sentidos? Teríamos, acaso, a ridícula pretensão de tudo saber e de dizer a Deus que ele não é capaz de ensinar mais nada para nós? Se esses seres invisíveis que nos rodeiam são inteligentes, por que não se comunicariam conosco? Se estão em contato com os homens, eles têm que desempenhar um papel na existência, nos acontecimentos. Quem está sabendo? Talvez

se constituam em uma das potências da natureza, uma dessas forças ocultas de que nem desconfiávamos. Que horizontes novos isso descerraria ao pensamento! Que vasto campo de observação! A descoberta do mundo dos invisíveis seria uma coisa totalmente diferente que a dos infinitamente pequenos; seria mais que uma descoberta; seria uma revolução nas ideias. Quanta luz tem que irradiar daí! Quantas coisas misteriosas explicadas! Quem acredita nestas coisas provoca o riso; mas o que isso prova? Não foi o que aconteceu com todas as grandes descobertas? Cristóvão Colombo não foi expulso e sobrecarregado de amarguras, tratado como louco? Essas ideias, dizem, são tão estranhas que não se tem como crer nelas; mas a quem houvesse dito, somente há meio século atrás, que em alguns minutos conseguiríamos corresponder-nos de um lado a outro do mundo; que em algumas horas, atravessaríamos a França; que com o vapor de um pouco de água em ebulição um navio avançaria contra o vento; que tiraríamos da água os meios de iluminar e aquecer; que nos proporíamos a iluminar toda Paris em um instante, com um só reservatório de uma substância invisível, a gente teria rido na cara dele. Devemos, assim, considerar um fato muito prodigioso que o espaço seja povoado por seres pensantes que, depois de terem vivido na Terra, deixaram seus invólucros materiais? Não encontramos nesse fato a explicação para uma grande quantidade de crenças que remontam à mais alta antiguidade? É muito importante que tais coisas sejam aprofundadas.”

Eis aí as reflexões de um sábio, mas de um sábio despretensioso; reflexões também de uma infinidade de homens esclarecidos; eles enxergaram mas não de modo superficial e preconceituoso; eles estudaram de maneira séria e imparcial; eles tiveram a modéstia de não dizer: Eu não entendo, logo, isto não existe; sua convicção se formou através da observação e do raciocínio. Se tais ideias fossem quiméricas, pensa o senhor que todos esses homens de eleição as teriam adotado, que poderiam ficar por tanto tempo vítimas de uma ilusão?

Não existe, assim, de fato, para nós, impossibilidade material quanto à existência de seres invisíveis, povoando o espaço, e tão somente esta consideração já teria que compelir a uma circunspeção mais rigorosa. Antigamente, quem jamais seria capaz de pensar que uma gota d'água límpida pudesse conter milhares de seres de uma pequenez que confunde nossa imaginação? Todavia, eu afirmo que era mais difícil à mente conceber seres de uma tal tenuidade, providos de todos os nossos órgãos e funcionando como nós, do que admitir os que chamamos de Espíritos.

O visitante. — Sem dúvida, mas só porque uma coisa é possível não decorre que exista.

A. K. — De acordo; mas o senhor há de convir que, desde que ela não seja impossível, já é um grande avanço, pois não apresenta nada que possa repugnar a mente. Falta, então, evidenciá-la através da observação dos fatos. Tal observação não é nova: a história, tanto sacra quanto profana, comprova a antiguidade e a universalidade dessa crença, que se perpetuou através de todas as vicissitudes do mundo, e é encontrada nos povos mais selvagens no estado de ideias inatas e intuitivas, gravadas no pensamento, como as de um ser supremo e da existência futura. O espiritismo não é, pois, uma criação moderna, longe disso; tudo prova que os antigos o conhecessem tão bem e talvez melhor do que nós; acontece que ele só foi ensinado com precauções

de mistério que o tornaram inacessível ao comum dos homens, entregue de propósito ao burburinho da superstição.

Quanto aos fatos, são de duas naturezas: uns são espontâneos, outros, provocados. Entre os primeiros, é preciso alinhar as visões e aparições, que são muito frequentes; os ruídos, os tumultos e as perturbações de objetos sem causa material, e uma infinidade de efeitos insólitos que eram tidos como sobrenaturais, e que hoje em dia nos parecem bastante simples, pois, para nós, não existe nada de sobrenatural, dado que tudo se encaixa nas leis imutáveis da natureza. Os fatos provocados são os que se obtêm através dos médiuns.

FALSAS EXPLICAÇÕES DOS FENÔMENOS

Alucinação. — Fluido magnético. — Reflexo do pensamento. — Superexcitação cerebral. — Estado sonambúlico dos médiuns.

O visitante. — É contra os fenômenos provocados que se exerce, sobretudo, a crítica. Deixemos de lado toda suposição de charlatanismo, e admitamos uma total boa-fé; não se deveria pensar que os médiuns, eles mesmos, são o joguete de uma alucinação?

A. K. — Eu não sei se alguém já explicou claramente o mecanismo da alucinação. Tal como vem sendo entendida, trata-se, no entanto, de um fenômeno singularíssimo e mui digno de estudo. Como, então, os que pretendem conhecer a seu modo os fenômenos espíritas não conseguem explicá-los? Existem, de resto, fatos que excluem a hipótese da alucinação: quando u'a mesa, ou um outro objeto, se move, se ergue, ressoa; quando passeia à vontade em um quarto sem o contato de ninguém; quando se sobreleva do solo e se sustenta no espaço, sem ponto de apoio; enfim, quando se quebra ao cair, isso não é com certeza uma alucinação. Ao supormos que o médium, por um efeito de sua imaginação, acredite que esteja vendo o que não existe, teremos de inferir que toda a sociedade esteja arrebatada pela mesma vertigem, uma vez que isso se repete em todo lugar, em todos os países?

A alucinação, em tal caso, seria mais prodigiosa que o fenômeno em si.

O visitante. — Admitindo-se a realidade do fenômeno das mesas que giram e ressoam, não é mais racional atribuir isso à ação de um fluido qualquer, ao fluido magnético, por exemplo?

A. K. — Foi o que pensamos em primeiro lugar, eu e muitos outros. Se os efeitos se houvessem limitado aos seus aspectos materiais, ninguém duvida que deveriam explicar-se assim; mas quando os movimentos e as batidas forneceram provas de inteligência; quando se reconheceu que respondiam ao pensamento com total liberdade, a conclusão seguinte foi lógica: *Se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente*. Temos aí o efeito de um fluido sem dizer que

esse fluido é inteligente? Quando o senhor observa as hastes do telégrafo fazendo sinais que transmitem o pensamento, bem sabe que não são as hastes de madeira ou de metal que são inteligentes, mas o senhor afirma que uma inteligência as está movendo. É o mesmo com a mesa. Existem, sim ou não, efeitos inteligentes? Eis a questão. Os que negam são pessoas que não viram realmente tudo e que tiram conclusões apressadas, de acordo com suas próprias ideias e após uma observação superficial.

O visitante. — A isso se responde que, se existe um efeito inteligente, resulta da própria inteligência, seja do médium, seja do perguntador, seja dos presentes, pois, é o que dizem, a resposta está sempre no pensamento de alguém.

A. K. — Também aí existe um erro, resultado de uma falha de observação. Se quem pensa assim se houvesse dado ao trabalho de estudar o fenômeno em todas as suas fases, teria a cada passo reconhecido a independência absoluta da inteligência que se manifesta. Como a sua tese conseguiria conciliar-se com as respostas que estão fora do cabedal de inteligência e de instrução do médium, as quais contradizem as ideias deles, seus desejos, suas opiniões, ou que se extraviam completamente das previsões dos assistentes, ou ainda com os médiuns que escrevem em uma língua que não conhecem, ou em sua própria, não sabendo nem ler nem escrever? Tal opinião, à primeira vista, não apresenta nada de irracional, eu concordo, mas se encontra desmentida por fatos tão numerosos e tão conclusivos que a dúvida não é mais possível.

Aliás, admitindo-se mesmo tal teoria, o fenômeno, longe de se simplificar, seria muitíssimo mais prodigioso. Ora, pois! O pensamento se refletiria em uma superfície como a luz, o som e o calor? Na verdade, existiria aí algo com que se exercitar a sagacidade da ciência. E depois, o que se somaria ainda mais ao maravilhoso é que, de vinte pessoas reunidas, seria precisamente o pensamento de tal ou qual que se refletiria, e não o pensamento de uma outra qualquer. Tal sistema é insustentável. É realmente curioso ver os contraditores diligenciando para achar causas cem vezes mais extraordinárias e difíceis de compreender que as que lhes oferecemos.

O visitante. — Não é possível admitir, conforme a opinião de alguns, que o médium esteja em um estado de transe e usufrua uma lucidez que lhe proporciona uma percepção sonambúlica, uma espécie de dupla vista, o que explicaria a ampliação momentânea das faculdades intelectuais, pois, dizem, as comunicações obtidas através do médium não são mais importantes que as que se obtêm através dos sonâmbulos?

A. K. — Eis mais um desses sistemas que não resistem a um exame acurado. O médium não está nem em transe, nem dormindo, mas perfeitamente acordado, agindo e pensando como todo o mundo, sem apresentar nada de extraordinário. Certas ocorrências específicas proporcionaram esse equívoco; mas, quem não se limitar a ver as coisas só por um lado, reconhecerá sem esforço que o médium possui uma faculdade particular que não nos permite confundi-lo com o sonâmbulo, e a completa independência do seu pensamento se comprova através de fatos insofismáveis. Excetuadas as comunicações escritas, qual é o sonâmbulo que alguma vez fez manar um pensamento de um corpo inerte; que produziu aparições visíveis e até mesmo tangíveis; que conseguiu manter um corpo pesado no espaço sem ponto de apoio? Foi

através de um efeito sonambólico que um médium desenhou, um dia, em minha casa, na presença de vinte testemunhas, o retrato de uma jovem, morta há dezoito meses e que ele jamais havia conhecido, retrato reconhecido pelo pai presente à sessão? É através de um efeito sonambólico que uma mesa responde com precisão às questões propostas, mesmo apenas mentalizadas? Seguramente, caso se admita que o médium esteja em estado magnético, parece-me difícil acreditar em que a mesa seja sonâmbula.

Dizem, ainda, que os médiuns só falam com clareza de coisas conhecidas. Como explicar o fato seguinte e cem outros do mesmo gênero? Um amigo meu, muito bom médium escrevente, pergunta a um Espírito se uma pessoa que havia perdido de vista há quinze anos está ainda neste mundo. “Sim, ela vive ainda, respondeu-lhe ele; ela mora em Paris, em tal rua, número tal.” Ele vai e encontra a pessoa no endereço indicado. É um caso de ilusão? Seu pensamento não tinha como lhe sugerir essa resposta porque, tendo em vista a idade da pessoa, havia total possibilidade de que ela não existisse mais. Se, em certos casos, se viram respostas em consonância com o pensamento, é racional concluir que essa seja uma lei geral? Nisso, como em tudo o mais, os julgamentos precipitados são sempre perigosos, porque podem ser invalidados através de fatos que não foram observados.

OS INCRÉDULOS NÃO CONSEGUEM VER PARA SE CONVENCEREM

O visitante. — São os fenômenos reais que os incrédulos desejariam ver, que eles solicitam e que quase sempre não se consegue fornecer-lhes. Se todo o mundo alcançasse ser testemunha desses fatos, não caberia mais nenhuma dúvida. Como sucede, então, que tanta gente não tenha conseguido ver nada, malgrado sua boa vontade? Objetam, dizem eles, que lhes falta fé; a isso respondem com razão que não são capazes de possuir uma fé antecipada, e que, se se deseja que acreditem, é preciso fornecer-lhes os meios de crer.

A. K. — A razão é bem simples. Eles desejam mandar nos fenômenos e os Espíritos não obedecem a tal comando; precisa esperar por sua boa vontade. Não é suficiente, portanto, dizer: Mostre-me tal fenômeno que eu acreditarei; precisa possuir a vontade da perseverança, deixar que os fenômenos se produzam espontaneamente, sem pretender forçá-los ou conduzi-los; aquele a que o senhor aspira será, talvez, precisamente o que não obterá; mas se apresentarão outros e aquele que o senhor deseja virá no momento em que menos esperar. Aos olhos do observador atento e assíduo, surge um grande volume deles, os quais corroboram entre si, mas quem julga suficiente girar u’a manivela para movimentar a máquina, curiosamente se engana. Que faz o naturalista que deseja estudar os costumes de um animal? Manda que faça tal ou qual coisa para ter a possibilidade de observá-lo à sua vontade? Não, pois ele bem sabe que não será obedecido; ele espere as manifestações espontâneas de seu instinto; ele as espera e as surpreende ao acontecerem. O simples bom senso demonstra que, ainda

com maior razão, tenha de suceder o mesmo em relação aos Espíritos, que são inteligências muito mais independentes que a dos animais.

É errado acreditar em que a fé se faça necessária; mas a *boa-fé* é muito diferente; contudo, cépticos existem que negam até a evidência, e a quem os prodígios não lograriam convencer. Quantos existem que, após terem visto, não persistem em explicar os fenômenos a seu modo, dizendo que aquilo não prova nada! Tais pessoas servem apenas para trazer perturbação às reuniões, sem proveito para si mesmas; eis porque a gente as afasta e não deseja perder tempo com elas. Dá-se o mesmo com quem se irritasse ao ser forçado a acreditar, uma vez que seu amor-próprio iria sofrer ao ter de convir em que estava enganado. Que responder às pessoas que só veem por todo lugar ilusão e charlatanismo? Nada; é preciso deixá-las tranquilas e falar, pois é o que desejam, que não viram nada, e até mesmo que nada se pôde ou se desejou que vissem.

Ao lado dos cépticos insensíveis, existem os que desejam ver à sua maneira; que, tendo formado opinião, desejam tudo relacionar com ela: eles não compreendem que os fenômenos não tenham como obedecer à sua vontade; eles não sabem ou não querem pôr-se nas condições necessárias. Quem deseja observar de boa-fé tem de, eu não digo acreditar sob palavra, mas despojar-se de toda ideia preconcebida; e não desejar pôr em cotejo coisas incompatíveis. Deve aguardar, contemplar, observar com infatigável paciência; esta condição mesma vale como um elogio aos adeptos, já que comprova que sua convicção não se deu sem seriedade. Tem o senhor essa paciência? Não, diz o senhor, eu não tenho tempo. Então, não se ocupe destas coisas, nem fale a respeito; ninguém o obriga a isso.

BOA OU MÁ VONTADE DOS ESPÍRITOS PARA CONVENCER

O visitante. — Os Espíritos, entretanto, têm de estar interessados em fazer prosélitos; por que não se prestam mais a convencer certas pessoas cuja opinião teria enorme influência?

A. K. — É que, aparentemente, eles não se preocupam, neste momento, em convencer certas pessoas cuja importância eles não avaliam do mesmo modo que elas. É pouco lisonjeiro, eu concordo, mas nós não mandamos em sua opinião; os Espíritos têm um jeito de julgar as coisas que nem sempre é o nosso; eles veem, pensam e agem em função de outros elementos; enquanto nossa vista se circunscreve à matéria, delimitada pelo estreito círculo em cujo centro nós nos situamos, eles abrangem o conjunto; o tempo, que nos parece tão moroso, para eles é um instante; a distância é tão só um passo; certos pormenores, que nos parecem de extrema importância, aos olhos deles não passam de infantilidades; ao contrário, eles julgam importantes coisas de cujo valor nós não nos comparamos. Para compreendê-los, precisamos elevar-nos através do pensamento acima de nosso horizonte material e moral e situar-nos

conforme sua perspectiva; não lhes cabe descer até nós, mas a nós subir até eles; eis a que nos conduzem o estudo e a observação.

Os Espíritos têm apreço pelos observadores assíduos e conscienciosos; para estes, eles multiplicam as fontes de luz; o que os afasta não é a dúvida nascida da ignorância, é a fatuidade dos pretensos observadores que não observam nada, que pretendem extrair-lhes os segredos e manobrá-los como marionetes; é sobretudo o sentimento de hostilidade e de difamação que trazem consigo, sentimento que está em sua mente, quando não está em suas palavras. Para estes, os Espíritos não oferecem nada e se preocupam muito pouco com o que eles possam falar ou pensar, porque chegará também a vez deles. Eis porque eu disse que não é a fé que é necessária, mas a boa-fé.

ORIGEM DAS IDEIAS ESPÍRITAS MODERNAS

O visitante. — Uma coisa que eu desejaria saber, senhor, é o ponto de partida das ideias espíritas modernas; são elas o resultado de uma revelação espontânea dos Espíritos, ou o resultado de uma crença prévia na existência deles? O senhor deve compreender a importância da minha questão, pois, neste último caso, a gente poderia crer que a imaginação se haja imiscuído nelas.

A. K. — Esta questão, como diz o senhor, é importante para o seu ponto de vista, conquanto seja difícil de admitir, supondo-se que essas ideias se hajam originado em uma crença antecipada, que a imaginação tenha conseguido produzir todas as consequências materiais observadas. Com efeito, se o espiritismo se estribasse no pensamento preconcebido da existência dos Espíritos, a gente poderia, com alguma evidência de razão, duvidar de sua realidade, pois, se a causa é quimérica, as consequências têm que ser, elas mesmas, quiméricas; mas as coisas não se passaram assim.

Observe, em primeiro lugar, que tal encadeamento seria completamente ilógico; os Espíritos são uma causa e não um efeito; quando se vê um efeito, a gente tem de procurar-lhe a causa, mas não é natural imaginar uma causa, *antes de ter visto os efeitos*. Não se teria, então, como conceber o conceito de Espírito, se os efeitos não se houvessem apresentado, os quais encontravam sua explicação provável na existência de seres invisíveis. Pois bem! Não foi assim que esse conceito se estabeleceu; quer dizer que não foi uma hipótese imaginada com o fito de explicar certos fenômenos; a primeira suposição que se fez a respeito foi a de uma causa toda material. Assim, longe de os Espíritos terem sido preconcebidos, partiu-se de um ponto de vista *materialista*. Sendo tal ponto de vista insuficiente para tudo explicar, só a observação conduziu para a causa espiritual. Eu falo das ideias espíritas modernas, já que nós sabemos que esta crença é tão velha quanto o mundo. Veja agora como as coisas se encadearam.

Alguns fenômenos espontâneos, tais como ruídos estranhos, batidas, movimento de objetos etc., se produziram sem causa flagrante conhecida, e

conseguiram ser reproduzidos sob a influência de certas pessoas. Até então, nada autorizava a buscar a causa noutra parte senão na ação de um fluido magnético ou outro cujas propriedades eram ainda desconhecidas. Mas a gente não demorou a reconhecer nesses ruídos e nesses movimentos um caráter intencional e inteligente, donde se concluiu, como eu já disse, que, se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. Essa inteligência não era capaz de estar no objeto mesmo, pois a matéria não é inteligente. Seria o reflexo da inteligência da pessoa ou das pessoas presentes? Foi como se pensou de início, como eu também já disse; unicamente a experiência deveria asseverar, e a experiência o demonstrou através de provas irretorquíveis, em variadas circunstâncias, a completa independência dessa inteligência. Ela ficava, assim, fora do objeto e fora da pessoa. Quem era ela? Foi ela mesma quem respondeu; ela declarou que pertencia à ordem incorpórea dos seres designados sob o nome de Espíritos. A ideia dos Espíritos, portanto, não preexistiu; ela nem mesmo foi deduzida; em suma, não surtiu do cérebro; foi propiciada pelos Espíritos mesmos, e tudo o que nós ficamos sabendo depois em relação a eles, foram eles que nos ensinaram.

Revelada a existência dos Espíritos e estabelecidos os meios de comunicação, fomos capazes de obter conversações seguidas e ensinamentos a respeito da natureza desses seres, as condições da sua existência, seu papel no mundo visível. Se a gente conseguisse interrogar assim os seres do mundo dos infinitamente pequenos, quantas coisas curiosas se aprenderiam a respeito deles!

Suponhamos que, antes do descobrimento da América, existisse um fio elétrico através do Atlântico e que, em sua extremidade europeia, fossem observados sinais inteligentes; teríamos concluído que, na outra extremidade, existiam seres inteligentes que buscavam comunicar-se; alcançaríamos interrogá-los e eles teriam respondido. Teríamos, dessa forma, a certeza de sua existência, o conhecimento de seus costumes, de seus hábitos, de sua maneira de ser, sem tê-los visto jamais. Sucedeu o mesmo nas relações com o mundo invisível; as manifestações materiais foram como sinais, como avisos que nos puseram na senda de comunicações mais regulares e mais frequentes. E, coisa notável, à proporção que os meios mais fáceis de nos comunicarmos vão ficando ao nosso alcance, os Espíritos vão abandonando os meios primitivos, precários e incômodos, como quem é mudo, recuperando a palavra, renuncia à linguagem dos sinais.

Que eram os habitantes desse mundo? Eram seres especiais, fora da humanidade? Eram bons ou maus? Eis que mais uma vez a experiência se encarregou de resolver essas questões; mas, até que numerosas observações iluminassem o assunto, o campo das conjecturas e dos sistemas permanecia aberto, e Deus sabe o que surtiu disso! Alguns acreditaram os Espíritos superiores em tudo, outros apenas viram neles demônios; suas palavras e seus atos é que nos permitiram caracterizá-los. Suponhamos que, dentre aqueles habitantes desconhecidos do outro lado do Atlântico dos quais acabamos de falar, uns houvessem dito coisas muito boas, enquanto outros se fizessem notados pelo cinismo de sua linguagem; teríamos concluído que existiam habitantes bons e maus. Eis aí o que se deu em relação aos Espíritos; foi assim que se reconheceram entre eles todos os graus de bondade e de maldade, de ignorância e de

saber. Uma vez bem compenetrados a respeito dos defeitos e das qualidades que se encontram entre eles, compete à nossa prudência discernir o bom e o mau, o verdadeiro e o falso em seus contatos conosco, exatamente como nós fazemos em relação aos homens.

A observação não nos esclareceu somente a respeito das qualidades morais dos Espíritos, mas também de sua natureza e do que poderíamos chamar de seu estado fisiológico. Soubemos, através dos Espíritos mesmos, que uns estão muito felizes e outros muito infelizes; que eles não são seres especiais, de natureza excepcional, mas que são as almas mesmas dos que viveram na Terra, onde deixaram seus invólucros corpóreos, que povoam os espaços, nos rodeiam e nos acotovelam sem parar, entre os quais, cada qual conseguiu reconhecer, por sinais incontestes, *seus parentes, seus amigos e os que conheceu neste mundo*; pudemos segui-los em todas as fases de sua existência de além-túmulo, desde o instante em que abandonaram seus corpos, e observar sua situação de acordo com o gênero de morte e o modo pelo qual viveram na Terra. Soubemos, enfim, que não são seres abstratos, imateriais no sentido absoluto do termo; eles possuem um invólucro, o qual chamamos de *perispírito*, espécie de corpo fluido, vaporoso, diáfano, invisível em seu estado normal, mas que, em certos casos e através de uma espécie de condensação ou de disposição molecular, alcança tornar-se momentaneamente visível e mesmo tangível, e, a partir daí, ficou explicado o fenômeno das aparições e da tateabilidade. Tal invólucro existe durante a vida do corpo e se constitui no liame entre o Espírito e a matéria; com a morte do corpo, a alma ou o Espírito, que são a mesma coisa, somente se despoja do invólucro grosseiro; ela conserva o segundo, como quando nós tiramos uma roupa de cima para só conservar a de baixo, como o germe de um fruto se despoja do invólucro cortical e só conserva o *perisperma*. É esse invólucro semimaterial que se constitui no agente dos diversos fenômenos por meio dos quais o Espírito manifesta sua presença.

Tal é, em suma, senhor, a história do espiritismo; o senhor o sentirá e se compenetrará dele ainda melhor quando o houver estudado a fundo, uma vez que tudo nele resulta da observação e não de um sistema preconcebido.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO

O visitante. — O senhor falou dos meios de comunicação; poderia oferecer-me uma ideia deles, pois é difícil de compreender como tais seres invisíveis conseguem conversar conosco?

A. K. — Com muita satisfação; eu o farei resumidamente, contudo, porque isso exigiria desenvolvimentos muitíssimo longos, que o senhor encontrará notadamente em *O Livro dos Médiuns*. Mas o pouco que eu lhe direi será suficiente para pô-lo na pista do mecanismo e servirá, sobretudo, para que melhor compreenda algumas experiências às quais o senhor poderá assistir, enquanto aguarda que se complete sua iniciação.

A existência desse invólucro semimaterial, ou perispírito, é já um princípio que explica muitas coisas e demonstra a possibilidade de certos fenômenos. Quanto aos meios, são muito variados e dependem quer da natureza mais ou menos depurada dos Espíritos, quer das disposições específicas das pessoas que servem a eles de mediadoras. O mais comum, o que se pode dizer universal, consiste na intuição, quer dizer, nas ideias e nas reflexões que nos sugerem; mas esse meio é muito pouco considerável na maioria dos casos; existem outros mais materiais.

Certos Espíritos se comunicam por batidas, respondendo por *sim* ou por *não*, ou designando as letras que devem formar as palavras. As batidas têm de ser obtidas pelo movimento pendular de um objeto, u'a mesa, por exemplo, que bate o pé. Muitas vezes, eles se fazem ouvir na substância mesma dos corpos, sem movimentá-los. Esse modo primitivo é demorado e se presta com dificuldade a desenvolvimentos de uma certa extensão; substituiu-o a escrita, a qual se obtém de diferentes maneiras. Primeiro, a gente se serviu, e às vezes se serve ainda, de um objeto móvel, como uma pranchetazinha, uma cesta, uma caixa, ao qual se adapta um lápis cuja ponta pousa no papel. A natureza e a substância do objeto são indiferentes. O médium coloca as mãos sobre esse objeto, ao qual transmite a influência que recebe do Espírito, e o lápis traça os caracteres. Mas esse objeto, propriamente dito, não passa de um apêndice da mão, uma espécie de lapiseira. Mais tarde, a gente reconheceu a inutilidade disso, o que apenas complicava o sistema, e cujo mérito é só de constatar mais materialmente a independência do médium, o qual pode escrever segurando diretamente o lápis.

Os Espíritos ainda se manifestam e conseguem transmitir seus pensamentos através de sons articulados que ecoam, seja no ar, seja no ouvido; através da voz do médium, da visão, dos desenhos, da música e de outros meios que um estudo completo dá a conhecer. Os médiuns têm, para cada meio, aptidões especiais características. Nós consignamos, assim, os médiuns de efeitos físicos, quer dizer, os que estão aptos a produzir fenômenos materiais, como as batidas, o movimento dos corpos etc.; os médiuns audientes, falantes, videntes, desenhistas, músicos, escreventes. Esta última faculdade é a mais comum e a que melhor se desenvolve através do exercício; é também a mais valiosa, pois é a que permite as comunicações mais contínuas e mais rápidas.

Existem numerosas variedades de médiuns escreventes, dentre as quais duas se distinguem. Para entendê-las, é preciso saber de que maneira se dá o fenômeno. O Espírito atua, às vezes, diretamente na mão do médium, à qual imprime uma impulsão totalmente independente da vontade, e sem que ele tenha consciência do que escreve: é o *médium escrevente mecânico*. Outras vezes, ele atua no cérebro; seu pensamento se conjuga com o do médium que, escrevendo embora de maneira involuntária, mantém consciência mais ou menos nítida do que recebe; é o *médium intuitivo*; seu papel é exatamente o de um intérprete que transmite um pensamento que não é o seu, e que, no entanto, tem de compreender. Conquanto, neste caso, os pensamentos do Espírito e do médium se confundam às vezes, a experiência ensina a distingui-los facilmente. A gente obtém comunicações igualmente boas através dessas duas espécies de médiuns; a vantagem dos médiuns mecânicos se aplica sobretudo em relação às pessoas que não estão ainda convencidas. De resto, a qualidade essencial de um

médium se vincula bem mais à natureza dos Espíritos que lhe dão assistência e às comunicações que recebe do que aos meios de execução.

O visitante. — O processo me parece dos mais simples. Ser-me-ia possível experimentá-lo eu mesmo?

A. K. Perfeitamente; eu digo mesmo que, se o senhor estiver dotado da faculdade mediúnica, esse seria o melhor meio de se convencer, pois não teria como colocar sob suspeita sua boa-fé. Tão só eu lhe recomendo vivamente para não tentar nenhuma experiência antes de haver estudado cuidadosamente. As comunicações de além-túmulo estão rodeadas por mais dificuldades do que se pensa; elas não estão isentas de inconvenientes nem mesmo de perigos para os que não possuem a experiência necessária. Sucede aqui como a quem desejasse realizar manipulações químicas sem saber química: ele correria o risco de queimar os dedos.

O visitante. — Existe algum indício pelo qual se consiga reconhecer essa aptidão?

A. K. — Até hoje não se conhece nenhum método de diagnosticar a mediunidade; nenhum dos que pensávamos conhecidos têm valor; tentar é o único jeito de alguém saber se possui a aptidão. Aliás, os médiuns são bastante numerosos e é muito raro que, não sendo alguém médium, não encontre um entre os membros da família ou em seu círculo de amigos. O sexo, a idade e o temperamento são indiferentes; encontram-se médiuns entre os homens e as mulheres, entre as crianças e os velhos, entre as pessoas que têm saúde e as que estão doentes.

Se a mediunidade se traduzisse através de um sinal exterior qualquer, isso implicaria a permanência da faculdade; na verdade, porém, ela é essencialmente inconstante e fugaz. Sua causa física está na conjugação mais ou menos fácil dos fluidos perispirituais do encarnado e do Espírito desencarnado; sua causa moral repousa na vontade do Espírito que se comunica quando isso lhe convém, e não na nossa vontade, resultando daí: 1.º) que todos os Espíritos não conseguem comunicar-se indiferentemente através de todos os médiuns; 2.º) que todo médium pode perder ou ver suspensa sua faculdade quando menos espera. Estas poucas palavras são suficientes para lhe mostrar, senhor, que existe aqui todo um estudo a ser feito para que alcancemos conhecer as variações que apresenta este fenômeno.

Incidiríamos em erro, portanto, se crêssemos em que todo Espírito consegue vir ao apelo que lhe é feito e comunicar-se pelo primeiro médium que se apresenta. Para que um Espírito se comunique, precisa: 1.º) que lhe convenha; 2.º) que sua posição ou suas ocupações lho permitam; 3.º) que ele encontre no médium um instrumento adequado à sua natureza.

Em princípio, podemos comunicar-nos com os Espíritos de todas as categorias, com parentes e amigos, com os Espíritos mais elevados como os de mais baixa condição; mas, independentemente da possível situação individual, eles se apresentam mais ou menos voluntariamente, conforme as circunstâncias e, *sobretudo*, tendo em vista sua simpatia pelas pessoas que os chamam, e não pela determinação do primeiro tomado pela fantasia de os evocar por um sentimento de curiosidade; em tal caso, eles não se incomodariam em vida, nem o fazem tampouco após a morte.

Os Espíritos sérios somente comparecem às reuniões sérias, para onde são chamados com *recolhimento e por razões ponderáveis*; eles não se prestam à curiosidade, à demonstração, ao que contenha um motivo fútil nem a nenhuma experiência.

Os Espíritos levianos vão a todo lugar: mas, nas reuniões sérias, eles se calam e se mantêm afastados para escutar, como fariam os estudantes em uma assembleia de sábios. Nas reuniões frívolas, eles se esbaldam, divertem-se com tudo, caçoam muitas vezes dos presentes e respondem a tudo, sem se preocuparem com a verdade.

Os Espíritos ditos batedores e, em geral, os que produzem manifestações físicas, estão em uma categoria inferior, sem serem essencialmente maus só por isso; de qualquer modo, eles possuem uma aptidão especial para os efeitos materiais; os Espíritos superiores não se preocupam com essas coisas mais do que nossos sábios com promoverem exibições; se precisam disto, eles se servem daqueles Espíritos, como nós nos servimos de mão de obra para o serviço pesado.

OS MÉDIUNS INTERESSEIROS

O visitante. — Antes de se entregar a um estudo de largo fôlego, certas pessoas gostariam de ter a certeza de não perder seu tempo, certeza que um fato concludente lhes propiciaria, fosse mesmo obtido à custa de dinheiro.

A. K. — Quem não quer dar-se ao trabalho de estudar possui mais curiosidade que desejo real de se instruir; ora, nem os Espíritos gostam de curiosos nem eu mesmo. Sobretudo, a cupidez lhes é antipática e eles não contribuem em nada para satisfazê-la; precisaria fazer uma ideia muito falsa para acreditar em que os Espíritos superiores, como Fénelon, Bossuet, Pascal, Santo Agostinho, por exemplo, se colocassem às ordens do primeiro que aparecesse a tanto por hora. Não, senhor, as comunicações de além-túmulo são uma coisa importantíssima, que exige muitíssimo respeito, para se prestarem à exibição.

Nós sabemos, além do mais, que os fenômenos espíritas não funcionam como as rodas de um mecanismo, porquanto dependem da vontade dos Espíritos; admitindo-se mesmo a aptidão mediúnica, ninguém é capaz de asseverar que os vá obter em determinado momento. Se os incrédulos são levados a duvidar da boa-fé dos médiuns em geral, seria bem pior se estes fossem estimulados por um interesse; a gente poderia, com razão, suspeitar de que o médium pago finja, caso o Espírito não se manifeste, porque precisaria, antes de tudo, de ganhar seu dinheiro. Além de o desinteresse total ser a melhor garantia de sinceridade, nos repugnaria pagar para evocar os Espíritos das pessoas queridas, supondo que concordassem com isso, o que é mais do que duvidoso; de qualquer modo, só atenderiam Espíritos de baixo nível, pouco escrupulosos quanto aos procedimentos e que não mereceriam nenhuma confiança; acresce ainda que esses aí dão a si mesmos, muitas vezes, um maligno prazer, por frustrarem os arranjos e os interesses de seu cornaca.

A natureza da faculdade mediúnica se opõe, assim, a que se transforme em uma profissão, já que depende de uma vontade estranha à do médium, a qual poderia faltarlhe no momento em que precisasse dela, a menos que ele tenha a habilidade de supri-la. Mas, ao se admitir mesmo uma total boa-fé, tendo em vista que os fenômenos não se obtêm à vontade, seria por ação do acaso se, na sessão em que se houvesse pago, se produzisse precisamente o que a gente estava desejando para se convencer. O senhor daria cem mil francos a um médium e mesmo assim não o faria obter dos Espíritos o que não desejassem conceder; tal atrativo, que deturparia o intento e o transformaria em violento desejo de lucro, seria mesmo, ao contrário, um motivo para que o médium não lograsse êxito. Se estivermos bem compenetrados desta verdade, ou seja, de que a afeição e a simpatia são os mais poderosos móbeis de atração para os Espíritos, compreenderemos que eles não podem ser evocados com o intuito de nos servirmos deles para ganhar dinheiro.

Quem, portanto, precisa de fatos para se convencer, tem que comprovar aos Espíritos sua boa vontade através de uma observação séria e paciente, se deseja ser atendido; se é verdade que a fé não se impõe, não é menos verdadeiro que não se compra.

O visitante. — Eu compreendo esse raciocínio do ponto de vista moral; contudo, o senhor não acha justo que quem oferece seu tempo no interesse de sua causa seja indenizado, se tal mister o impede de trabalhar para viver?

A. K. — É no interesse da causa que ele pratica esse bem ou é no seu próprio? Se abandonou seu estado, é porque não estava satisfeito e porque esperava ganhar mais ou fazer menos esforço nesse novo trabalho. Nenhum devotamento existe em oferecer seu tempo, quando se trata de tirar proveito. É exatamente como se alguém dissesse que é no interesse da humanidade que o padeiro fabrica o pão. A mediunidade não é o único recurso; sem ela, eles seriam forçados a ganhar a vida de outro jeito. Os médiuns verdadeiramente sérios e devotados, quando não têm uma existência independente, buscam os meios de viver de um trabalho comum, e não abandonam seu estado; eles só consagram à mediunidade o tempo que não lhes causa prejuízo; se o retiram de seus lazeres ou do seu repouso, trata-se, então, de um devotamento que se sabe de agrado: a gente por isso os estima e respeita ainda mais.

A multiplicidade dos médiuns nas famílias torna, de resto, os médiuns profissionais inúteis, supondo-se até mesmo que eles oferecessem todas as garantias desejáveis, o que é muitíssimo raro. Sem o descrédito que se deu a esse tipo de exploração, e ao qual eu me felicito de haver bastante contribuído, nós teríamos visto os médiuns mercenários pulularem e os jornais encherem-se com seus anúncios; ora, para cada um que alcançasse ser leal, existiriam cem charlatães que, abusando de uma faculdade real ou *simulada*, teriam causado o maior transtorno ao espiritismo. Logo, é por princípio que todos os que veem no espiritismo algo além de exibição de fenômenos curiosos, que compreendem e prezam a dignidade, o respeito e os verdadeiros interesses da doutrina, reprovam toda espécie de especulação, sob qualquer forma ou *disfarce* com que se apresente. Os médiuns sérios e sinceros, e eu atribuo esse nome aos que compreendem a santidade da incumbência que Deus lhes confiou, evitam até nas aparências o que poderia fazer pairar sobre eles a menor

suspeita de cupidez; a acusação de auferir um ganho qualquer de sua faculdade seria vista por eles como uma injúria.

Convenha, senhor, por mais completamente incrédulo que seja, em que um médium nessas condições lhe daria uma impressão diversa da que se tivesse pago seu lugar para vê-lo em ação, ou até mesmo se tivesse obtido uma entrada gratuita, se soubesse existir por trás disso tudo uma questão de dinheiro; convenha em que, ao ver o primeiro animado de um verdadeiro sentimento religioso, estimulado tão só pela fé e não pelo atrativo do lucro, espontaneamente suscitará ele seu respeito; seja o mais humilde trabalhador, e lhe inspirará a maior confiança, pois o senhor não terá nenhum motivo para suspeitar de sua lealdade. Muito bem! O senhor encontrará como estes mil por um; eis uma das causas que poderosamente contribuíram para o crédito e para a propagação da doutrina, ao passo que, se tivesse tido apenas intérpretes interesseiros, ela não contaria com a quarta parte dos adeptos que possui hoje em dia.

Tudo isso foi tão bem compreendido que os médiuns por profissão são muitíssimo raros, pelo menos na França; que são desconhecidos na maior parte dos centros espíritas da província, onde a reputação de mercenários seria suficiente para excluí-los de todos os grupos sérios, e onde seu mister não seria lucrativo por causa do descrédito que incitaria e da concorrência dos médiuns desinteressados que encontramos em todo lugar.

Para compensar, seja a faculdade que lhes falta, seja a carência de clientela, existem pretensos médiuns que exageram, utilizando a leitura do baralho, a clara de ovo, a borra de café etc., para satisfazer todos os gostos, esperando, por esse meio, onde não há espíritas, atrair os que acreditam ainda nessas bobagens. Se eles só prejudicassem a si mesmos, o mal seria pequeno; mas existem pessoas que, sem irmos mais longe, misturam a artimanha com a realidade, como fazem os mal intencionados, os quais se aproveitam do fato para dizer que é nisso que consiste o espiritismo. O senhor está vendo, assim, que, levando a exploração da mediunidade a abusos prejudiciais à doutrina, o espiritismo sério tem motivo para condená-la e repudiá-la como coadjuvante.

O visitante. — Tudo isso é bastante lógico, eu concordo, mas os médiuns desinteressados não estão à disposição de qualquer um, nem se deve permitir que sejam perturbados, ao passo que não se precisaria ter escrúpulo em ir à casa de quem recebe pagamento, porque se sabe que a gente não vai fazê-lo perder seu tempo. Se existissem *médiuns oficiais*, seria uma facilidade para as pessoas que desejam convencer-se.

A. K. — Mas, se os médiuns oficiais, como o senhor os chama, não oferecem as garantias desejadas, de que utilidade podem ser para a convicção? O inconveniente que o senhor assinala não elimina os que eu relatei e que são muitíssimo graves. A gente iria à casa deles mais por diversão ou para ouvir a sorte do que para se instruir. Quem deseja seriamente convencer-se acha, cedo ou tarde, os meios, se põe nisso perseverança e boa vontade; mas não é por haver assistido a uma sessão que irá convencer-se, caso não estiver preparado para isso. Se ela lhe transmitir uma impressão desfavorável, ele ficará menos convencido ao sair do que ao chegar, e desestimulado

talvez para prosseguir com um estudo onde não terá visto nada de sério; eis o que comprova a experiência.

Mas, a par das considerações morais, os progressos da ciência espírita nos demonstram hoje em dia uma dificuldade material de que não suspeitávamos de início, dando-nos a conhecer melhor as condições nas quais se produzem as manifestações. Tal dificuldade se liga às afinidades fluídicas que têm que existir entre o Espírito evocado e o médium.

Eu ponho à parte todo pensamento de fraude e de embuste e imagino a mais perfeita lealdade. Para que um médium por profissão alcançasse oferecer completa segurança às pessoas que viessem consultá-lo, precisaria que possuísse uma faculdade permanente e universal, quer dizer, que fosse capaz de entrar em contato facilmente com cada Espírito e a todo momento, para estar constantemente à disposição do público, como um médico, e para atender a todas as evocações que lhe seriam pedidas; ora, é o que não sucede com nenhum médium, nem com os que são desinteressados, menos ainda com os outros, e isso por razões independentes da vontade do Espírito, razões que eu não posso desenvolver aqui, porque não lhe estou ministrando um curso de espiritismo. Eu me limitarei a dizer que as afinidades fluídicas, que são o princípio mesmo das faculdades mediúnicas, são individuais e não gerais; que podem existir do médium em relação a tal Espírito e não a outro; que, sem essas afinidades, cujas nuances são variadíssimas, as comunicações se tornam incompletas, falsas ou impossíveis; que, o mais das vezes, a conjugação fluídica entre o Espírito e o médium só se estabelece com o correr do tempo; e que se dá apenas uma vez em dez de forma completa desde a primeira vez. A mediunidade, como o senhor vê, está subordinada a leis de certo modo orgânicas, às quais todo médium se sujeita; ora, não se tem como negar que isso seja um obstáculo para a mediunidade como profissão, dado que a possibilidade e a exatidão das comunicações se atêm a causas alheias ao médium e ao Espírito. (Ver também, em seguida, no cap. II, *Dos médiuns*.)

Logo, se nós repudiamos a exploração da mediunidade, não é por capricho nem por sermos sistemáticos, mas porque os princípios mesmos que regem os contatos com o mundo invisível se opõem à regularidade e ao rigor necessários para quem se coloca à disposição do público, e porque o desejo de atender a uma clientela que paga provoca o abuso. Eu não estou concluindo com isso que todos os médiuns interesseiros sejam charlatães, mas eu digo que o atrativo do lucro incita para o charlatanismo e autoriza a suspeita de embuste, se é que não a justifica. Quem deseja convencer-se tem, antes de mais nada, que buscar os ingredientes da sinceridade.

OS MÉDIUNS E OS FEITICEIROS

O visitante. — Desde que a mediunidade consiste em se pôr em contato com os poderes ocultos, parece-me que médiuns e feiticeiros são quase sinônimos.

A. K. — Existiram, em todas as épocas, médiuns naturais e inconscientes que, apenas porque produziam fenômenos extraordinários e misteriosos, foram qualificados de feiticeiros e acusados de pactuar com o diabo; sucedeu o mesmo com a maior parte dos sábios que possuíam conhecimentos acima do comum. A ignorância exagerou seu poder e eles mesmos, muitas vezes, abusaram da credulidade pública, explorando-a; daí a justa condenação de que foram alvo. É suficiente cotejar o poder atribuído aos feiticeiros com a faculdade dos médiuns verdadeiros, para se determinar a diferença entre eles, mas os críticos, em sua maior parte, não se dão a esse trabalho. O espiritismo, longe de ressuscitar a feitiçaria, a destrói para sempre, ao despojá-la do pretense poder sobrenatural de suas fórmulas, livros, amuletos e talismãs, e ao conferir aos fenômenos reais o seu justo valor, sem fugir às leis naturais.

A comparação que certos indivíduos pretendem estabelecer provém do erro de pensarem em que *os Espíritos estejam sob as ordens dos médiuns*; eles rejeitam a ideia de que possa depender de alguém fazer com que venha, à sua vontade e disposição, o Espírito de tal ou qual personagem mais ou menos ilustre; nisso estão perfeitamente certos e, se, antes de depreciar o espiritismo, se houvessem dado ao trabalho de estudá-lo, saberiam que ele diz taxativamente que *os Espíritos não se sujeitam aos caprichos de ninguém e que ninguém é capaz de fazê-los comparecer à vontade da pessoa e à revelia deles*; donde se conclui que os médiuns não são feiticeiros.

O visitante. — Assim sendo, não seriam todos os efeitos que certos médiuns de boa reputação obtêm à vontade e em público, segundo o senhor, senão charlatanice?

A. K. — Eu não estou dizendo isso de maneira absoluta. Tais fenômenos não são impossíveis porque existem Espíritos de baixa categoria que conseguem prestar-se a essas espécies de coisas e que se divertem com isso, talvez por já terem sido charlatães em vida, e também porque existem médiuns especializados nesse gênero de manifestações; mas o bom senso mais comum repulsa a ideia de que os Espíritos, conquanto pouco elevados, venham dar espetáculo e demonstrar habilidades para divertir os curiosos.

A obtenção desses fenômenos à vontade, e sobretudo em público, é sempre suspeita; nesse caso, a mediunidade e a prestidigitação se aproximam tanto que muitas vezes é bem difícil de distingui-las; antes de ver aí a ação dos Espíritos, são necessárias minuciosas observações, e conhecer seja o caráter e os antecedentes do médium, seja uma infinidade de circunstâncias que tão só um estudo profundo da teoria dos fenômenos espíritas tem como permitir avaliar. Devemos observar que esse tipo de mediunidade, quando existe mediunidade, se limita à produção do mesmo fenômeno, com poucas variantes, o que não propicia elementos para dissiparmos as dúvidas. Um total desinteresse se constituiria na melhor prova de sinceridade.

Sejam reais ou não esses fenômenos mediúnicos, eles têm alcançado um bom resultado no que concerne a propiciar publicidade ao ideal espírita. A controvérsia temática que se estabelece provoca junto ao público um estudo mais profundo. Certamente, não é aí que se devem colher as instruções sérias sobre o espiritismo, nem a filosofia da doutrina, mas é um meio de atrair a atenção dos indiferentes e de obrigar os mais recalcitrantes a falar a respeito.

DIVERSIDADE DOS ESPÍRITOS

O visitante. — O senhor fala de Espíritos bons ou maus, sérios ou levianos; eu não consigo entender, confesso, tal diferença; parece-me que, ao deixar seu invólucro corpóreo, eles têm de se despojar das imperfeições inerentes à matéria; que tem de se fazer a luz para eles sobre todas as verdades que nos quedam ocultas; e que eles têm de ficar livres dos preconceitos terrestres.

A. K. — Sem dúvida, eles se desembaraçam das imperfeições físicas, quer dizer, dos achaques e das doenças do corpo; mas as imperfeições morais se vinculam ao Espírito e não ao corpo. Neste número, existem os que estão mais ou menos adiantados intelectualmente e moralmente. Seria errado julgar que os Espíritos, ao deixarem seus corpos materiais, são de repente cobertos pela luz da verdade. O senhor acredita, por exemplo, em que, quando morrer, não existirá nenhuma diferença entre o seu Espírito e o de um selvagem ou o de um malfeitor? Se fosse assim, de que lhe serviria ter trabalhado por sua instrução e por seu melhoramento, já que um vagabundo valeria o mesmo que o senhor depois da morte? O progresso dos Espíritos só se completa gradualmente e, às vezes, bem lentamente. Neste número, e isso depende de sua purificação, existem os que veem as coisas de uma perspectiva mais justa do que em vida; outros, ao contrário, apresentam ainda as mesmas paixões, os mesmos preconceitos e as mesmas falhas, até que o tempo e novas provações lhes venham a permitir que se esclareçam. Observe bem que isto resulta da experiência, pois é como eles se apresentam a nós em suas comunicações. É, portanto, um princípio elementar do espiritismo que existem Espíritos de todos os níveis de inteligência e de moralidade.

O visitante. — Mas, então, por que os Espíritos não são todos perfeitos? Sendo assim, Deus os tem criado de todas as categorias.

A. K. — Equivaleria isso a perguntar por que todos os alunos de um colégio não se matricularam em filosofia. Todos os Espíritos têm a mesma origem e a mesma destinação. As diferenças existentes entre eles não constituem espécies distintas, mas níveis diversos de adiantamento. Os Espíritos não são perfeitos, porque são as almas dos homens e os homens não são perfeitos; pelo mesmo motivo, os homens não são perfeitos, porque são a encarnação de Espíritos mais ou menos adiantados. O mundo corpóreo e o mundo espiritual convergem incessantemente um no outro; através da morte do corpo, o mundo corpóreo fornece seu contingente ao mundo espiritual e, através do nascimento, o mundo espiritual alimenta a humanidade. A cada nova existência, o Espírito efetiva um progresso maior ou menor e, quando adquire na Terra a soma dos conhecimentos e a elevação moral que comporta nosso globo, ele o deixa para passar a um mundo mais elevado, onde aprende novas coisas.

Os Espíritos, que constituem a população invisível da Terra, são, de algum modo, o reflexo do mundo corpóreo; acham-se ali os mesmos vícios e as mesmas virtudes; existem entre eles sábios, ignorantes e pseudo-sábios; sensatos e irresponsáveis; filósofos, racionalistas e sistemáticos; como nem todos se desfizeram de seus

preconceitos, todas as opiniões políticas e religiosas possuem ali seus representantes; cada qual fala de acordo com seus ideais e o que dizem, muitas vezes, não é mais que sua opinião pessoal; eis porque nunca se deve acreditar cegamente no que dizem os Espíritos.

O visitante. — Se for desse jeito, eu estou percebendo uma imensa dificuldade; nesse conflito de opiniões controversas, como distinguir o certo do errado? Eu não vejo como os Espíritos nos possam servir para grande coisa, nem o que temos a ganhar com sua conversação.

A. K. — Servissem os Espíritos apenas para nos ensinar que existem Espíritos e que esses Espíritos são as almas dos homens, não seriam de grande importância para todos os que duvidam que possuem uma alma e não sabem em que se transformarão após a morte?

Como todas as ciências filosóficas, esta exige demorados estudos e minuciosas observações; é assim que aprendemos a distinguir a verdade da impostura e os meios de repelir os Espíritos enganadores. Acima dessa turba de baixo escalão, existem os Espíritos superiores, os quais só têm em vista o bem e, por missão, conduzir os homens pelo bom caminho; toca a nós saber apreciá-los e compreendê-los. São os que nos ensinam grandes coisas; mas não julgue que o estudo dos outros seja inútil; para conhecer um povo, precisamos vê-lo sob todos os seus ângulos.

O senhor mesmo é a comprovação disso; o senhor pensava que era suficiente que os Espíritos deixassem seu invólucro corpóreo para se despojar de suas imperfeições; contudo, foram as comunicações com eles que nos demonstraram o contrário e que nos deram a conhecer a verdadeira condição do mundo espiritual, a qual interessa ao máximo a todos nós, porquanto todos nós temos de ir para lá. Quanto aos erros que podem nascer da divergência de opinião entre os Espíritos, eles vão desaparecendo por si mesmos, à proporção que aprendemos a distinguir os bons dos maus, os sábios dos ignorantes, os sinceros dos hipócritas, exatamente como entre nós; é quando o bom senso condena as falsas doutrinas.

O visitante. — Minha observação subsiste sempre, sob o ponto de vista das questões científicas e outras que podemos submeter aos Espíritos. A divergência de suas opiniões a respeito das teorias que dividem os sábios nos deixa na incerteza. Eu compreendo que, não estando todos instruídos em um mesmo nível, não têm como tudo saber; então, qual é o valor para nós da opinião dos que sabem, se nós não podemos verificar quem está certo ou quem está errado? Tanto faz consultar os homens quanto os Espíritos.

A. K. — Tal reflexão é ainda uma consequência da ignorância do verdadeiro caráter do espiritismo. Quem acredita nele encontrar um modo fácil de saber tudo, de tudo descobrir, incide em uma enorme falha. Os Espíritos não estão de forma alguma encarregados de nos trazer a ciência já acabada; seria, na verdade, algo absolutamente cômodo, se nós só precisássemos perguntar para sermos servidos e livrar-nos assim da preocupação com as pesquisas. Deus deseja que nós trabalheemos, que nossa mente se exercite; nós só alcançaremos o conhecimento a esse custo; os Espíritos não vêm para nos liberar dessa necessidade; *eles são o que são; o espiritismo tem por meta estudá-los*, a fim de ficarmos sabendo, através de comparação, o que vamos ser no futuro, e

não com o fito de nos levar a conhecer o que tem que nos ficar oculto ou de nos revelar as coisas antes do tempo.

Os Espíritos são menos ainda informantes da *buena-dicha*, e qualquer um que se gabe de obter certos segredos deles deve preparar-se para surpreendentes decepções da parte dos Espíritos brincalhões; em suma, *o espiritismo é uma ciência de observação e não uma ciência de adivinhação ou de especulação*. Nós o estudamos para conhecer a situação dos indivíduos do mundo invisível, os pontos de contato que existem entre eles e nós e a ação oculta deles no mundo visível, e não por causa da utilidade material que dele conseguimos retirar. Sob tal ponto de vista, não existe nenhum Espírito cujo exame seja inútil; nós aprendemos algo com todos; suas imperfeições, seus defeitos, sua deficiência, sua ignorância mesmo também se constituem em temas de observação que nos enfonham na natureza íntima desse mundo; e quando não são eles que nos instruem através de seu ensinamento, somos nós que nos instruímos estudando-os, como fazemos quando observamos os costumes de um povo que não conhecíamos.

Quanto aos Espíritos esclarecidos, eles nos ensinam muito, mas no limite das coisas possíveis, e não devemos perguntar-lhes o que não conseguem ou não podem revelar-nos; é preciso que nos contentemos com o que nos dizem; desejamos ir além é expor-nos às mistificações dos Espíritos levianos, sempre prestes a responder a tudo. A experiência nos ensina a conhecer o nível de confiança que nós lhes podemos conceder.

UTILIDADE PRÁTICA DAS MANIFESTAÇÕES

O visitante. — Eu estou imaginando que a coisa esteja constatada e que o espiritismo esteja reconhecido como realidade; qual pode ser sua utilidade prática? Se a gente passou sem ele até hoje, parece-me que ainda se conseguiria passar e viver muitíssimo tranquilamente sem ele.

A. K. — A gente poderia dizer outro tanto das estradas de ferro e dos barcos a vapor, sem os quais se vivia muito bem. Se o senhor entende por utilidade prática os meios de viver com conforto, de fazer fortuna, de conhecer o futuro, de descobrir minas de carvão ou tesouros escondidos, de reaver heranças, de se livrar do trabalho das pesquisas, ele não serve para nada; ele não é capaz de colocar em alta ou em baixa a Bolsa de Valores, nem de ser convertido em ações, nem mesmo de oferecer invenções prontinhas, prestes a serem exploradas. Sob tal ponto de vista, quantas ciências seriam inúteis! Quantas existem que não comportam lucro, comercialmente falando! Os homens procediam muito bem antes da descoberta de todos esses novos planetas; antes de se saber que é a Terra que gira e não o Sol; antes de se calcularem os eclipses; antes de se conhecer o mundo microscópico e centenas de outras coisas. O lavrador, para viver e fazer germinar seu trigo, não precisava saber o que é um cometa. Por que, então, os sábios se dão a essas pesquisas, e quem ousaria dizer que eles perdem seu tempo?

Tudo o que serve para levantar uma ponta do véu, auxilia no desenvolvimento da inteligência, amplia o círculo das ideias ao nos fazer adentrar mais longe nas leis da natureza. Ora, o mundo dos Espíritos existe em decorrência de uma dessas leis da natureza; o espiritismo nos dá a conhecer essa lei; ele nos demonstra a influência que o mundo invisível exerce sobre o mundo visível e as relações existentes entre eles, como a astronomia nos demonstra as relações dos astros com a Terra; ele se revela a nós como uma das forças que regem o universo e contribuem para a manutenção da harmonia geral. Imaginemos que aí se encerre sua utilidade; não seria já muito útil apenas a revelação de semelhante poder, pondo de lado toda a doutrina moral? Não se constitui, então, em coisa alguma, quando todo um mundo novo se revela a nós; quando, além do mais, o conhecimento desse mundo nos põe na pista de uma infinidade de problemas insolúveis até então; quando nos inicia nos mistérios de além-túmulo, os quais nos interessam ao menos um pouco, já que todos, à vista do que somos, temos que, cedo ou tarde, dar o passo fatal? Mas existe uma outra utilidade mais efetiva do espiritismo: é a influência moral que exerce através da força mesma dos fatos. O espiritismo é a prova patente da existência da alma, de sua individualidade após a morte, de sua imortalidade e de seu destino; é, portanto, a destruição do materialismo, não através do raciocínio, mas através dos fatos.

Não é preciso perguntar ao espiritismo o que é que ele pode oferecer, nem procurar além de seu alvo providencial. Antes dos progressos positivos da astronomia, a gente acreditava na astrologia. Seria razoável pretender que a astronomia não sirva para nada, porque não conseguimos mais achar o prognóstico de nosso destino na influência dos astros? Assim como a astronomia destronou os astrólogos, o espiritismo está destronando os adivinhos, os feiticeiros e os ledores da *buena-dicha*. Ele está para a magia assim como a astronomia está para a astrologia, e a química, para a alquimia.

LOUCURA, SUICÍDIO, OBSESSÃO

O visitante. — Certas pessoas consideram que as ideias espíritas, por sua natureza, tendem a perturbar as faculdades mentais e, com tal justificativa, acham prudente suspender sua divulgação.

A. K. — O senhor conhece o provérbio: quem quer matar o cachorro, sai dizendo que está louco. Não é espantoso, portanto, que os inimigos do espiritismo busquem apoio em todos os pretextos; esse aí lhes pareceu adequado para despertar temores e suscetibilidades; eles se empenharam no seu emprego, mas ele rui perante o mais simples exame. Escute, agora, a respeito desta loucura, o raciocinar de um louco.

Todas as grandes preocupações do espírito conseguem ocasionar a loucura; as ciências, as artes e a religião mesma fornecem seu contingente. A loucura tem por princípio um estado patológico do cérebro, instrumento da mente: estando o instrumento desarrumado, a mente fica alterada. A loucura é, portanto, uma consequência, cuja causa primária é uma predisposição orgânica que torna o cérebro

mais ou menos permeável a certas impressões; isso é tão verdadeiro que o senhor conhece pessoas que pensam demasiadamente e que não ficam loucas; outras existem que enlouquecem sob o impacto da mais leve excitação. Subsistindo uma predisposição à loucura, esta assume o feitio de uma preocupação capital, que se transforma então em ideia fixa. Tal ideia fixa poderá ser a dos Espíritos para quem se ocupa deles, como poderá ser a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. É provável que o louco religioso viesse a ser um louco espírita, se houvesse sido o espiritismo sua preocupação dominante. Um jornal registrou, é verdade, que, em uma só localidade da América, cujo nome não me lembra, se deram quatro mil casos de loucura espírita; mas nós sabemos que, entre nossos adversários, é uma ideia fixa o fato de se julgarem os únicos dotados de razão, e essa é u'a mania como qualquer outra. A seu ver, nós somos todos dignos de hospício e, por conseguinte, os quatro mil espíritas da localidade em questão, tinham que ser também loucos. Nesse sentido, os Estados Unidos têm centenas de milhares deles, e todos os outros países do mundo, um número muitíssimo maior.

Essa brincadeira de mau gosto começa a perder a graça, agora que se nota que tal loucura está ganhando as classes mais elevadas da sociedade. A gente faz grande alarido por causa do exemplo conhecido de Vítor Hennequin; mas se esquece de que, antes de se ocupar com os Espíritos, ele havia já demonstrado certa excentricidade nas ideias; se as mesas girantes não houvessem aparecido, as quais, segundo um trocadilho bastante espirituoso de nossos adversários, lhe fizeram girar a cabeça, sua loucura seguiria um outro rumo.

Portanto, eu afirmo que o espiritismo não tem nenhum privilégio quanto a isso; mas vou mais longe: eu afirmo que, quando bem interpretado, é uma proteção contra a loucura e o suicídio.

Entre as causas mais comuns de excitação cerebral, precisamos enumerar as decepções, os desgostos e as afeições contrariadas, as quais são igualmente as causas mais frequentes de suicídios. Ora, o verdadeiro espírita percebe as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado que as tribulações não passam para ele de incidentes desagradáveis de viagem. O que, em outro, produziria violenta comoção, afeta-o muito pouco. Ele sabe, aliás, que as aflições da vida são provações que servem para seu adiantamento, se as padecer sem murmuração, porque será recompensado segundo a coragem com que as houver suportado. Suas convicções lhe proporcionam, assim, uma resignação que o preserva do desespero, e, por consequência, de uma causa constante de loucura e de suicídio. Ele conhece, também, através das cenas vívidas que lhe oferecem as comunicações com os Espíritos, a sorte deplorável dos que abreviam voluntariamente seus dias, e esse cenário é excelente para fazê-lo refletir; por isso, o número dos que foram afastados desse funesto pendor é considerável. Eis aí um dos resultados do espiritismo.

No rol das causas da loucura, precisamos ainda situar o medo, e aquele do diabo desajustou mais de um cérebro. É conhecido o número de vítimas feitas chocando-se as frágeis imaginações com esse quadro que se diligencia em tornar mais aterrador através de medonhos pormenores? O diabo, dizem, só assusta as crianças pequenas; é um freio para torná-las prevenidas; de fato, como o bicho-papão e o lobisomem; mas,

quando elas não têm mais medo, ficam piores que antes; e para esse conveniente resultado não se acrescenta o número das epilepsias causadas através da comoção de um cérebro delicado.

Precisamos não confundir a *loucura patológica* com a *obsessão*; esta não provém de nenhuma lesão cerebral, mas da subjugação que Espíritos malfeitores exercem sobre certos indivíduos, e tem, às vezes, as aparências da loucura propriamente dita. Esta afecção, que é muito frequente, não depende de nenhuma crença no espiritismo, e sempre existiu. Nesse caso, a medicação ordinária é inútil e até mesmo prejudicial. O espiritismo, ao dar a conhecer esta nova causa de perturbação da ordem, fornece, ao mesmo tempo, o único meio de triunfar sobre ela, atuando, não sobre o doente, mas sobre o Espírito obsessivo. O espiritismo é o remédio e não a causa do mal.

ESQUECIMENTO DO PASSADO

O visitante. — Não me entra na cabeça como o homem consegue tirar proveito da experiência adquirida em suas existências anteriores, se não conserva sua memória; pois, a partir do momento que não se lembra de nada, cada existência é para ele como se fosse a primeira, precisando sempre começar tudo de novo. Vamos supor que, a cada dia, quando acordássemos, perdêssemos a memória do que tínhamos feito na véspera; nós não seríamos mais adiantados aos setenta anos do que aos dez; ao passo que, ao nos lembrarmos de nossas faltas, de nossas imperfeições e das punições que sofreremos, nós nos esforçaríamos para não começar tudo de novo. Para me servir da comparação que o senhor estabeleceu entre o homem na Terra e o aluno de um colégio, eu não compreenderia que tal aluno conseguisse tirar proveito das lições da quarta série, por exemplo, sem se lembrar do que aprendeu na terceira. As descontinuidades na vida do Espírito interrompem todas as relações e o tornam, de algum modo, um ser novo; donde se pode dizer que nossas mentes morrem a cada existência, para renascermos sem consciência do que fomos; é como se fosse o nada.

A. K. — Questões após questões, o senhor me leva a lhe dar um curso completo de espiritismo; todas as objeções que o senhor tem feito são naturais em alguém que não sabe nada; no entanto, ele é capaz de achar, em um estudo sério, uma solução bem mais explícita do que aquela que eu consigo oferecer em uma explicação sumária, a qual, por si mesma, tem de provocar, subsequentemente, novas questões. Tudo se encadeia no espiritismo e, quando se tem uma visão do conjunto, percebe-se que os princípios decorrem uns dos outros, servindo-se de apoio mútuo; então, o que se afigurava uma anomalia, algo contrário à justiça e à sabedoria de Deus, se torna totalmente natural e vem confirmar essa justiça e essa sabedoria.

Assim ocorre com o problema do esquecimento do passado, o qual se vincula a outras questões de igual importância; eis porque eu só vou aflorá-lo aqui.

Se a cada existência um véu é jogado sobre o passado, o Espírito não perde nada do que absorveu no passado: ele só esquece o modo pelo qual o absorveu. Para me servir da comparação do estudante, eu direi que pouco importa para ele saber onde, como e com quais professores concluiu a terceira série, se, ao chegar à quarta, ele conhece o que se aprende na terceira. Que lhe importa saber que foi punido por sua preguiça e sua indisciplina, se esses castigos o tornaram trabalhador e obediente? É assim que, ao se reencarnar, o homem traz, através de intuição e na forma de ideias inatas, o que assimilou em conhecimento e moralidade. Eu digo em moralidade, pois, se, durante uma existência, ele progrediu, se tirou proveito das lições das experiências, quando retornar, ele será instintivamente melhor; seu Espírito, amadurecido na escola do sofrimento e através do trabalho, terá mais solidez; longe de ter que começar tudo de novo, ele possui um lastro cada vez mais fecundo, em que se assenta para prosperar sempre.

A segunda parte de sua objeção, quanto à morte da mente, também não está bem fundamentada, pois o esquecimento só se dá durante a vida corpórea; ao deixá-la, o Espírito recobra a memória de seu passado: ele consegue avaliar o caminho que percorreu e o que lhe falta ainda percorrer; desse modo, não existe descontinuidade na vida espiritual, que é a vida normal do Espírito.

O esquecimento temporário constitui um benefício da Providência; a experiência é muitas vezes conquistada através de duras provações e terríveis expiações, cuja lembrança seria muito penosa e viria somar-se às angústias das tribulações da vida presente. Se os sofrimentos da vida parecem intermináveis, o que aconteceria, então, se a duração deles aumentasse com as recordações dos sofrimentos do passado? O senhor, por exemplo, é hoje um bom homem, mas talvez deva isso aos duros castigos que sofreu por malfeitos que agora causariam repugnância a sua consciência; o senhor acha que lhe seria agradável recordar-se de ter sido enforcado por isso? Não o perseguiria a vergonha, ao pensar em que o mundo conhece o mal que o senhor praticou? Que importa o que possa ter feito e o que possa ter suportado para expiar aquele mal, se agora o senhor é um homem estimado?! Aos olhos do mundo, o senhor é um homem novo e aos olhos de Deus, um Espírito reabilitado. Liberto da recordação de um passado importuno, o senhor age com mais liberdade; isso constitui para o senhor um novo ponto de partida; suas dívidas antigas estão pagas; é de sua responsabilidade não contrair outras.

Quantos homens gostariam, assim, de poder jogar, durante a vida, um véu sobre seus primeiros anos! Quantos disseram, ao final de sua peregrinação: “Se fosse para começar de novo, eu não faria o que fiz!” Muito bem! O que eles não têm como refazer nesta vida, vão refazer em outra; em uma nova existência, os seus Espíritos trarão, de forma intuitiva, as sábias resoluções que eles terão adotado. Eis como se perfaz gradualmente o progresso da humanidade.

Imaginemos ainda, o que é um caso bastante corriqueiro, que, em suas relações, em sua própria casa, se encontre um ente de quem o senhor tenha do que se queixar, que talvez o haja arruinado ou desonrado em uma outra existência e que, Espírito arrependido, vem encarnar-se em seu meio, unir-se pelos laços de família, para reparar os males contra o senhor, através de seu devotamento e de sua afeição: não ficariam

um em relação ao outro na situação mais inconveniente, se ambos se recordassem de suas disputas? Em vez de fazerem as pazes, os ódios se perpetuariam.

Conclua daí que a recordação do passado traria a perturbação às relações sociais e seria um entrave ao progresso. Gostaria o senhor de uma prova de nossos dias? Um homem condenado às galés assume a firme deliberação de se tornar honesto; que acontecerá quando de sua libertação? Ele será expulso da sociedade e essa expulsão o mergulha quase sempre no vício. Imaginemos, ao contrário, que todo o mundo desconheça seus antecedentes, e ele será bem acolhido; se ele mesmo conseguisse olvidá-los, nem por isso seria menos honesto e poderia andar de cabeça erguida, em vez de curvá-la por força da vergonha da lembrança.

Isso está perfeitamente conforme à doutrina dos Espíritos a respeito dos mundos acima do nosso. Nesses mundos, onde só reina o bem, a memória do passado não tem nada de penosa; eis porque aí a gente se lembra da existência precedente, como nós nos lembramos do que fizemos na véspera. Quanto à possível estadia em mundos inferiores, não há de ser mais que um sonho ruim.

ELEMENTOS DE CONVICÇÃO

O visitante. — Eu concordo, senhor, com que, do ponto de vista filosófico, a doutrina espírita é perfeitamente racional; mas, fica restando sempre a questão das manifestações, a qual só pode ser solucionada através dos fatos; ora, é a realidade desses fatos que muitas pessoas contestam; o senhor não tem que se surpreender com o desejo expresso de quem queira testemunhá-los.

A. K. — Eu acho esse desejo muito natural; apenas, como eu procuro tornar os fatos proveitosos, explico em quais condições convém postar-se para melhor observá-los e, sobretudo, para compreendê-los; ora, quem não deseja postar-se em tais condições é que não traz em si uma vontade determinada de elucidar-se e, assim, é escusado perder-se tempo com ele.

O senhor compreenderá também que seria esquisito que uma filosofia racional pudesse surgir de fatos ilusórios e controversos. Em boa lógica, a realidade do efeito implica a realidade da causa; se um é verdadeiro, a outra não pode ser falsa, pois onde não existisse nenhuma árvore, ninguém poderia colher frutos.

Nem todo o mundo, é verdade, conseguiu testemunhar os fatos, porque nem todo o mundo se postou nas condições ideais para observá-los nem se muniu com a paciência e a perseverança necessárias. Mas sucede aqui como em todas as ciências: o que uns não fazem, outros fazem; todos os dias aceitamos o resultado dos cálculos astronômicos, sem havê-los feito nós mesmos. Seja qual for, se o senhor considera boa uma filosofia, poderá aceitá-la como aceitaria uma outra, sempre mantendo sua opinião nas trilhas e métodos que o levaram a ela, ou, ao menos, aceitando-a apenas a título de hipótese até mais completa verificação.

Os elementos de convicção não são os mesmos para todo o mundo; o que convence a uns não alcança nenhuma impressão em outros: eis porque é preciso um pouco de cada coisa. Mas é errôneo julgar que as experiências físicas sejam o único meio de convencer. Eu vi os fenômenos mais notáveis não conseguirem criar convicção, onde uma simples resposta escrita triunfou. Quando a gente vê um fato que não compreende, mais é ele extraordinário, mais parece suspeito, e a mente aí busca sempre uma causa qualquer; quando se compreende, é aceito bem mais facilmente, porque apresenta uma razão de ser: o maravilhoso e o sobrenatural desaparecem. Com certeza, as explicações que lhe acabo de fornecer neste diálogo estão longe de ser completas; mas, por mais resumidas que estejam, eu estou convencido de que o levarão a refletir; e, se as circunstâncias o tornarem testemunha de alguns fenômenos de manifestação, o senhor os verá com um olhar menos prevenido, porque terá como assentar o raciocínio sobre uma base.

Existem dois fatores no espiritismo: a parte experimental das manifestações e a doutrina filosófica. Ora, eu me encontro todos os dias com pessoas que não viram nada e que acreditam tão firmemente quanto eu unicamente através do estudo que empreenderam sobre a parte filosófica; para elas, o fenômeno das manifestações é acessório; o principal é a doutrina, o conhecimento; elas a veem tão imensa, tão racional, que nela encontram de tudo para uma satisfação possível de suas íntimas aspirações, à parte o fator das manifestações; donde eles concluem que, imaginando que as manifestações não existam, nem por isso a doutrina não seria a que melhor equaciona uma infinidade de problemas considerados insolúveis. Quantos não disseram que tais ideias haviam brotado em seu cérebro, mas que permaneciam confusas. O espiritismo veio para dar-lhes forma, dar-lhes corpo e foi como um raio de luz para eles. Eis o que explica o número dos adeptos que alcançou a só leitura de *O Livro dos Espíritos*. Acredita o senhor que teria sido assim, se não se tivesse saído da fase das mesas girantes e falantes?

O visitante. — Tem razão o senhor em dizer que das mesas girantes surtiu uma doutrina filosófica; e eu estava longe de suspeitar as consequências possíveis de uma coisa que se via como um simples objeto de curiosidade. Eu vejo agora quanto é vasto o campo aberto através de seu sistema.

A. K. — Aqui, eu vou interrompê-lo, senhor; o senhor me honra muitíssimo ao me atribuir esse sistema, pois não me pertence. Ele foi totalmente deduzido do ensino dos Espíritos. Eu vi, observei, coordenei, e busco fazer com que os outros compreendam o que compreendo eu mesmo; eis aí tudo o que reivindico. Existe entre o espiritismo e os outros sistemas filosóficos esta diferença essencial, a de que estes sistemas se devem todos ao trabalho de homens mais ou menos esclarecidos, ao passo que, para aquele que o senhor me atribui, eu não tenho o mérito de haver inventado um só princípio. Nós dizemos: a filosofia de Platão, de Descartes, de Leibnitz; ninguém há jamais de dizer: a doutrina de Allan Kardec, e isto é justo: pois, que valor teria um nome em tão importante questão? O espiritismo tem colaboradores muitíssimo mais influentes, ao pé de quem somos tão somente átomos.

SOCIEDADE PARA O PROSSEGUIMENTO DAS OBRAS ESPÍRITAS DE ALLAN KARDEC, RUA DE LILLE, 7.

O visitante. — O senhor possui uma sociedade que se ocupa destes estudos; ser-me-ia possível dela participar?

A. K. — Por certo não, neste momento, pois, se, para ser admitido, não precisa ser doutor em espiritismo, precisa, pelo menos, possuir, a respeito deste assunto, ideias mais estáveis que as suas. Como a sociedade não deseja ser perturbada em seus estudos, ela não tem como admitir os que viriam fazê-la perder seu tempo através de questões elementares, nem os que, não nutrindo simpatia por seus princípios e suas convicções, promoveriam a desordem através de discussões fora de hora ou por espírito de contradição. Ela é uma sociedade científica como tantas outras, que se ocupa em aprofundar os vários pontos da ciência espírita, e que procura esclarecer-se; constitui o centro para onde se dirigem os postos de informações de todas as partes do mundo, e onde se elaboram e se coordenam as questões que dizem respeito ao progresso da ciência; mas não se trata de uma escola, nem de um curso de ensino elementar. Mais tarde, quando suas convicções estiverem formadas através do estudo, ela verá se está na hora de admiti-lo. Enquanto aguarda, o senhor poderá, quando muito, comparecer uma ou duas vezes na qualidade de ouvinte, com a condição de não expressar nenhuma reflexão de natureza a ofender ninguém, sem o que, eu, que o terei introduzido, incorrerei em censura por parte de meus colegas, e aquela porta lhe será para sempre fechada. O senhor ali presenciará uma reunião de homens austeros e bons camaradas, a maioria dos quais se recomenda pela superioridade de seu saber e de sua posição social, que não tolerariam que aqueles a quem a sociedade concede acolhida se afastem, seja no que for, das conveniências; pois o senhor não deve julgar que ela esteja convidando o público e chamando o primeiro que passa para suas sessões. Como não promove quaisquer demonstrações para satisfazer a curiosidade, ela afasta com muito zelo os curiosos.

Quem, portanto, julgar encontrar ali uma distração e uma forma de espetáculo ficaria desapontado, fazendo melhor não se apresentar a ela. Eis porque ela se recusa a admitir, mesmo como simples ouvintes, os que não conheça ou cujas disposições hostis sejam notórias.

INTERDIÇÃO AO ESPIRITISMO

O visitante. — Uma derradeira questão, por favor. O espiritismo possui poderosos inimigos; eles não conseguiriam proibir seu exercício e as sociedades, e, por tal meio, sustar sua propagação?

A. K. — Esse seria o meio de perder o jogo um pouco mais cedo, pois a violência é o argumento dos que não têm nada de bom para dizer. Se o espiritismo for uma

quimera, cairá por si mesmo, sem necessidade de tanto trabalho; se o perseguem, é que têm medo dele, e só se teme o que é sério. Se for uma realidade, ele se situa, como eu disse antes, na natureza, e uma lei da natureza não se revoga com uma penada.

Se as manifestações espíritas fossem o privilégio de um homem, ninguém duvida que, ao se anular esse homem, se poria fim às manifestações; infelizmente para os adversários, elas não são um mistério para ninguém; não existe nada de secreto, nada de oculto; tudo se passa à luz do dia; elas estão à disposição de todo o mundo, e se recorre a elas desde o palácio até a mansarda. A gente pode proibir seu exercício público; mas nós sabemos justamente que não é em público que elas se produzem melhor, porém, na intimidade: ora, podendo cada qual ser médium, quem vai impedir uma família no recesso do lar, um indivíduo no silêncio do escritório, o prisioneiro sob os grilhões, de terem comunicações com os Espíritos, sem o conhecimento e às próprias barbas dos esbirros? Vamos admitir, entretanto, que um governo fosse assaz forte para impedi-los em seu país; ele os impediria nos países vizinhos, no mundo inteiro, já que não há um país nos dois continentes onde não existam médiuns?

O espiritismo, de resto, não tem sua origem nos homens; ele é obra dos Espíritos, que não se tem nem como queimar, nem pôr na prisão. Ele subsiste na crença individual e não nas sociedades, que não são absolutamente necessárias. Se chegassem a destruir todos os livros espíritas, os Espíritos os ditariam de novo.

Em suma, o espiritismo é hoje em dia um fato consumado: ele conquistou seu lugar junto ao público e entre as doutrinas filosóficas; precisa, portanto, que as pessoas para quem ele não convenha se resignem a vê-lo em todos os lugares, permanecendo totalmente livres de não se abalarem com ele.

TERCEIRO DIÁLOGO — O PADRE

Um abade. — O senhor me permite dirigir-lhe, por minha vez, algumas questões?

A. K. — Com boa vontade, senhor, mas, antes de lhe responder, penso ser útil dar-lhe a conhecer sobre que terreno eu devo situar-me em relação ao senhor. Eu preciso, primeiro, asseverar que de forma nenhuma buscarei convertê-lo às nossas ideias. Se o senhor deseja conhecê-las às minúcias, irá encontrá-las nos livros onde estão expostas; ali o senhor conseguirá estudá-las à vontade e estará livre para aceitá-las ou rejeitá-las.

O espiritismo tem por alvo combater a incredulidade e suas funestas consequências, fornecendo as provas patentes da existência da alma e da vida futura; ele se endereça, portanto, aos que não creem em nada, *ou que duvidam*, cujo número é grande, como o senhor sabe; os que possuem uma fé religiosa, e a quem *essa fé é suficiente*, não precisam dele. A quem diz: “Eu creio na autoridade da Igreja, e me restrinjo ao que ela ensina, sem nada procurar além”, o espiritismo responde que não se impõe a ninguém nem vem obrigar a nenhuma convicção.

A liberdade de consciência é uma consequência da liberdade de pensar, que é um dos atributos do homem; o espiritismo estaria em contradição com seus princípios de caridade e de tolerância, se não a respeitasse. Aos seus olhos, toda crença, desde que seja sincera e não faculte a que seu próximo cometa erros, é respeitável, ainda que ela mesma contenha falhas. Caso alguém mantivesse sua consciência acreditando, por exemplo, em que é o Sol que gira, nós lhe diríamos: Acredite nisso, se lhe apraz, pois isso não impedirá a Terra de girar; mas, do mesmo modo que não buscamos violentar sua consciência, não procure violentar a dos outros. Se de uma crença, inocente em si mesma, o senhor faz um instrumento de perseguição, ela se torna prejudicial e tem que ser combatida.

Tal é, senhor abade, a linha de conduta que mantive com os ministros dos diversos cultos que se endereçaram a mim. Assim que me questionaram a respeito de alguns pontos da doutrina, eu lhes forneci as explicações necessárias, abstenho-me de discutir certos dogmas com que o espiritismo não tem que se preocupar, estando cada qual livre em sua avaliação: mas eu nunca fui procurá-los com o desígnio de abalar sua fé através de qualquer pressão. Quem vem a nós como um irmão nós acolhemos como irmão; quem nos rejeita nós deixamos quieto. Eis aí o conselho que não paro de dar aos espíritas, pois eu não aprovei jamais quem se atribui a missão de converter o clero. Eu sempre lhes disse: Semeiem no campo dos incrédulos, pois ali existe uma extensa messe a ser colhida.

O espiritismo não se impõe, porque, como venho dizendo, respeita a liberdade de consciência; ele sabe, de resto, que toda crença imposta é superficial e só oferece as aparências da fé, não a fé sincera. Ele mostra seus princípios aos olhos de todos, de modo que cada um consiga formar sua opinião com conhecimento de causa. Os que os aceitam, padres ou laicos, fazem-no livremente, e porque os consideram racionais; mas nós não censuramos absolutamente os que não concordam conosco. Se existe luta hoje em dia entre a Igreja e o espiritismo, nós temos consciência de não tê-la provocado.

O padre. — Se a Igreja, ao ver surgir uma nova doutrina, encontra alguns princípios que, na sua consciência, acredita ter que condenar, contesta-lhe o senhor, portanto, o direito de discuti-los e de combatê-los, de premunir seus fiéis contra o que ela considera errado?

A. K. — De nenhum modo nós contestamos um direito que reclamamos para nós mesmos. Se ela se mantivesse dentro dos limites da discussão, nada de melhor; mas leia os escritos emanados dos seus membros ou publicados em nome da religião, os sermões que se pregaram, aí o senhor verá, na maior parte, a injúria e a calúnia transbordar por todos os lados, e os princípios da doutrina em todo lugar adulterados de modo indigno e maldoso. Não temos nós ouvido, do alto do púlpito, nossos partidários qualificados de inimigos da sociedade e da ordem pública; os que a doutrina reconduziu para a fé anatematizados e rejeitados pela Igreja, argumentando que acha preferível ser incrédulo a crer em Deus e na própria alma através do espiritismo? Não sentiram saudade, por causa deles, das fogueiras da inquisição? Em certas localidades, não foram assinalados para a animadversão de seus concidadãos, a ponto de serem perseguidos e injuriados nas ruas? Não mandaram que todos os fiéis fugissem deles como de pestilentos, proibindo os empregados de ficar a seu serviço? Não

recomendaram às mulheres que se separassem de seus maridos, e os maridos de suas mulheres, por causa do espiritismo? Não fizeram quem estava empregado perder seu lugar, tirando dos operários o pão do trabalho e dos infelizes o pão da caridade porque eram espíritas? Não foram postos para fora de certos asilos até os cegos, porque não quiseram abjurar sua crença? Diga-me, senhor abade, é essa a discussão leal? Os espíritas responderam injúria por injúria, mal por mal? Não. A tudo eles opuseram a calma e a moderação. A consciência pública já lhes pronunciou este veredicto: eles não foram os agressores.

O padre. — Todo homem sensato deplora tais excessos; mas a Igreja não poderia ser responsável pelos abusos praticados por alguns de seus membros pouco esclarecidos.

A. K. — Eu estou de acordo com isso; mas esses membros pouco esclarecidos são os príncipes da Igreja? Veja a pastoral do bispo de Argel e algumas outras. Não foi um bispo quem ordenou o auto-de-fé de Barcelona? A autoridade eclesiástica superior não possui todo o poder sobre os seus subordinados? Se ela tolera alguns sermões indignos do púlpito evangélico, se ela favorece a publicação de escritos injuriosos e difamatórios contra uma classe de cidadãos, se ela não se opõe às perseguições exercidas em nome da religião, é que ela os aprova.

Em suma, a Igreja, ao expulsar sistematicamente os espíritas que regressavam a ela, forçou-os a recuar sobre seus passos; através da natureza e da violência de seus ataques, ela ampliou a discussão e a transferiu para um campo novo. O espiritismo era apenas uma simples doutrina filosófica; foi ela mesma que o fez crescer, ao apresentá-lo como um inimigo temível; foi ela, enfim, que o proclamou uma nova religião. Foi uma inépcia; a paixão, porém, não raciocina.

Um livre pensador. — O senhor proclamou há pouco a liberdade de pensamento e de consciência e declarou que toda crença sincera é respeitável. O materialismo é uma crença como qualquer outra; por que não desfrutaria da liberdade que o senhor faculta a todas as crenças?

A. K. — Decerto, cada qual é livre de acreditar no que lhe apraz, ou de não acreditar em nada de nada, e nós não teríamos maiores razões para justificar uma perseguição contra quem acredita no nada depois da morte, do que contra um cismático de uma religião qualquer. Ao combatermos o materialismo, nós atacamos, não os indivíduos, mas uma doutrina que, se é inofensiva para a sociedade quando se limita ao foro íntimo da consciência de algumas pessoas eruditas, é uma calamidade social quando se espalha.

A crença de que tudo finda para o homem após a morte, que toda solidariedade cessa com a vida, o leva a considerar o sacrifício do bem-estar atual em proveito de outrem como um logro; daí a máxima: Cada um por si durante a vida, já que não existe nada depois. A caridade, a fraternidade, a moral, em suma, carecem de base, de justificativa. Por que nos incomodarmos, nos constrangermos, nos privarmos hoje, quando, amanhã talvez, nós não existiremos mais? A negação do futuro, a simples dúvida a respeito da vida futura são os maiores estimulantes do egoísmo, fonte da maior parte dos males da humanidade. Precisa-se de uma enorme virtude para se deter ante a ribanceira do vício e do crime, sem outro freio além da força da própria vontade.

O respeito humano consegue deter o homem do mundo, mas não aquele para quem o medo da reputação é nulo.

A crença na vida futura, manifestando a perpetuidade das relações entre os homens, estabelece entre eles uma solidariedade que não para no túmulo: ela muda, portanto, o curso dos ideais. Se essa crença fosse simplesmente um espantalho, passaria logo; mas como sua realidade é um fato demonstrado pela experiência, temos o dever de divulgá-la e de combater a crença contrária, no interesse mesmo da ordem social. Eis o que faz o espiritismo; e o faz com sucesso, porque fornece as provas, e porque, positivamente, o homem prefere ter a certeza de viver, e de poder viver feliz em um mundo melhor, para compensação das misérias deste aqui, a acreditar que morrerá para sempre. O pensamento de nos vermos para sempre desaparecidos, de julgarmos os filhos e os seres que nos são caros perdidos sem regresso, sorri para pouquíssimos, creia-me; eis porque os ataques dirigidos contra o espiritismo em nome da incredulidade têm tão pouco sucesso e não o abalaram por um só instante.

O padre. — A religião vem ensinando tudo isso; até agora, ela tem sido suficiente; qual é, então, a necessidade de uma nova doutrina?

A. K. — Se a religião é suficiente, por que há tantos incrédulos, religiosamente falando? A religião nos vem ensinando, é verdade; ela nos tem dito para crer; mas existem tantas pessoas que não acreditam por ouvir dizer! O espiritismo comprova e torna concreto o que a religião ensina através da teoria. Aliás, donde vêm as provas? Da manifestação dos Espíritos. Ora, o mais certo é que os Espíritos só se manifestem com a permissão de Deus; logo, se Deus, em sua misericórdia, envia aos homens esse amparo para sacá-los da incredulidade, é uma impiedade o fato de rejeitá-lo.

O padre. — Não obstante, o senhor não discorda de que o espiritismo não está de acordo em todos os pontos com a religião.

A. K. — Deus meu, senhor abade! Todas as religiões dirão outro tanto: os protestantes, os judeus, os muçulmanos, assim como os católicos.

Se o espiritismo negasse a existência de Deus, da alma, de sua individualidade e de sua imortalidade, das penas e das recompensas futuras, do livre-arbítrio do homem; se ele ensinasse que cada um vive no mundo para si e tem que pensar só em si, ele não seria somente contrário à religião católica, mas a todas as religiões do mundo; isso seria a negação de todas as leis morais que fundamentam as sociedades humanas. Longe disso. Os Espíritos proclamam um Deus único, soberanamente justo e bom; eles afirmam que o homem é livre e responsável por seus atos, premiado e punido segundo o bem ou o mal que haja praticado; eles situam acima de todas as virtudes a caridade evangélica e esta regra sublime ensinada pelo Cristo: Fazer aos outros como gostaríamos que fizessem a nós. Não estão aí os fundamentos da religião? Eles fazem mais: eles nos iniciam nos mistérios da vida futura, que não constitui mais para nós uma abstração, mas uma realidade, pois são as mesmas pessoas que conhecemos que vêm expor-nos sua situação, dizer-nos como e por que sofrem ou são ditosas. Que há aí de anti-religioso? Essa certeza do futuro, de reencontrar os que amamos, não é uma consolação? Essa grandiosidade da vida espiritual, a qual constitui nossa essência, comparada às mesquinhas preocupações da vida terrestre, não é adequada para elevar nossa alma e para nos encorajar a praticar o bem?

O padre. — Eu concordo que, nas questões gerais, o espiritismo se ajusta às grandes verdades do cristianismo; mas se passa o mesmo quanto aos dogmas? Não contradiz ele certos princípios que a Igreja nos ensina?

A. K. — O espiritismo é, antes de mais nada, uma ciência, e não se ocupa de modo nenhum com questões dogmáticas. Essa ciência apresenta consequências morais, como todas as ciências filosóficas; essas consequências são boas ou más? É possível julgá-las através dos princípios gerais que acabo de mencionar.

Algumas pessoas fazem confusão a respeito do verdadeiro caráter do espiritismo. A questão é assaz importante a ponto de merecer alguns comentários.

Façamos, primeiro, uma comparação: estando a eletricidade na natureza, existiu sempre e sempre também produziu os efeitos que nós conhecemos e muitos outros que nós não conhecemos ainda. Os homens, na ignorância da verdadeira causa, explicaram esses efeitos de maneira mais ou menos bizarra. A descoberta da eletricidade e de suas propriedades veio revogar uma infinidade de teorias absurdas, ao projetar luz sobre mais de um mistério da natureza. O que a eletricidade e as ciências físicas em geral fizeram em relação a certos fenômenos, o espiritismo faz em relação a fenômenos de outra ordem.

O espiritismo está baseado na existência de um mundo invisível, formado de seres incorpóreos que povoam o espaço e que são as almas dos que viveram na Terra ou em outros globos, onde deixaram seu invólucro material. São esses os seres a que damos o nome de Espíritos. Eles nos cercam o tempo todo, exercendo nos homens, à revelia, grande influência; eles representam um papel muito ativo no mundo moral, e, até certo ponto, no mundo físico. O espiritismo está, portanto, na natureza e podemos dizer que, dentro de certa ordem de ideias, é uma força, como é a eletricidade, sob outro ponto de vista, como é a gravitação, sob outro ainda. Os fenômenos cuja fonte é o mundo invisível se produziram em todos os tempos; eis porque a história de todos os povos lhes faz menção. Entretanto, em sua ignorância, como ocorreu com a eletricidade, os homens atribuíram tais fenômenos a causas mais ou menos lógicas e possibilitaram, com isso, um livre curso à sua imaginação.

O espiritismo, melhor observado após popularizar-se, veio projetar luz em uma infinidade de questões até então insolúveis ou mal interpretadas. Seu verdadeiro caráter é, assim, o de uma ciência, e não de uma religião; e a prova disso é que conta, entre seus adeptos, com homens de todas as fés, que nem por isso renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos, que continuam praticando todos os deveres de seu culto, quando não são expulsos pela Igreja, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e até budistas e bramanistas.

Portanto, ele repousa sobre princípios independentes de qualquer questão dogmática. Suas implicações morais caminham no sentido do cristianismo, porque o cristianismo é, dentre todas as doutrinas, a mais iluminada e a mais pura; é essa a razão por que, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos são os mais aptos a compreender-lhe sua verdadeira essência. Podem, por disso, censurá-lo? Cada um, sem dúvida, pode transformar em religião suas opiniões, interpretar à sua vontade as religiões conhecidas, mas daí à constituição de uma nova igreja, a coisa vai longe.

O padre. — Não procede o senhor, no entanto, às evocações, segundo uma fórmula religiosa?

A. K. — Com certeza nós adicionamos um sentimento religioso às evocações e às nossas reuniões, mas sem caráter de sacramento; para os Espíritos, o pensamento é tudo e a forma não é nada. Nós os chamamos em nome de Deus, porque nós cremos em Deus, porque sabemos que nada se faz neste mundo sem sua permissão, e porque, se Deus não permitir que venham, eles não virão; nós procedemos em nossos trabalhos com calma e recolhimento, porque essa é uma condição necessária para as observações, e, em segundo lugar, porque nós sabemos do respeito que se deve a quem não vive mais na Terra, qualquer que seja sua condição, feliz ou infeliz, no mundo dos Espíritos; nós apelamos aos bons Espíritos, porque, sabendo que existem bons e maus, nós nos precavemos quanto a que estes últimos venham a se intrometer, por meio de fraude, nas comunicações que recebemos. O que tudo isso comprova? Que nós não somos ateus, mas isso não implica, em absoluto, que sejamos sectários de uma religião.

O padre. — Muito bem! Que dizem os Espíritos superiores no tocante à religião? Os bons têm que aconselhar-nos, guiar-nos. Eu imagino que não tenho nenhuma religião e desejo uma. Se eu lhes perguntar: “Os senhores me aconselham a que me torne católico, protestante, anglicano, quacre, judeu, maometano ou mórmon?”, que responderão eles?

A. K. — Há dois pontos a serem considerados nas religiões: os princípios gerais, comuns a todas, e os princípios peculiares a cada uma. Os primeiros são os de que falamos há pouco; são os que todos os Espíritos proclamam, seja qual for sua situação. Quanto aos outros, os Espíritos *vulgares*, sem serem maus, podem apresentar preferências, opiniões; eles podem preconizar tal ou qual culto. Eles podem, assim, encorajar certas práticas, seja por convicção pessoal, seja porque conservaram os ideais da vida terrestre, seja por prudência, para não intimidar as consciências retraídas. O senhor acredita, por exemplo, em que um Espírito esclarecido, Fénelon, por exemplo, endereçando-se a um muçulmano, irá inabilmente dizer-lhe que Maomé é um impostor, e que será condenado se não se tornar cristão? Ele se resguardará, porque seria repudiado.

Os Espíritos superiores em geral, e quando não são solicitados para alguma consideração particular, não se preocupam com questões menores; eles se limitam a dizer: “Deus é bom e justo; ele só deseja que se faça o bem”; logo, a melhor de todas as religiões é a que ensina de acordo com a bondade e a justiça de Deus; que fornece de Deus a melhor ideia, a mais sublime, e não o avilta atribuindo-lhe as mesquinhas e as paixões humanas; que torna os homens bons e virtuosos e os ensina a se amarem todos como irmãos; que condena cada mal feito a seu próximo; que não aprova a injustiça, sob qualquer forma ou pretexto que seja; que não prescreve nada que contrarie as leis imutáveis da natureza, pois Deus não tem como contradizer-se; a religião cujos ministros oferecem o melhor exemplo de bondade, de caridade e de moralidade; a que melhor procura combater o egoísmo e que menos adula o orgulho e a vaidade dos homens; aquela, enfim, em cujo nome menos se pratica o mal, pois uma boa religião não tem como ser, ela mesma, a desculpa para nenhum mal: ela não pode deixar-lhe

nenhuma porta aberta, nem diretamente, nem através de interpretação. Veja, julgue e escolha.

O padre. — Eu imagino que certos pontos da doutrina católica sejam contestados pelos Espíritos que o senhor toma como superiores; eu imagino mais ainda: que esses pontos sejam errôneos; existem pessoas para quem eles são, no erro ou na certeza, artigos de fé, e que os praticam em decorrência disso; nesse caso, essa crença pode ser, segundo esses mesmos Espíritos, prejudicial à sua salvação?

A. K. — Com certeza não, se tal crença não o demove de praticar o bem; se, ao contrário, o exorta a isso; ao passo que a crença, por melhor fundamentada que seja, o prejudicará, evidentemente, se lhe faculta praticar o mal, faltar com a caridade em relação a seu próximo, se o torna duro e egoísta, pois, então, ele não estará agindo segundo a lei de Deus, e Deus observa o pensamento de preferência aos atos. Quem ousaria sustentar o contrário?

O senhor julga, por exemplo, que para um homem que acreditasse perfeitamente em Deus e que, em nome de Deus, cometesse alguns atos desumanos ou contrários à caridade, sua fé viria a ser-lhe de bom proveito? Não é ele tanto mais culpado quanto maiores os meios de se esclarecer?

O padre. — Assim, o católico fervoroso que cumpre escrupulosamente os deveres do seu culto não é criticado pelos Espíritos?

A. K. — Não, se for para ele uma questão de consciência e se o fizer com sinceridade; sim, mil vezes sim, se for por hipocrisia e se existir nele apenas uma piedade aparente.

Os Espíritos superiores, a quem cabe por missão o progresso da humanidade, se levantam contra todos os abusos que possam retardar esse progresso, seja qual for sua natureza e sejam quais forem os indivíduos ou as classes da sociedade que tiram vantagem deles. Ora, o senhor não irá negar que a religião nem sempre esteve isenta disso; se, entre seus ministros, existem os que perfazem sua missão com devotamento totalmente cristão, que a tornam grande, bela e respeitável, o senhor há de convir que nem sempre todos compreenderam a santidade de seu ministério. Os Espíritos fazem fenecer o mal esteja onde estiver; assinalar os abusos da religião será atacá-la? Ela não possui maiores inimigos do que quem defende tais abusos, pois são eles que dão origem ao pensamento de que algo melhor pode tomar o lugar dela. Caso a religião esteja correndo um perigo qualquer, é preciso vinculá-lo aos que passam uma ideia falsa ao transformá-la em arena das paixões humanas, e que a exploram em proveito de sua ambição.

O padre. — O senhor diz que o espiritismo não discute os dogmas, contudo, ele admite certos pontos combatidos pela Igreja, tais como, por exemplo, a reencarnação, a presença do homem na Terra antes de Adão; ele nega a eternidade das penas, a existência dos demônios, o purgatório, o fogo do inferno.

A. K. — Esses pontos vêm sendo discutidos há muito tempo mas não foi o espiritismo quem os levantou; constituem opiniões, algumas das quais estão em controvérsia dentro da própria teologia, e que o futuro julgará. Um importante princípio se sobrepõe a todos: a prática do bem, que é a lei superior, a condição *sine qua non* de nosso futuro, como nos comprova o estado dos Espíritos que se comunicam

conosco. Enquanto aguarda que a luz se faça para o senhor sobre essas questões, acredite, se quiser, nas chamas e nas torturas materiais, caso isso consiga impedi-lo de praticar o mal: isso não as tornará mais reais, já que não existem. Acredite em que temos apenas uma existência corpórea, se lhe aprouver: isso não o impedirá de renascer aqui ou alhures, caso seja preciso, malgrado a sua vontade; acredite em que o mundo foi criado por inteiro, em seis vezes vinte e quatro horas, se for essa sua opinião: isso não impedirá a Terra de trazer registrada em suas camadas geológicas a comprovação do contrário; acredite, se quiser, em que Josué parou o Sol: isso não impedirá a Terra de girar; acredite em que o homem se encontra na Terra apenas há seis mil anos: isso não impedirá os fatos de evidenciarem sua impossibilidade. E que dirá o senhor se, um belo dia, essa inexorável geologia vier a demonstrar, através de sinais inofismáveis, a anterioridade do homem, como demonstrou tantas outras coisas? Acredite, portanto, em tudo o que quiser, mesmo no diabo, se tal crença é capaz de torná-lo bom, humano e caridoso para com seus semelhantes. O espiritismo, como doutrina moral, só impõe uma coisa: a necessidade de praticar o bem e nunca o mal. É uma ciência de observação que, eu repito, apresenta consequências morais, e tais consequências são a confirmação e a comprovação dos importantes princípios da religião; quanto às questões secundárias, ele as deixa para a consciência de cada um.

Observe bem que alguns dos pontos divergentes que o senhor acaba de relacionar o espiritismo não contesta em princípio. Se houvesse lido tudo o que eu escrevi sobre esse assunto, teria percebido que ele se limita a lhes oferecer uma explicação mais lógica e mais racional que a que lhes dão comumente. Eis que, por exemplo, ele não nega o purgatório; ele demonstra, ao contrário, sua necessidade e sua justiça; mas ele faz mais, ele o define. O inferno foi descrito como uma imensa fornalha; mas é assim que o interpreta a alta teologia? Evidentemente, não; ela diz de modo bem claro que se trata de uma figura; que o fogo em que a gente queima é um fogo moral, símbolo das maiores dores.

Quanto à eternidade das penas, se fosse possível votar para conhecer a opinião íntima de todos os homens em situação de raciocinar ou de compreender, até mesmo entre os mais religiosos, veríamos de que lado está a maioria, porque a ideia de uma eternidade de suplícios é a negação da infinita misericórdia de Deus.

Eis aqui, de resto, o que afirma a doutrina espírita a respeito:

A duração do castigo se subordina à melhoria do Espírito culpado. Nenhuma condenação por tempo determinado é pronunciada contra ele. O que Deus exige para pôr fim aos sofrimentos é o arrependimento, a expiação e a *reparação*, em suma, u'a melhoria séria, efetiva, e uma volta sincera para o bem. O Espírito é, portanto, o juiz de seu próprio destino; ele pode prolongar seus sofrimentos através de sua insensibilidade em relação ao mal; ele pode suavizá-los ou abreviá-los através de seus esforços em praticar o bem.

Estando a duração do castigo subordinada ao arrependimento, resulta que o Espírito culpado que não se arrependesse e jamais se aperfeiçoasse sofreria sempre, como também resulta que, para ele, a pena pareceria eterna. A eternidade das penas, portanto, temos que entender no sentido relativo e não no sentido absoluto.

Uma situação inerente à inferioridade dos Espíritos é a de nunca verem o término de sua condição de acreditarem em que sofrerão para sempre; é, para eles, um castigo. Mas, uma vez que sua alma se abra ao arrependimento, Deus faz com que entrevejam um raio de esperança. Esta doutrina, evidentemente, está mais de acordo com a justiça de Deus que pune enquanto se persiste no mal e que perdoa, quando se adentra o bom caminho. Quem a imaginou? Fomos nós? Não; são os Espíritos que a ensinam e comprovam através dos exemplos que põem diariamente diante de nossos olhos.

Os Espíritos não contestam, portanto, as penas futuras, já que eles descrevem seus próprios sofrimentos; e tal quadro nos impressiona mais que o das chamas eternas, porque tudo aí é perfeitamente lógico. Compreendemos que isso é possível, que deve ser assim, que essa situação é uma consequência totalmente natural das coisas: fato que alcança ser aceito pelo pensador e filósofo, porque nada aí repugna à razão. Eis aqui porque as crenças espíritas reconduziram ao bem uma infinidade de pessoas, de materialistas mesmo, que o medo do inferno, tal como nos é pintado, não havia demovido.

O padre. — Admitindo-se esse seu raciocínio, considera, então, o senhor que se devem mostrar ao povo as imagens mais assustadoras, de preferência a uma filosofia que ele não alcança compreender?

A. K. — Esse é um erro que deu origem a mais de um materialista ou, no mínimo, apartou mais de um homem da religião. Chega um momento em que essas imagens não chocam mais e, então, as pessoas que não aprofundam os conhecimentos, ao rejeitarem uma parte, rejeitam o todo, porque afirmam: Se me ensinaram como sendo uma verdade incontestável um preceito que é falso, se me ofereceram uma imagem, uma figura em lugar da realidade, quem me diz que o resto é mais autêntico? Se, ao contrário, a razão, ao progredir, nada desaprova, a fé se fortifica. A religião ganhará sempre ao seguir o progresso das ideias; toda vez que ela perigar, é que os homens terão avançado e ela ficado para trás. É um engano de época acreditar em que se consegue, hoje em dia, conduzir os homens através do medo ao demônio e às torturas eternas.

O padre. — A Igreja, com efeito, já reconhece que o inferno material é uma representação; mas isso não impede a existência dos demônios; sem eles, como explicar a influência do mal, que não tem como provir de Deus?

A. K. — O espiritismo não admite os demônios no sentido habitual do vocábulo, mas admite os maus Espíritos, que não têm maior valor que aqueles e praticam a mesma maldade ao suscitar maus pensamentos; apenas ele ressalva que não se trata de seres à parte, criados e perpetuamente devotados ao mal, espécie de párias da criação e carrascos do gênero humano; são seres atrasados, ainda imperfeitos, mas a quem Deus preserva o futuro. Isso está de acordo com a Igreja Ortodoxa Grega, que admite a conversão de Satã, alusão à melhoria dos maus Espíritos. Observe ainda, senhor, que a palavra *demônio* só implica a ideia de mau Espírito pela conotação moderna que lhe foi dada, porque a palavra grega *daímon* [daí, mwn] significa *gênio*, *inteligência*. Ora, admitir a comunicação dos maus Espíritos é reconhecer em princípio a realidade das manifestações. É preciso saber se são os únicos que se comunicam, como

assevera a Igreja, para justificar a proibição que estabelece quanto à comunicação com os Espíritos. Aqui nós invocamos o argumento e os fatos. Se Espíritos, sejam quem for, se comunicam, isso se dá com a permissão de Deus: seria compreensível que ele o permita só aos maus? Mas como?! Enquanto estivesse dando a estes total liberdade de vir enganar os homens, ele proibiria os bons de vir contrabalançar, neutralizar as perniciosas doutrinas dos outros? Acreditar em que seja assim não seria pôr em dúvida seu poder e sua bondade e promover Satã a rival da Divindade? A Bíblia, o Evangelho, os Pais da Igreja reconhecem perfeitamente a possibilidade de comunicação com o mundo invisível, e de tal mundo os bons não estão excluídos; por que, então, eles estariam excluídos no dia de hoje? De resto, admitindo a Igreja a autenticidade de certas aparições e comunicações de santos, exclui *ipso facto* a ideia de que só podemos estabelecer contato com os maus Espíritos. Com certeza, quando as comunicações só contêm coisas boas; quando só pregam a moral evangélica mais pura e mais sublime, a abnegação, o desinteresse e o amor ao próximo; quando combatem o mal, qualquer seja a cor com que se traje, é racional acreditar em que o Espírito maligno esteja vindo assim sentar-se no banco dos réus?

O padre. — O Evangelho nos ensina que o anjo das trevas, ou Satã, se transforma em anjo de luz para seduzir os homens.

A. K. — Satã, segundo o espiritismo e a opinião de muitos filósofos cristãos, não é um ser real; é a personificação do mal, como outrora Saturno era a personificação do tempo.

A Igreja interpreta literalmente essa figura alegórica; é um problema de opinião que eu nunca discutirei.

Admitamos, por um segundo, que Satã seja um ser real; a Igreja, à custa de exagerar seu poder com o fito de aterrorizar, consegue um resultado totalmente contrário, quer dizer, a destruição, não só de todo medo, mas também de toda crença naquela figura, segundo o provérbio: “Quem muito quer provar nada prova.” Ela o representa como eminentemente finório, malicioso e astuto, mas, quando se trata do espiritismo, manda que desempenhe o papel de um bobo e de um inepto.

Desde que a meta de Satã é a de alimentar o inferno com suas vítimas e roubar de Deus as almas, entendemos que ele se enderece a quem esteja no bem para os induzir ao mal, e que, por essa razão, ele se transforme, conforme uma esplêndida alegoria, em anjo de luz, quer dizer, que represente um hipócrita a simular a virtude; mas que deixe escapar os que tem já em suas garras é o que não entendemos. Os que não acreditam nem em Deus, nem na própria alma, os que desprezam a prece e estão chafurdados no vício pertencem-lhe tanto quanto é possível pertencer a alguém; ele não tem mais nada que fazer para os atolar ainda mais no lodaçal; ora, excitá-los a retornar a Deus, a orar a ele, a sujeitar-se à sua vontade, encorajá-los a renunciar ao mal mostrando-lhes a felicidade dos eleitos e o triste destino reservado aos perversos, seria a conduta de um boçal, mais estúpido do que libertar os pássaros da gaiola, com o pensamento de caçá-los de novo em seguida.

Existe, assim, na doutrina da comunicação exclusiva dos demônios, uma contradição que choca todo homem sensato; eis porque não ficaremos jamais persuadidos de que os Espíritos que reconduzem a Deus os que o negavam e ao bem,

os que praticavam o mal, de que os Espíritos que consolam os aflitos, que dão força e coragem aos fracos, que, através da sublimidade de seus ensinamentos, elevam a alma acima da vida material, estejam endemoninhados, e de que, por esse motivo, temos que impedir toda relação com o mundo invisível.

O padre. — Se a Igreja proíbe as comunicações com os Espíritos dos mortos é porque são contrárias à religião, uma vez que estão formalmente condenadas pelo Evangelho e por Moisés. Este último, pronunciando a pena de morte contra tais práticas, comprova quanto são elas repreensíveis aos olhos de Deus.

A. K. — O senhor me desculpe, mas essa proibição não se encontra em parte alguma no Evangelho; ela está somente na lei mosaica. Logo, trata-se de saber se a Igreja põe a lei mosaica acima da lei evangélica, ou seja, se ela é mais judaica que cristã. Devemos observar que, de todas as religiões, a que faz a menor oposição ao espiritismo é a judaica e que ela nunca invocou a lei de Moisés, nas quais se louvam as seitas cristãs. Se as prescrições bíblicas são o código da fé cristã, por que impedir a leitura da Bíblia? Que diriam caso se proibisse a um cidadão de estudar o código das leis de seu país?

A proibição feita por Moisés tinha na época sua razão de ser, porque o legislador hebreu desejava que seu povo rompesse com todos os costumes hauridos dos egípcios, e este de que estamos tratando era um motivo de abuso. Não se evocavam os mortos por respeito e afeição a eles, nem com um sentimento de piedade; era um meio de adivinhação, o artigo de um tráfico vergonhoso explorado pelo charlatanismo e pela superstição; Moisés teve razão, pois, em proibi-lo. Se ele pronunciou contra tal abuso uma severa condenação, é que precisava de meios rigorosos para governar aquele povo indisciplinado; por isso a pena de morte é pródiga em sua legislação. A gente se apoia erroneamente na severidade do castigo para comprovar o grau de culpabilidade em relação à evocação dos mortos.

Se a proibição de evocar os mortos veio de Deus mesmo, como pretende a Igreja, tem que ser Deus “quem editou a pena de morte contra os delinquentes”. A pena tem, portanto, uma origem tão sagrada quanto a proibição; por que não a conservaram? Moisés promulgou todas as suas leis em nome de Deus e por ordem dele. Caso se acredite em que Deus seja seu autor, por que não são mais observadas? Se a lei de Moisés é para a Igreja um artigo de fé em relação a um ponto, por que não é em relação a todos? Por que recorrer a ela no caso de necessidade e rejeitá-la quanto ao que não convém? Por que não cumpri-la em todas as prescrições, a da circuncisão entre outras, a qual Jesus sofreu e nunca aboliu?

Existiam na lei mosaica duas partes: 1.^a) a lei de Deus, resumida nas tábuas do Sinai; essa lei permaneceu porque era divina e o Cristo apenas a desenvolveu; 2.^a) a lei civil ou disciplinar, adequada aos costumes da época e que o Cristo aboliu.

Hoje em dia, as circunstâncias não são mais as mesmas e a proibição de Moisés não tem mais motivo. De resto, se a Igreja proíbe evocar os Espíritos, é ela capaz de impedi-los de vir sem que se evoquem? Não vemos todos os dias certas pessoas que não se ocuparam jamais com espiritismo, como víamos antes de sua difusão, obter manifestações de todos os gêneros?

Outra contradição: se Moisés proibiu de se evocarem os Espíritos dos mortos, é que, portanto, esses Espíritos são capazes de atender; caso contrário, a proibição teria sido inútil. Se eles eram capazes de atender na sua época, eles também são hoje em dia; se eles são os Espíritos dos mortos, não são, portanto, exclusivamente demônios. Precisa que haja lógica antes de tudo.

O padre. — A Igreja não nega que os bons Espíritos sejam capazes de comunicar-se, dado que reconhece que os santos realizaram manifestações; mas não tem ela como considerar bons os que vêm contradizer seus princípios imutáveis. Os Espíritos consignam as penas e as recompensas futuras, mas não consignam da mesma forma que ela; somente ela é capaz de julgar os ensinamentos deles e distinguir os bons dos maus.

A. K. — Eis aí a grande questão. Galileu foi acusado de heresia e de ser inspirado pelo demônio, porque revelou uma lei da natureza, comprovando o erro de uma crença que se considerava inatacável; ele foi condenado e excomungado. Se os Espíritos tivessem concordado em todos os pontos com o sentido exclusivo da Igreja, se eles não tivessem proclamado a liberdade de consciência e condenado certos abusos, teriam sido bem-vindos e não teriam sido qualificados de demônios.

Tal é também a razão por que todas as religiões, os muçulmanos tanto quanto os católicos, acreditando-se na posse exclusiva da verdade absoluta, consideram como obra do demônio qualquer doutrina que não seja inteiramente ortodoxa, segundo seu ponto de vista. Ora, os Espíritos vêm não para confundir a religião mas, como Galileu, para revelar novas leis da natureza. Se alguns pontos de fé sofrem tal efeito, é que, como a crença no movimento do Sol, eles se encontram em contradição com essas leis. A questão é de saber se um artigo de fé tem como anular uma lei da natureza, que é obra de Deus, e se, proclamada essa lei, não é mais prudente interpretar o dogma no sentido da lei, em lugar de atribuí-la ao demônio.

O padre. — Passemos por sobre a questão dos demônios; eu sei que ela é diferentemente interpretada pelos teólogos; mas o sistema da reencarnação me parece mais difícil de conciliar com os dogmas, pois se trata apenas da metempsicose reformulada de Pitágoras.

A. K. — Não é este o melhor momento de discutir uma questão que exigiria extensos desenvolvimentos; o senhor a encontrará tratada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*³. Assim, eu não direi mais que duas palavras a respeito.

A metempsicose dos antigos consistia na transmigração da alma do homem para os animais, o que implicava uma degradação. Aliás, essa doutrina não era o que se acredita de ordinário. A transmigração para os animais não era considerada uma condição inerente à natureza da alma humana, mas como um castigo temporário; eis porque as almas dos assassinos passavam para o corpo de bestas ferozes, para aí receber sua punição; a dos impudicos, para os porcos e os javalis; as dos inconstantes e dos atordoados, para os pássaros; as dos preguiçosos e dos ignorantes, para os animais aquáticos. Após alguns milhares de anos, mais ou menos conforme a culpabilidade, a

³ O Livro dos Espíritos, n.ºs 166 e seg.º, 222 e 1010. O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap.º IV e V.

alma retornaria dessa espécie de prisão para a humanidade. A encarnação animal não era, portanto, uma condição absoluta, e ela se equiparava, como se vê, à reencarnação humana, e a prova disso é que a punição dos homens tímidos consistia em passar para o corpo de mulheres expostas ao desprezo e às injúrias⁴. Era uma espécie de espantinho para os simples, bem mais do que um artigo de fé junto aos filósofos. Nós dizemos às crianças: “Se vocês forem maus, o lobo vem comê-los.” Os antigos, do mesmo jeito, diziam aos criminosos: “Vocês se transformarão em lobos.” Hoje em dia se diz a eles: “O diabo os pegará e carregará com vocês para o inferno.”

A pluralidade das existências, segundo o espiritismo, difere essencialmente da metempsicose pelo fato de não admitir a encarnação da alma humana nos animais, nem mesmo como punição. Os Espíritos ensinam que a alma não retrocede, mas que progride sem parar. Suas diferentes existências corpóreas se completam na humanidade; cada existência é para ela um passo avante na estrada do progresso intelectual e moral, o que é bem diferente. Não conseguindo adquirir um desenvolvimento completo em uma só existência, amiúde abreviada por causas acidentais, Deus lhe permite continuar, em uma nova encarnação, a tarefa que ela não alcançou terminar, ou recomeçar a que executou mal. A expiação, na vida corpórea, consiste nas tribulações que se suportam.

Quanto à questão de saber se a pluralidade das existências é ou não é contrária a certos dogmas da Igreja, eu me limitarei a dizer o seguinte:

De duas, uma: ou a reencarnação existe ou não existe; se existe é que está nas leis da natureza. Para provar que ela não existe, precisaria provar que ela é contrária, não aos dogmas, mas àquelas leis, e provar que se seja capaz de achar uma outra lei que explique mais claramente e mais logicamente as questões que só uma lei consegue resolver.

Aliás, é fácil de demonstrar que certos dogmas acham nas leis naturais uma sanção racional que faz com que sejam aceitos por quem os rejeitava por falta de compreensão. Não se cuida, portanto, de destruir, mas de interpretar, o que sucederá mais tarde naturalmente. Quem não quiser aceitar a interpretação estará perfeitamente livre, como está hoje em dia de acreditar em que é o Sol que gira. A ideia da pluralidade das existências se populariza com espantosa rapidez em razão de sua extraordinária lógica e de sua conformidade com a justiça de Deus. Quando for reconhecida como verdade natural e aceita por todo o mundo, que fará a Igreja?

Em suma, a reencarnação não é em absoluto um sistema imaginado em função das necessidades de uma causa, nem é uma opinião pessoal; ela é ou não é um fato.

Se queda demonstrado que certas coisas existentes são materialmente impossíveis sem a reencarnação, é preciso sensatamente admitir que são o resultado da reencarnação; logo, como está na natureza, não pode ser invalidada por um parecer contrário.

O padre. — Quem não crê nos Espíritos e em suas manifestações será, no dizer dos Espíritos, menos bem aquinhoado na vida futura?

⁴ Ver *A pluralidade das existências da alma*, por Pezzani.

A. K. — Se essa crença fosse indispensável à salvação dos homens, como ficariam os que, desde que o mundo existe, não tiveram oportunidade de possuí-la e os que, por muito tempo ainda, morrerão sem tê-la? É Deus capaz de lhes cerrar a porta do futuro? Não; os Espíritos que nos instruem são mais consequentes em relação a isso; eles nos afirmam: Deus é soberanamente justo e bom, e não faz depender o destino do homem de condições que escapam à sua vontade; eles não dizem: *Fora do espiritismo, não existe salvação*, mas como o Cristo: *Fora da caridade, não existe salvação*.

O padre. — Então me permita dizer-lhe que, tendo em vista que os Espíritos só ensinam os princípios da moral que nós encontramos no Evangelho, eu não vejo qual é a utilidade do espiritismo, já que éramos capazes de nos salvar antes, e somos ainda, sem ele. Não seria assim, se os Espíritos viessem para ensinar algumas importantes verdades novas, alguns daqueles princípios que mudam a face do mundo, como fez o Cristo. Ao menos, o Cristo estava sozinho, sua doutrina era única, ao passo que os Espíritos se contradizem aos milhares; uns dizem branco, outros, preto; donde se segue que, a partir desse início, seus partidários estão formando já muitas seitas. Não seria melhor deixar os Espíritos quietos e nos limitarmos ao que temos?

A. K. — O senhor está errado, padre, em manter seu ponto de vista e em constituir a Igreja como único critério dos conhecimentos humanos.

Se o Cristo disse a verdade, o espiritismo não podia dizer outra coisa e, em vez de apedrejá-lo, teriam de acolhê-lo como a um poderoso coadjuvante vindo para confirmar, através de todas as vozes de além-túmulo, as verdades fundamentais da religião, abaladas pela incredulidade. Que o materialismo o conteste, isso se compreende; mas que a Igreja se una contra ele com o materialismo, não dá para entender. O que é ainda mais inconsequente é que ela qualifica de demoníaco um ensino que se assenta na mesma autoridade e proclama a missão divina do fundador do cristianismo.

Mas o Cristo disse tudo? Era capaz de tudo revelar? Não, pois ele mesmo disse: “Eu teria ainda muitas coisas para lhes dizer, mas vocês não as compreenderiam; eis porque eu lhes falo em forma de parábola.” O espiritismo vem, agora que o homem se acha maduro para compreendê-lo, completar e explicar o que o Cristo de propósito só esboçou ou disse de forma alegórica. O senhor dirá, sem dúvida, que a responsabilidade dessa explicação pertence à Igreja. Mas a qual? À Igreja romana, grega ou protestante? Não estando elas de acordo, cada uma deu a sua explicação e reivindicou tal privilégio. Qual foi a que reuniu todos os cultos dissidentes? Deus, que é sábio, prevendo que os homens misturariam suas paixões e seus preconceitos com a religião, não desejou confiar a eles a responsabilidade dessa nova revelação: ele encarregou disso os Espíritos, seus mensageiros, que a difundem por todos os cantos do globo, e isso sem envolver culto particular algum, a fim de que consiga aplicar-se a todos e a fim de que ninguém a desvirtue em seu proveito.

Por outro lado, será que não se acham em nada afastados os diversos cultos cristãos da via traçada pelo Cristo? Seus preceitos de moral estão sendo escrupulosamente observados? Não têm sido desvirtuadas suas palavras, para que se tornem um apoio da ambição e das paixões humanas, quando constituem sua condenação? Ora, o espiritismo, através da voz dos Espíritos enviados de Deus, vem

convocar para a estrita observância de seus preceitos os que deles se afastam; não seria este último motivo sobretudo que provoca sua qualificação de obra satânica?

O senhor comete um erro ao dar o nome de *seitas* a algumas divergências de opiniões relacionadas aos fenômenos espíritas. Não é de admirar que, no começo de uma ciência, quando para tanta gente as observações não se haviam completado, tenham aparecido umas teorias contraditórias, teorias, porém, que remontam a pontos secundários e não ao princípio fundamental. É possível que se constituam em *escolas* que explicam certos fatos à sua maneira, mas não são seitas como não são os diferentes sistemas que separam nossos sábios das ciências exatas: em medicina, em física etc. Risque, portanto, o vocábulo *seita*, que é totalmente impróprio no caso de que tratamos. Será que, de resto, desde a origem, o cristianismo mesmo não causou o nascimento de grande quantidade de seitas? Por que a palavra do Cristo não foi assaz pujante para impor silêncio a todas as controvérsias? Por que é ela suscetível de interpretações que separam, ainda hoje em dia, os cristãos em diferentes igrejas, todas elas pretendendo ser as únicas de posse da verdade necessária à salvação, detestando-se cordialmente e anatematizando-se em nome do seu divino mestre, que pregou apenas o amor e a caridade? A fraqueza dos homens, afirmará o senhor? Que seja; por que deseja, então, que o espiritismo triunfe de uma hora para outra sobre essa fraqueza e transforme a humanidade como por encantamento?

Eu me detenho na questão da utilidade. O senhor disse que o espiritismo não nos ensina nada de novo: é um erro; ele ensina muito a quem não fica na superfície. Houvesse ele tão somente colocado a máxima: *Fora da caridade, não existe salvação*, no lugar daquela: *Fora da Igreja, não existe salvação*, máxima que separa os cristãos, ele teria demarcado uma nova era para a humanidade.

O senhor disse que poderíamos passar sem ele; de acordo; como podemos passar sem uma grande quantidade de descobertas científicas. Os homens se comportavam igualmente bem antes da descoberta de todos os novos planetas; antes de terem calculado os eclipses; antes de ser conhecido o mundo microscópico e cem outras coisas; o homem do campo, para viver e fazer germinar seu trigo, não precisa saber o que é um cometa; entretanto, ninguém nega que todas essas coisas ampliam o círculo das ideias e nos fazem penetrar mais longe nas leis da natureza. Ora, o mundo dos Espíritos é uma dessas leis que o espiritismo nos dá a conhecer; os Espíritos nos ensinam a influência que aquele mundo exerce sobre o mundo corpóreo; suponhamos que aí esteja o limite de sua utilidade; não seria já muito útil apenas a revelação de um tal poder?

Vejam agora sua influência moral. Admitamos que ele não ensine absolutamente nada de novo a respeito da moral; qual é o maior inimigo da religião? O materialismo, porque o materialismo não acredita em nada; ora, o espiritismo é a negação do materialismo, que não tem mais motivo de existir. Não é mais através do raciocínio; através da fé cega, que se afirma ao materialista que nem tudo finda com seu corpo; é através dos fatos; a gente exhibe, a gente faz sentir com os dedos e com a vista. Não se encontra aí um pequeno serviço que ele presta à humanidade, à religião? Mas isso não é tudo: a certeza da vida futura, o quadro vivo dos que nos precederam ali, apontam para a necessidade do bem e para as consequências inevitáveis do mal. Eis

porque, sem ser ele mesmo uma religião, conduz essencialmente às ideias religiosas; ele as desenvolve nos que não as possui, ele as fortifica nos que as têm ainda frágeis. A religião encontra nele, portanto, um apoio, não para as pessoas de vista curta que só conseguem vê-la na doutrina do fogo eterno, mais na forma do que no conteúdo, mas para aqueles que a veem em função da grandeza e da majestade de Deus.

Em suma, o espiritismo amplia e eleva as ideias; ele luta contra os abusos engendrados pelo egoísmo, pela cupidez, pela ambição; mas quem ousaria proteger essas ideias e declarar que são defensores delas? Se o espiritismo não é indispensável à salvação, facilita-a por nos firmar na rota do bem. De resto, que homem sensato ousaria atestar que um defeito da ortodoxia é mais censurável aos olhos de Deus que o ateísmo e o materialismo? Eu proponho, claramente, as questões seguintes a todos os que combatem o espiritismo em relação às consequências religiosas:

1.^a) Quem está pior aquinhoado para a vida futura: o que não acredita em nada ou o que, acreditando nas verdades gerais, não aceita certos pontos do dogma?

2.^a) O protestante e o cismático compartilham da mesma condenação que o ateu e o materialista?

3.^a) Quem não é ortodoxo no rigor da palavra, mas faz todo o bem que pode, é bom e indulgente para com seu próximo e honesto em seus contatos sociais, está menos seguro de sua salvação do que o que acredita em tudo, mas é insensível, egoísta e desprovido de caridade?

4.^a) O que vale mais aos olhos de Deus: a prática das virtudes cristãs, sem a prática dos deveres da ortodoxia, ou a prática desses deveres, sem a prática da moral?

Eu respondi, senhor abade, às questões e às objeções que o senhor me endereçou, mas, como lhe disse de início, sem nenhuma intenção preconcebida de o trazer para nossas ideias e de mudar suas convicções, limitando-me a fazer com que o senhor encarasse o espiritismo sob sua real perspectiva. Se o senhor não tivesse vindo, eu não teria saído à sua procura. Isso não significa que nós menosprezemos sua adesão a nossos princípios, caso venha a ocorrer; bem longe disso; nós ficamos felizes, ao contrário, com todas as filiações que alcançamos e que têm para nós um valor tanto maior quanto mais livres e voluntárias sejam. Nós não somente não temos nenhum direito de exercer coação sobre quem quer que seja, como teríamos escrúpulo em ir perturbar a consciência daqueles que, tendo crenças que os deixam satisfeitos, não vêm espontaneamente para nós.

Nós dissemos que o melhor meio de se elucidar a respeito do espiritismo é o de estudar-lhe previamente a teoria; os fatos virão em seguida, naturalmente, e serão compreendidos, qualquer que seja a ordem em que forem tangidos pelas circunstâncias. Nossas publicações têm o fito de favorecer esse estudo; eis aqui, a propósito, a sequência que aconselhamos.

A primeira leitura é a deste resumo que apresenta o conjunto e os pontos mais relevantes da ciência; com isto, já se consegue ter dela uma ideia e convencer-se de que, no fundo, existe algo sério. Nesta rápida exposição, nós nos ativemos a indicar os pontos que, em especial, devem prender a atenção do observador. O desconhecimento dos princípios fundamentais é a causa das apreciações falsas da maioria dos que julgam o espiritismo sem compreender, ou simplesmente de acordo com seus preconceitos.

Caso este primeiro apanhado promova o desejo de conhecer mais, que se leia, então, *O Livro dos Espíritos*, onde os princípios da doutrina estão completamente desenvolvidos; depois, *O Livro dos Médiuns*, para a parte experimental, destinado a servir de guia para quem desejar agir por si mesmo, como também para quem desejar conhecer os fenômenos. Vêm, em seguida, as diversas obras onde estão desenvolvidas as aplicações e as consequências da doutrina, tais como: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*⁵, *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo* etc.

A *Revista Espírita* constitui, de algum modo, um curso de aplicação, pelos numerosos exemplos e os desenvolvimentos que ela contém relativamente à parte teórica e à parte experimental.

Às pessoas sérias, que tenham feito um estudo preliminar, nós teremos o prazer de propiciar verbalmente as explicações necessárias a respeito dos pontos que elas não houverem totalmente compreendido.

⁵ No original francês, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* é citado com o título de *A Moral do Evangelho Segundo o Espiritismo*; *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo* se resume em *O Céu e o Inferno Segundo o Espiritismo* (Nota do Trad.)

CAPÍTULO SEGUNDO

NOÇÕES ELEMENTARES DE ESPIRITISMO

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

1. Erra quem pensa que é suficiente que certos incrédulos vejam uns fenômenos extraordinários para se convencerem. Os que não admitem alma ou Espírito no homem não têm como admitir fora do homem; em consequência, negando a causa, negam o efeito. Eles chegam, assim, quase sempre, com preconceitos e uma opinião negativa que os impedem de uma observação séria e imparcial; eles propõem questões e objeções às quais é impossível dar uma resposta instantânea de maneira completa, porque precisaria, para cada pessoa, montar uma espécie de curso e retomar as coisas desde o começo. O estudo preliminar promove uma resposta antecipada às objeções, a maior parte das quais provém da ignorância da causa dos fenômenos e das condições em que se produzem.

2. Os que não conhecem o espiritismo presumem que produzimos fenômenos espíritas como nas experiências de física e de química. Daqui sua pretensão de submetê-los à sua vontade e sua recusa em se colocarem nas condições necessárias para a observação. Não admitindo, em princípio, a existência e a intervenção dos Espíritos ou, ao menos, não conhecendo sua natureza, nem sua maneira de agir, eles operam como se trabalhassem sobre a matéria bruta; e como não obtêm o que procuram, eles concluem que não existem Espíritos.

Assumindo outra perspectiva, compreenderemos que, sendo os Espíritos a alma dos homens após a morte, nós mesmos seremos Espíritos e que seríamos pouco afeitos a servir de juguete para satisfazer as fantasias dos curiosos.

3. Se bem que certos fenômenos possam ser provocados, pelo fato de que provêm de inteligências livres, eles não estão jamais à disposição integral de quem quer que seja, e qualquer um que se gabasse de obtê-los à vontade, comprovaria ou sua ignorância ou sua má-fé. Precisamos aguardar por eles, surpreendê-los de passagem e, muitas vezes, é no momento em que menos se espera que se apresentam os fatos mais interessantes e mais categóricos. Quem deseja seriamente instruir-se tem que,

portanto, dispor, para isso como para todas as coisas, de paciência, de perseverança, e fazer o que for necessário, caso contrário, mais proveito terá se não se ocupar com isso.

4. As reuniões onde a gente se ocupa com manifestações espíritas nem sempre oferecem boas condições, seja para se obterem resultados satisfatórios, seja para promover a convicção: acontecem mesmo, é preciso convir, algumas de onde os incrédulos saem menos convencidos que antes, opondo aos que lhes falam do caráter sério do espiritismo as coisas amiúde ridículas de que foram testemunhas. Sua lógica não é melhor do que a de quem conceituasse uma arte através dos esboços de um aluno, uma pessoa, através de sua caricatura, ou uma tragédia, através de sua paródia. O espiritismo também possui seus alunos; quem deseja esclarecer-se não recolhe seus ensinamentos de uma só fonte; é tão só através da análise e da comparação que se tem como firmar um conceito.

5. As reuniões frívolas têm um grave inconveniente para os novatos que assistem a elas, quanto ao fato de lhes proporcionarem uma ideia errada do caráter do espiritismo. Os que só assistiram a reuniões desse tipo não poderiam levar a sério algo que veem ser tratado com leviandade por aqueles mesmos que se dizem seus adeptos. Um estudo preliminar lhes ensinará a julgar a importância do que veem e a distinguir o bom e o mau.

6. O mesmo raciocínio se aplica aos que julgam o espiritismo através de certas obras excêntricas que só conseguem propiciar-lhe uma ideia incompleta e ridícula. O espiritismo autêntico não é responsável pelos que o compreendem mal ou o praticam contrariando seus princípios, tanto quanto a poesia não é responsável pelos que compõem maus versos. É deplorável, dizem, que tais obras existam, pois causam problemas à verdadeira ciência. Seria, sem dúvida, preferível que só existissem as boas; mas o maior problema se patenteia nos que não se dão ao trabalho de estudar tudo. Todas as artes, todas as ciências, de resto, estão no mesmo caso; não existem, a respeito das coisas mais sérias, tratados absurdos e plenos de falhas? Por que o espiritismo seria privilegiado sob esse aspecto, sobretudo em seu começo? Se os que o criticam não o julgassem pelas aparências, saberiam o que ele admite e o que ele rejeita, e não o responsabilizariam pelo que ele repudia em nome da razão e da experiência.

DOS ESPÍRITOS

7. Os Espíritos não são, em absoluto, como a gente muitas vezes imagina, seres à parte na criação; são as almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos, desprovidas de seu invólucro corpóreo. Qualquer um que admita a existência da alma sobrevivendo ao corpo, admite, *ipso facto*, a dos Espíritos; negar os Espíritos seria negar a alma.

8. A gente, em geral, faz um ideia muito errada do estado dos Espíritos; eles não são, de modo algum, como alguns acreditam, seres vagos e indefinidos, nem flamas

como os fogos-fátuos, nem fantasmas como nos contos de assombração. São seres semelhantes a nós, tendo um corpo como o nosso, mas fluido e invisível em seu estado normal.

9. Quando a alma está unida ao corpo durante a vida, ela possui um duplo invólucro: um, pesado, rústico e destrutível, que é o corpo; outro, fluido, delicado e indestrutível, chamado *perispírito*.

10. Existem, portanto, no homem três coisas essenciais: 1.^a) a *alma* ou *Espírito*, princípio inteligente em que residem o pensamento, a vontade e o senso moral; 2.^a) o *corpo*, invólucro material, que põe o Espírito em contato com o mundo exterior; 3.^a) o *perispírito*, invólucro fluido, delicado, imponderável, que serve de elo e de intermediário entre o Espírito e o corpo.

11. Quando o invólucro externo está usado e não consegue mais funcionar, ele se abate e o Espírito se despoja dele, como o fruto se despoja de sua casca, a árvore, de sua crosta, a serpente, de sua pele, em suma, como se abandona uma roupa velha sem préstimo: eis o que se chama de *morte*.

12. A morte nada mais é do que a destruição do invólucro material; a alma abandona esse invólucro, como a borboleta deixa sua crisálida; ela, porém, conserva seu corpo fluido ou perispírito.

13. A morte do corpo desembaraça o Espírito do invólucro que o prendia à Terra e o fazia sofrer; uma vez livre desse fardo, ele só possui seu corpo etéreo, o qual lhe permite percorrer o espaço e franquear as distâncias com a rapidez do pensamento.

14. A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o *homem*; a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado de *Espírito*.

OBSERVAÇÃO. — A *alma* é, assim, um ser simples; o *Espírito*, um ser duplo e o *homem*, um ser triplo. Seria, portanto, mais exato reservar a palavra *alma* para designar o princípio inteligente, e a palavra *Espírito*, para o ser semimaterial formado desse princípio e do corpo fluido. Mas, como não se tem como conceber o princípio inteligente isolado de qualquer matéria, nem o perispírito sem estar animado pelo princípio inteligente, as palavras *alma* e *Espírito* são habitual e indiferentemente empregadas uma pela outra; é a figura de linguagem [*sinédoque*] que consiste em tomar a parte pelo todo, igualmente como quando se diz de uma cidade que ela está povoada de tantas almas, uma vila, de tantos lares; mas, filosoficamente, é essencial estabelecer a distinção entre elas.

15. Os Espíritos revestidos de corpos materiais constituem a humanidade ou mundo corpóreo visível; despojados desses corpos, eles constituem o mundo espiritual ou mundo invisível, povoando o espaço no meio do qual vivemos, sem nos apercebermos, como vivemos no meio do mundo dos infinitamente pequenos de que não suspeitávamos antes da invenção do microscópio.

16. Os Espíritos não são, portanto, em absoluto, seres abstratos, vagos e indefinidos, mas seres concretos e circunscritos, aos quais só falta serem visíveis para se parecerem com os humanos, donde se conclui que, se, em um determinado momento, o véu que os esconde à vista conseguisse ser erguido, eles formariam uma população inteira ao nosso redor.

17. Os Espíritos têm todas as percepções que tinham na Terra, mas em um grau mais elevado, porque suas faculdades não estão amortecidas pela matéria; eles têm sensações para nós desconhecidas; eles veem e ouvem coisas que nossos sentidos limitados não nos permitem nem ver, nem ouvir. Para eles não existe nenhuma obscuridade, salvo para aqueles cuja punição é de ficarem algum tempo nas trevas. Todos os nossos pensamentos repercutem neles, e eles os leem como em um livro aberto; assim, o que nós conseguiríamos esconder de qualquer um em vida, não o conseguimos mais após ele se tornar Espírito. (*O Livro dos Espíritos*, n.º 237.)

18. Os Espíritos estão por toda parte: eles estão entre nós, ao nosso lado, acotovelando-nos e observando-nos sem cessar. Por sua presença ininterrupta no nosso ambiente, os Espíritos são os causadores de diversos fenômenos; eles representam um papel importante no mundo moral e, até certo ponto, no mundo físico; eles constituem, assim, uma das potências da natureza.

19. Desde que se aceite a sobrevivência da alma ou do Espírito, é lógico aceitar-se a sobrevivência das afeições; sem isso, as almas de nossos parentes e de nossos amigos estariam para sempre perdidas para nós.

Já que os Espíritos conseguem ir por toda parte, é igualmente lógico aceitar-se que os que nos amaram durante sua vida terrena nos amem ainda após a morte, que cheguem perto de nós, que queiram comunicar-se conosco e que se sirvam para isso dos meios que estão à sua disposição; é isso que confirma a experiência.

A experiência comprova, efetivamente, que os Espíritos conservam as afeições sinceras que possuíam na Terra, que se agradam vindo até aos que amaram, sobretudo quando são atraídos pelo pensamento e pelos sentimentos afetuosos que lhes enviamos, ao passo que são indiferentes em relação aos que têm por eles apenas indiferença.

20. O espiritismo tem em mira constatar e estudar a manifestação dos Espíritos, suas faculdades, sua situação feliz ou infeliz e seu futuro; em suma, o conhecimento do mundo espiritual. Autenticadas as manifestações, resultam elas na prova irrecusável da existência da alma, de sua sobrevivência ao corpo, de sua individualidade após a morte, ou seja, da vida futura; justamente por isso, o espiritismo é a negação das doutrinas materialistas, não mais pelos argumentos, mas pelos fatos.

21. Uma ideia quase geral junto às pessoas que não conhecem o espiritismo é de acreditar em que os Espíritos, só porque estão desprendidos da matéria, devem tudo saber e possuir a suprema sabedoria. Eis um grave erro.

Sendo os Espíritos as almas dos homens, estes não obtiveram a perfeição por deixar seu invólucro terrestre. O progresso do Espírito só se completa com o tempo, e é aos poucos que ele se desvencilha de suas imperfeições, que ele adquire os conhecimentos que lhe faltam. Seria igualmente ilógico admitir que o Espírito de um selvagem ou de um criminoso fique subitamente sábio e virtuoso, assim como seria contrário à justiça de Deus julgar que o Espírito permanecerá para sempre em sua inferioridade.

Como existem homens de todos os níveis de saber e de ignorância, de bondade e de maldade, sucede o mesmo aos Espíritos. Existem os que são somente cabeças-de-vento e traquinas, outros são impostores, trapaceiros, hipócritas, maus, vingativos;

outros, ao contrário, possuem virtudes, as mais sublimes, e o saber em um nível desconhecido na Terra. Essa diversidade na qualidade dos Espíritos é um dos pontos mais importantes a considerar, pois explica a natureza boa ou má das comunicações que recebemos; é em distingui-las que precisamos, antes de tudo, empenhar-nos. (*O Livro dos Espíritos*, n.º 100, *Escala espírita*. — *O Livro dos Médiuns*, 2.ª parte, cap. xxiv.)

COMUNICAÇÕES COM O MUNDO INVISÍVEL

22. Admitidas a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, o espiritismo se reduz a uma só questão principal: *São possíveis as comunicações entre as almas e os vivos?* Essa possibilidade resulta da experiência. Uma vez estabelecida a realidade dos contatos entre o mundo visível e o mundo invisível e conhecidas a natureza, a causa e a feição desses contatos, é um campo novo aberto para a observação e a chave para uma quantidade enorme de problemas; é, ao mesmo tempo, um poderoso elemento moralizador que atua através da cessação da dúvida quanto ao futuro.

23. O que joga a dúvida a respeito das comunicações de além-túmulo no pensamento de muitas pessoas é a ideia errada que se tem do estado da alma após a morte. A gente a imagina, em geral, como um sopro, uma fumaça, alguma coisa de vago, mal e mal perceptível pelo pensamento, que se evapora e se vai para não se sabe onde, mas tão longe que é difícil compreender que ela consiga retornar à Terra. Se, ao contrário, se levar em consideração sua união com um corpo fluido, semimaterial, com o qual ela forma um ser concreto e individual, seus contatos com os vivos não apresentam nada de incompatível com a razão.

24. Vivendo o mundo visível no meio do mundo invisível, com o qual se encontra em contato permanente, resulta daí que eles interagem sem cessar; que, desde que existem os homens, existem os Espíritos, e que, se estes últimos têm o poder de se manifestar, eles devem tê-lo feito em todas as épocas e junto a todos os povos. Todavia, nestes últimos tempos, as manifestações dos Espíritos aumentaram muito e assumiram um caráter de maior autenticidade, porque estava nos desígnios da Providência dar cabo do flagelo da incredulidade e do materialismo através de provas insofismáveis, ao permitir aos que deixaram a Terra que viessem atestar sua existência e revelar-nos sua condição feliz ou infeliz.

25. Os contatos entre o mundo visível e o mundo invisível podem ser ocultos ou declarados, espontâneos ou provocados.

Os Espíritos atuam nos homens, de um modo oculto, através dos pensamentos que lhes sugerem e de certas influências; de um modo declarado, através de sensações apreensíveis pelos sentidos.

As manifestações espontâneas acontecem de inopino e de improviso; elas se produzem, muitas vezes, junto às pessoas mais alheias às ideias espíritas e que, *ipso facto*, não sendo capazes de entendê-las, as atribuem a causas sobrenaturais. As que

são provocadas acontecem através da mediação de certas pessoas dotadas para tal efeito de faculdades especiais, pessoas que designamos com o nome de *médiuns*.

26. Os Espíritos têm como manifestar-se de várias maneiras diferentes: através da vista, da audição, do tato, dos ruídos, do movimento dos corpos, da escrita, do desenho, da música etc.

27. Os Espíritos se manifestam, às vezes, de modo espontâneo, através de ruídos e de batidas; esse é, muitas vezes, um meio de atestarem sua presença e de chamarem para si a atenção, exatamente como quando uma pessoa bate para avisar que há alguém. Existem os que não se limitam a ruídos moderados, mas que chegam ao ponto de fazer uma barulheira parecida com a da louça que se quebra, de portas que se abrem e se fecham, ou de móveis que tombam; alguns mesmo causam uma perturbação real e verdadeiras destruições. (*Revista Espírita*, maio, junho e julho de 1858: *O Espírito batedor de Bergzabern*; agosto de 1858: *O Espírito batedor de Dibbelsdorf*; março de 1860: *O padeiro de Dieppe*; abril de 1860: *O fabricante de São Petersburgo*; agosto de 1860: *O trapeiro da rua Noyers*.)

28. O perispírito, posto que invisível para nós no estado normal, nem por isso deixa de ser matéria etérea. O Espírito consegue, em certos casos, fazê-lo passar por um tipo de modificação molecular que o torna visível e até tangível; eis como se produzem as aparições. Tal fenômeno não é mais extraordinário do que o do vapor, que é invisível quando está bastante rarefeito, e que fica visível quando se condensa.

Os Espíritos que se tornam visíveis se apresentam, quase sempre, sob as aparências que tinham em vida, as quais tornam possível seu reconhecimento.

29. Ver o tempo todo e a todos os Espíritos é extremamente raro, mas as aparições isoladas são assaz frequentes, sobretudo no momento da morte; o Espírito desembaraçado parece açoitado-se para rever seus parentes e amigos, como que para avisar que acaba de deixar a Terra e lhes assegurar que continua vivo. Que cada qual enfeixe suas recordações e verá quantos fatos autênticos desse tipo, dos quais não se deu conta, sucederam, não somente à noite, durante o sono, mas em pleno dia e no estado de vigília mais completo. Outrora, a gente via esses fatos como sobrenaturais e maravilhosos, e os imputava à magia e à feitiçaria; hoje, os incrédulos os assacam à imaginação; mas, depois que a ciência espírita os decifrou, sabemos como se produzem e que não exorbitam da ordem dos fenômenos naturais.

30. Era com a auxílio de seu perispírito que o Espírito atuava sobre seu corpo físico; é ainda com esse mesmo fluido que ele se manifesta ao atuar sobre a matéria inerte; e com que produz os ruídos, os movimentos das mesas e de outros objetos que ele ergue, tomba ou transporta. Tal fenômeno não tem nada de surpreendente, caso se considere que, entre nós, os motores mais possantes usam os fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o auxílio de seu perispírito que o Espírito faz com que os médiuns escrevam, falem ou desenhem; não possuindo mais um corpo tangível para agir ostensivamente quando deseja manifestar-se, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos toma emprestados, o qual ele utiliza como se fosse seu próprio corpo, e isso através do eflúvio fluídico que despeja sobre ele.

31. No fenômeno designado sob o nome de *mesas girantes* ou *mesas falantes* é através do mesmo método que o Espírito atua na mesa, seja para fazê-la mover-se simplesmente, seja para fazê-la bater inteligentemente, indicando as letras do alfabeto para formar palavras e frases, fenômeno designado sob o nome de *tiptologia*. A mesa, aqui, é apenas um instrumento do qual se serve o Espírito, como se faz com o lápis para escrever; ele lhe concede uma vida efêmera através do fluido que lhe insere, mas *não se identifica de fato com ela*. As pessoas que, em sua emoção, ao verem manifestar-se um ser que lhes é caro, abraçam a mesa, perpetram um ato ridículo, pois é exatamente como se abraçassem um bastão de que um amigo se serve para bater. Sucede o mesmo com as pessoas que conversam com a mesa, como se o Espírito estivesse preso na madeira, ou como se a madeira se tivesse convertido em Espírito.

Quando as comunicações acontecem por esse método, é preciso representar o Espírito, não dentro da mesa, mas a seu lado, *tal como em vida*, e tal como o veríamos, se nesse momento tivesse como pôr-se visível. A mesma coisa acontece nas comunicações através da escrita; nós veríamos o Espírito ao lado do médium, dirigindo sua mão ou transmitindo-lhe seu pensamento através de uma corrente fluida.

Quando a mesa se destaca do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a levanta com a força do braço, mas a envolve e lhe insere uma espécie de atmosfera fluida que neutraliza o efeito da gravidade, como o ar faz com os balões e as pipas. O fluido com o qual ela se inseriu lhe fornece, por alguns momentos, uma leveza específica maior. Quando a mesa está no chão, permanece em um estado análogo ao da campânula pneumática sob a qual se faz o vácuo. Estas são apenas comparações para demonstrar a analogia dos efeitos e não a similitude absoluta das causas.

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito quem corre, pois pode ficar tranquilamente no mesmo lugar, porém, ele a impulsiona através de uma corrente fluida com a qual a move a seu bel-prazer. Quando as batidas se fazem ouvir na mesa ou em outro lugar, o Espírito não bate nem com sua mão, nem com um objeto qualquer; ele dirige para o ponto donde vem o ruído um jato de fluido que produz o efeito de um choque elétrico. Ele muda o ruído da mesma forma que conseguimos mudar os sons que produzimos no ar

Depreende-se disto que não é mais difícil para um Espírito *levantar uma pessoa* que levantar u'a mesa, de transportar um objeto de um lugar a outro ou de jogá-lo para qualquer lado; tais fenômenos se produzem através da mesma lei.

32. Podemos perceber, através dessas poucas palavras, que as manifestações espíritas de qualquer natureza não têm nada de sobrenatural ou de maravilhoso. São fenômenos que se produzem em virtude da lei que rege o contato do mundo visível e do mundo invisível, lei tão natural quanto as da eletricidade, da gravitação etc. O espiritismo é a ciência que nos dá a conhecer essa lei, como a mecânica nos dá a conhecer a lei do movimento, a ótica, a da luz. Estando as manifestações espíritas na natureza, produziram-se em todas as épocas; a lei que as rege explica-nos uma infinidade de problemas vistos como insolúveis; é a chave de uma profusão de fenômenos explorados e exagerados através da superstição.

33. Descartado completamente o maravilhoso, esses fenômenos não apresentam mais nada que repugne à razão, pois eles se emparelham com outros

fenômenos naturais. Nos tempos de ignorância, todos os efeitos cujas causas não se conheciam eram reputados sobrenaturais. As descobertas das ciências restringiram, pouco a pouco, o círculo do maravilhoso; o conhecimento dessa nova lei vem reduzi-lo a nada. Os que, portanto, acusam o espiritismo de ressuscitar o maravilhoso comprovam, *ipso facto*, que falam de uma coisa que eles não conhecem.

34. As manifestações dos Espíritos são de duas naturezas: *os efeitos físicos e as comunicações inteligentes*. Os primeiros constituem os fenômenos materiais e ostensivos, tais como os movimentos, os ruídos, os transportes de objetos etc.; as outras consistem na troca regular de pensamentos, com a ajuda dos sinais, da voz e, principalmente, da escrita.

35. As comunicações que recebemos dos Espíritos podem ser boas ou más, corretas ou falsas, ponderadas ou levianas, segundo a natureza dos Espíritos manifestantes. Os que comprovam sabedoria e conhecimento são os Espíritos adiantados que progrediram; os que comprovam ignorância e más qualidades são os Espíritos ainda atrasados, mas para quem o progresso se dará com o tempo.

Os Espíritos só conseguem responder a respeito do que sabem, conforme seu adiantamento, e, além do mais, a respeito do que lhes é facultado dizer, pois existem coisas que não podem revelar, porque não se permite ainda aos homens tudo conhecer.

36. Por causa da diversidade das qualidades e aptidões dos Espíritos, resulta que não é o bastante endereçar-se a um Espírito qualquer para se obter uma resposta correta para cada questão, pois, a respeito de muitas coisas, ele só consegue oferecer sua opinião pessoal, que pode ser correta ou falsa. Se for sábio, ele confessará sua ignorância sobre o que não souber; se for doidivanas ou impostor, responderá a respeito de tudo, sem se importar com a verdade; se for orgulhoso, fornecerá sua ideia como uma verdade absoluta. Foi por isso que São João Evangelista disse: "*Não creiam jamais em todo Espírito, mas verifiquem se os Espíritos são de Deus.*" A experiência comprova a sabedoria desse conselho. Portanto, existiriam imprudência e leviandade em aceitar sem controle tudo o que parte dos Espíritos. Eis porque é essencial ter segurança a respeito da natureza daqueles com quem mantemos intercâmbio. (*O Livro dos Médiuns*, n.º 267.)

37. Reconhecemos a qualidade dos Espíritos através de sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradição; ela revela sabedoria, benevolência, modéstia e a moral mais pura; ela é concisa e sem vocábulos inúteis. Junto aos Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos, o vácuo das ideias é quase sempre compensado pela abundância dos vocábulos. Todo pensamento flagrantemente falso, toda máxima contrária à sã moral, todo conselho ridículo, toda expressão chula, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda marca de maldade, de presunção ou de arrogância são indícios incontestáveis da inferioridade de um Espírito.

38. Os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes; seu horizonte moral é limitado, sua perspicácia, restrita. Eles fazem das coisas apenas uma ideia muitas vezes errada e incompleta; eles permanecem, além disso, ainda sob o domínio dos preconceitos terrenos, que aceitam, às vezes, como verdades; eis porque são incapazes

de solucionar certas questões. Eles podem induzir-nos a erro, voluntária ou involuntariamente, a respeito dos temas que eles mesmos não compreendem.

39. Os Espíritos inferiores não são todos, só por isso, essencialmente maus; existem os que não passam de ignorantes e dodivanas; existem os brincalhões, os espirituosos, os divertidos e quem saiba manipular uma graça fina e mordaz. Ao seu lado, encontramos, no mundo dos Espíritos tal como na Terra, todos os tipos de perversidade e todos os níveis de superioridade intelectual e moral.

40. Os Espíritos superiores só se ocupam das manifestações inteligentes com vista à nossa instrução; as manifestações físicas ou puramente materiais constam mais especificamente das atribuições dos Espíritos inferiores, vulgarmente denominados de *Espíritos batedores*, como, entre nós, as prestidigitações competem aos saltimbancos e não aos sábios.

41. As comunicações com os Espíritos sempre têm que ser realizadas com calma e recolhimento: não se pode jamais perder de vista que os Espíritos são as almas dos homens e que seria inconveniente transformar isso em um jogo e em uma diversão. Se a gente tem de respeitar os restos mortais, temos mais ainda de respeitar o Espírito. As reuniões frívolas e imprudentes, portanto, faltam a um dever, e os que participam delas precisariam pensar em que, de um momento para outro, podem adentrar o mundo dos Espíritos e em que não sentiriam nenhum prazer se vierem a ser tratados com tão pouca deferência.

42. Um outro ponto igualmente essencial para nossa consideração é que os Espíritos são livres; eles se comunicam quando têm vontade, com quem lhes convém, e também quando podem, pois têm suas ocupações. Eles não permanecem sob as ordens e o capricho de quem quer que seja, e não é permitido a ninguém obrigá-los a vir contra sua decisão, nem a dizer o que desejam calar; assim sendo, ninguém tem como asseverar que um Espírito qualquer acorra a seu chamado, em um momento certo, ou responda a tal ou qual questão. Afirmar o contrário é comprovar ignorância total dos princípios mais elementares do espiritismo; *apenas o charlatanismo apresenta mananciais inesgotáveis*.

43. Os Espíritos são atraídos pela simpatia, pela similitude de gosto e de caráter, pela intenção que torna desejável sua presença. Os Espíritos superiores não comparecem a uma reunião fútil tanto quanto um sábio da Terra não compareceria a uma reunião de jovens desatinados. O simples bom senso afirma que não pode ser diferente; ou, se comparecem às vezes, é para oferecer um conselho sadio, combater os vícios, buscar reconduzir à estrada do bem; caso não sejam ouvidos, eles se retiram. Seria uma ideia completamente errada acreditar em que os Espíritos sérios possam comprazer-se em responder a futilidades, a questões ociosas que não comprovam nem estima nem respeito por eles, nem desejo real de se instruir, e, ainda menos, em que possam vir para se mostrarem em espetáculo para a diversão dos curiosos. Eles não tinham feito isso em sua vida; não têm como fazê-lo após sua morte.

44. A leviandade das reuniões tem como resultado atrair os Espíritos frívolos, os quais procuram as ocasiões de enganar e de mistificar. Pelo mesmo motivo que os homens graves e sérios não comparecem às assembleias sem objetivo, os Espíritos sérios só comparecem às reuniões sérias, cuja meta seja a instrução e não a

curiosidade; é nas reuniões desse tipo que os Espíritos superiores se comprazem em ministrar seus ensinamentos.

45. Do que precede, deduz-se que toda reunião espírita, para ser proveitosa, tem, como condição primária, que ser séria e discreta, que tudo tem que passar-se aí respeitavelmente, religiosamente e com dignidade, caso se deseje obter o concurso constante dos bons Espíritos. Precisa não esquecer que, se esses mesmos Espíritos houvessem aí comparecido em vida, nós teríamos tido por eles atenções a que têm ainda mais direito após sua morte.

46. Em vão se alega a utilidade de certas experiências curiosas, frívolas e divertidas para convencer os incrédulos; é a um resultado totalmente contrário que se chega. O incrédulo, já afeito a rir das crenças mais sagradas, não consegue perceber que haja seriedade naquilo com que se brinca; não tem ele como ser convencido a respeitar o que não lhe é apresentado de maneira respeitável; por isso, das reuniões fúteis e levianas, das em que não existem nem ordem, nem seriedade, nem recolhimento, ele leva sempre uma péssima impressão. O que consegue, sobretudo, convencê-lo é a comprovação da presença de seres cuja memória lhe é cara; é perante as palavras graves e solenes deles, perante as revelações íntimas, que o vemos comover-se e empalidecer. Mas, pelo fato mesmo de que tem mais respeito, veneração e amizade pela pessoa cuja alma se apresenta a ele, acaba chocado, escandalizado por vê-la comparecer a uma assembleia desrespeitosa, no meio de mesas que bailam e das travessuras dos Espíritos doidivas; por ser tão incrédulo, sua consciência repugna essa aliança do sério e do frívolo, do religioso e do profano; eis porque ele tacha tudo isso de charlatanice, e sai quase sempre menos convencido que entrou.

As reuniões dessa natureza sempre provocam mais mal do que bem, pois afastam da doutrina mais pessoas do que trazem, sem contar que se arriscam à crítica dos detratores, os quais encontram aí motivos fundamentados para zombaria.

47. Erra quem transforma as manifestações físicas em simples brincadeira; se elas não apresentam a importância do ensino filosófico, têm sua utilidade, do ponto de vista dos fenômenos, pois consistem no alfabeto da ciência cuja chave proporcionaram. Conquanto menos necessárias hoje em dia, elas corroboram ainda para a convicção de certas pessoas. Contudo, não excluem absolutamente a ordem e a circunspecção nas reuniões onde são exercidas; se fossem sempre praticadas de forma decorosa, convenceriam mais facilmente e produziriam, sob todos os aspectos, melhores efeitos.

48. Certas pessoas concebem uma ideia muito errada das evocações; existem os que acreditam em que consistem em patrocinar o regresso dos mortos com o aspecto lúgubre do túmulo. O pouco que dissemos a esse respeito deve eliminar esse erro. Apenas nos romances, nos contos fantásticos de assombrações e no teatro é que se veem os mortos descarnados sair de seus sepulcros, envoltos em mortalhas, e pondo a estalar seus ossos. O espiritismo, que não realizou jamais milagres, não realizou mais deste que dos outros, e não deu jamais nova vida a um corpo morto; quando o corpo está na cova, aí vai ficar bem definitivamente; mas o ser espiritual, fluido, inteligente, não foi com certeza posto aí com seu invólucro grosseiro; eles se separaram no momento da morte e, uma vez concluída a separação, o Espírito não tem mais nada em comum com o corpo.

49. À crítica maldosa agradou representar as comunicações espíritas como envoltas nas práticas ridículas e supersticiosas da magia e da necromancia. Se os que falam do espiritismo sem conhecer tivessem tido o trabalho de estudar o que desejam criticar, teriam economizado as custas com a imaginação ou com as alegações, as quais só servem para comprovar sua ignorância e sua má vontade. Para edificação das pessoas alheias à ciência, nós diremos que não existem, para a comunicação com os Espíritos, nem dias, nem horas, nem lugares mais propícios uns aos outros; que não precisam, para evocá-los, nem de fórmulas, nem de palavras sacramentais ou cabalísticas; que não há necessidade de nenhuma preparação, nem de nenhuma iniciação; que o uso de qualquer sinal ou objeto material, seja para os atrair, seja para os repelir, queda sem efeito e que o pensamento é suficiente; enfim, que os médiuns recebem suas comunicações tão simplesmente e tão naturalmente, como se fossem ditadas por uma pessoa viva, e sem sair do estado normal. Só o charlatanismo seria capaz de afetar procedimentos excêntricos e de ajuntar acessórios ridículos.

Nós procedemos à evocação dos Espíritos em nome de Deus, com respeito e recolhimento; é a única coisa que recomendamos às pessoas sérias que desejam alcançar um contato com os Espíritos sérios.

META PROVIDENCIAL DAS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

50. A meta providencial das manifestações é de convencer os incrédulos de que nem tudo finda para o homem com a vida terrena, e de ofertar aos crentes ideias mais corretas a respeito do futuro. Os bons Espíritos vêm para instruir-nos com vista à nossa melhoria e ao nosso adiantamento, e não para nos revelar o que não podemos ainda saber, ou o que só podemos aprender através de nosso trabalho. Se fosse suficiente interrogar os Espíritos para obter a solução de todas as dificuldades científicas, ou para realizar descobertas ou invenções lucrativas, qualquer ignorante conseguiria tornar-se sábio sem custo, e qualquer preguiçoso conseguiria enriquecer sem esforço; eis o que Deus não deseja. Os Espíritos auxiliam o homem de gênio através de uma inspiração oculta, mas não o isentam nem do trabalho nem das pesquisas, a fim de lhe deixarem o mérito disso.

51. Seria fazer uma ideia bem errada dos Espíritos considerá-los apenas coadjuvantes de ledores da sorte; os Espíritos sérios não se permitem ocupar-se de coisas fúteis; os Espíritos doidivas e zombeteiros se ocupam de tudo, respondem a tudo, predizem tudo o que se deseja, sem se inquietarem com a verdade, e sentem um gosto malvado em enganar as pessoas exageradamente crédulas; eis porque é essencial estar perfeitamente seguro quanto à natureza das questões que se podem endereçar aos Espíritos (*O Livro dos Médiuns*, n.º 286: *Questões que se podem dirigir aos Espíritos.*)

52. Além de um possível auxílio quanto ao progresso moral, tão somente existe incerteza nas revelações que alcançamos obter dos Espíritos. A primeira consequência lastimável para quem afasta sua faculdade da meta providencial é a de ser enganado

pelos Espíritos impostores, que pululam em torno dos homens; a segunda é a de cair sob o tãção desses mesmos Espíritos, que conseguem, através de pérfidos conselhos, causar desgraças reais e materiais na Terra; a terceira é a de perder, após a vida terrena, o fruto do conhecimento do espiritismo.

53. As manifestações não estão minimamente, portanto, destinadas a servir aos interesses materiais; sua utilidade reside nas consequências morais que decorrem delas; mas, tivessem elas por resultado somente dar a conhecer uma nova lei da natureza, demonstrar materialmente a existência da alma e sua imortalidade, já seria muitíssimo, pois seria uma extensa estrada nova aberta para a filosofia.

DOS MÉDIUNS

54. Os médiuns apresentam numerosíssimas variedades em suas aptidões, o que os torna mais ou menos adequados para a obtenção de tal ou qual fenômeno, de tal ou qual tipo de comunicação. Conforme essas aptidões, nós os distinguimos em médiuns *de efeitos físicos, de comunicações inteligentes, videntes, falantes, audientes, sensitivos, desenhistas, políglotas, poetas, músicos, escritores* etc. Não se pode esperar de um médium o que está além de sua faculdade. Sem o conhecimento das aptidões mediúnicas, o observador não tem como se compenetrar de certas dificuldades ou de certas impossibilidades, que se encontram na prática. (*O Livro dos Médiuns*, n.º 185.)

55. Os médiuns de efeitos físicos estão mais especificamente aptos a provocar fenômenos materiais, tais como movimentos, batidas etc., com o auxílio de mesas ou de outros objetos; quando tais fenômenos revelam um pensamento, ou obedecem a uma vontade, são efeitos inteligentes que, por isso mesmo, denotam uma causa inteligente: este é para os Espíritos um modo de se manifestarem. Por meio de um número convencionado de batidas, obtêm-se respostas através de um *sim* ou de um *não*, ou da indicação das letras do alfabeto que servem para formar palavras ou sentenças. Esse meio primitivo é muito lento e não se presta a grandes desenvolvimentos. As mesas falantes constituíram o começo da ciência; hoje em dia, quando possuímos meios de comunicação tão rápidos e tão completos quanto entre os vivos, não nos utilizamos jamais delas, a não ser acidentalmente e como experimento.

56. De todos os meios de comunicação, a escrita é, ao mesmo tempo, o mais simples, o mais rápido, o mais cômodo e o que permite um maior desenvolvimento; é também a faculdade que encontramos o mais das vezes entre os médiuns.

57. Para a escrita, no começo, serviram de permeios objetos como cestas, pranchetas etc., munidas de um lápis. (*O Livro dos Médiuns*, n.ºs 152 e seguintes.) Mais tarde, reconheceu-se a inutilidade desses acessórios e a possibilidade, para os médiuns, de escrever diretamente com a mão, como se faz normalmente.

58. O médium escreve sob a influência dos Espíritos que se servem dele como de um instrumento; sua mão é estimulada por um movimento involuntário que o mais das vezes ele não consegue dominar. Certos médiuns não possuem nenhuma

consciência do que escrevem; outros possuem uma consciência mais ou menos vaga, conquanto o pensamento lhes seja alheio: é o que distingue os *médiuns mecânicos* dos *médiuns intuitivos* ou *semimecânicos*. A ciência espírita explica o processo de transmissão do pensamento do Espírito para o médium, e o papel deste nas comunicações. (*O Livro dos Médiuns*, n.ºs 179 e seguintes; e n.ºs 223 e seguintes.)

59. O médium possui apenas a faculdade de transmitir, mas a transmissão efetiva depende da vontade dos Espíritos. Se os Espíritos não desejam manifestar-se, o médium não obtém nada; ele permanece como um instrumento sem músico.

Comunicando-se os Espíritos só quando desejam, ou podem, não estão sob o capricho de ninguém; *nenhum médium tem o poder de fazer com que venham ao seu comando e contra a vontade deles*.

Eis o que explica a intermitência da faculdade entre os melhores médiuns e as interrupções sofridas às vezes durante vários meses.

Erraria, portanto, quem comparasse a mediunidade a um *talento*. O talento se conquista através do trabalho e quem o possui é sempre dono dele; o médium não o é jamais de sua faculdade, dado que depende de alheia vontade.

60. Os médiuns de efeitos físicos que obtêm, de forma regular e à sua vontade, a produção de certos fenômenos, admitindo-se que esse não seja um caso de charlatanice, trabalham com Espíritos de baixo nível que se comprazem com essa espécie de exibição e que talvez tivessem esse ofício em vida; mas seria um absurdo pensar que Espíritos, por menos elevados que sejam, se divirtam dando espetáculo. (Ver acima: *Os incrédulos não conseguem ver para se convencerem*.)

61. A obscuridade necessária à produção de certos efeitos *físicos* se presta, sem dúvida, à desconfiança, mas não contradiz em nada a realidade. Sabemos que, em química, existem combinações que não têm como realizar-se debaixo de luz; que acontecem composições e decomposições sob a ação do fluido luminoso; ora, todos os fenômenos espíritas resultam da combinação dos fluidos combinados do Espírito e do médium; pertencendo esses fluidos à matéria, não há nada de admirável em que, em certos casos, o fluido luminoso impeça essa combinação.

62. As comunicações inteligentes sucedem igualmente através da ação fluídica do Espírito sobre o médium: precisa que o fluido deste seja compatível com o do Espírito. A facilidade das comunicações depende do nível de *afinidade* existente entre os dois fluidos. Cada médium está, assim, mais ou menos apto a receber a *impressão* ou a *impulsão* do pensamento de tal ou qual Espírito; ele pode ser um bom instrumento para um e mau para outro. O resultado disso é que, estando dois médiuns igualmente bem dotados lado a lado, um Espírito conseguirá manifestar-se através de um e não do outro.

63. Engana-se, portanto, quem acredita ser suficiente ser médium para receber com igual desenvoltura as comunicações de qualquer Espírito. Não existem médiuns universais para as evocações, tanto quanto para a habilidade de produzir quaisquer fenômenos. Os Espíritos procuram de preferência instrumentos que vibrem no mesmo diapasão que eles; impor-lhes o primeiro que chega seria como impor a um pianista que toque violino, com o argumento de que, por saber música, tem de conseguir tocar todos os instrumentos.

64. Sem tal combinação, única possibilidade de se induzir a compatibilidade fluídica, as comunicações são impossíveis, incompletas ou enganosas. Elas podem ser enganosas porque, na ausência do Espírito desejado, não faltam outros prontos para agarrar a ocasião de se manifestarem, e que muito pouco se importam com dizer a verdade.

65. A compatibilidade fluídica, às vezes, é inteiramente impossível entre certos Espíritos e certos médiuns; outras vezes, o que é mais frequente, ela só se estabelece gradual e demoradamente; eis o que explica porque os Espíritos habituados a manifestar-se através de um médium o fazem com a maior facilidade, e porque as primeiras comunicações atestam quase sempre um certo embaraço, e são menos explícitas.

66. A compatibilidade fluídica é tão necessária nas comunicações através da *tiptologia* quanto da escrita, uma vez que, em ambos os casos, se trata da transmissão do pensamento do Espírito, qualquer que seja o meio material utilizado.

67. Não se alcançando impor um médium ao Espírito que se deseja evocar, convém deixá-lo escolher seu instrumento. Em todos os casos, é necessário que o médium se harmonize preliminarmente com o Espírito através do recolhimento e da prece, ao menos durante alguns minutos, e até mesmo alguns dias antes, se for exequível, de forma a provocar e a ativar a compatibilidade fluídica. É esse o meio de diminuir as dificuldades.

68. Quando as condições fluidas não estão propícias para a comunicação direta do Espírito ao médium, tem ela como ser realizada através da intermediação do guia espiritual deste; em tal caso, o pensamento que chega é de segunda mão, ou seja, após haver atravessado dois meios ambientes. Compreendemos, assim, o quanto é importante que o médium esteja bem assistido, pois, se estiver em contato com um Espírito obsessivo, ignorante ou orgulhoso, a comunicação será necessariamente adulterada.

Aqui as qualidades pessoais do médium representam forçosamente um papel importante, por causa da natureza dos Espíritos que atraem para si. Os médiuns mais indignos são capazes de possuir faculdades poderosas, mas os mais seguros são os que, a esse poder, juntam as melhores amizades no mundo espiritual; contudo, essas amizades não são *absolutamente garantidas* pelos nomes mais ou menos ilustres dos Espíritos ou que assumem os Espíritos que assinam as comunicações, mas pela natureza *inalteravelmente boa* das comunicações que recebem deles.

69. Qualquer que seja o processo de comunicação, a prática do espiritismo, do ponto de vista experimental, apresenta numerosas dificuldades, e não está isenta de inconvenientes para aqueles a quem falte a necessária experiência. Quer se pratique por conta própria, quer se seja mero observador, é essencial saber distinguir as diferentes naturezas dos Espíritos que alcançam manifestar-se, e conhecer a causa de todos os fenômenos, as condições nas quais conseguem produzir-se, os obstáculos que podem opor-se a eles, a fim de não se requerer o impossível: também é necessário conhecer todas as situações e todos os empecilhos da mediunidade, a influência do meio, as disposições morais etc. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte.)

DIFICULDADES DOS MÉDIUNS

70. Um dos maiores empecilhos da mediunidade é a *obsessão*, quer dizer, a influência que certos Espíritos conseguem exercer sobre os médiuns, impondo-se a eles sob nomes apócrifos e impedindo-os de se comunicarem com outros Espíritos. Esse é, ao mesmo tempo, um problema para o observador novato e inexperiente que, não conhecendo as características do fenômeno, pode ser iludido pelas aparências, tanto quanto alguém, nada sabendo de medicina, pode enganar-se a respeito da causa e da natureza de um mal. Se o estudo preliminar, nesse caso, é útil para o observador, é imprescindível para o médium, uma vez que lhe fornece os meios de prevenir um inconveniente que poderia ter consequências lastimáveis; eis porque nós jamais exageraríamos ao recomendar um estudo antes de se dedicar à prática. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. XXIII.)

71. A obsessão apresenta três níveis principais bem caracterizados: a *obsessão simples*, a *fascinação* e a *subjugação*. No primeiro, o médium tem perfeitamente consciência de que não logra nada de bom; ele não tem nenhuma ilusão quanto à natureza do Espírito que se obstina em se manifestar a ele e de quem deseja desvencilhar-se. Esse caso não apresenta nada de grave: trata-se de um mero desprazer, e o médium se livra dele ao deixar de escrever por uns tempos. Cansando-se o Espírito de não ser ouvido, termina indo embora.

A *fascinação obsidiante* é muito mais grave, uma vez que o médium se ilude completamente. O Espírito que o domina absorve sua confiança a ponto de paralisar-lhe o próprio discernimento, no que concerne às comunicações, e faz com que considere sublimes as coisas mais absurdas.

O caráter distintivo desse tipo de obsessão é o de provocar junto ao médium excessiva susceptibilidade; o de levá-lo a só achar bom, correto e verdadeiro o que ele escreve; a repelir, e mesmo a tomar pelo avesso, todo conselho e toda crítica; a romper com seus amigos, de preferência a aceitar que esteja errado; a sentir inveja de outros médiuns, cujas comunicações se julgam melhores que as suas; a querer impor-se nas reuniões espíritas, das quais se aparta quando não é capaz de dominá-las. Chega, enfim, a sofrer uma tal dominação que o Espírito consegue forçá-lo às atitudes mais ridículas e mais comprometedoras.

72. Um dos traços característicos dos maus Espíritos é o de se imporem; eles dão ordens e desejam que lhes obedecam; os bons não se impõem jamais: eles oferecem conselhos e, se não são ouvidos, vão embora. O resultado disso é que a sensação junto aos maus Espíritos é quase sempre penosa, fatigante, e produz uma espécie de mal-estar; muitas vezes ela provoca uma agitação febril, movimentos bruscos e violentos; a dos bons Espíritos, ao contrário, é calma, suave, e causa um verdadeiro bem-estar.

73. A *subjugação obsidiante*, denominada outrora de *possessão*, é um constrangimento físico sempre exercido pelos Espíritos da pior espécie, e que pode

chegar a neutralizar o livre-arbítrio. Ela se limita, amiúde, a simples sensações desagradáveis, mas provoca, às vezes, movimentos desordenados, atos insensatos, gritos, palavras incoerentes ou injuriosas, cujo ridículo todo, às vezes, quem é vítima dela compreende, mas de que não consegue safar-se. Esse estado difere essencialmente da *loucura patológica*, com a qual é confundido erroneamente, pois não existe nenhuma lesão orgânica; sendo diferente a causa, os meios de cura têm que ser outros. Ao lhe aplicarem o processo usual das duchas e dos tratamentos corpóreos, chega-se, com frequência, a causar uma loucura verdadeira, ali onde só existia um problema moral.

74. Na loucura propriamente dita, a causa do mal é interior; precisa-se buscar restabelecer o estado normal do organismo. Na *subjugação*, a causa do mal é exterior; precisa-se desvencilhar o doente de um inimigo invisível, com o qual não remédios, mas *uma força moral superior à dele*. A experiência comprova que, em tal caso, os exorcismos não deram jamais nenhum resultado satisfatório, mas que mais pioraram que melhoraram a situação. O espiritismo, ao apontar a verdadeira causa do mal, só ele é capaz de fornecer os meios de combatê-lo. Precisa-se, de algum jeito, proceder à educação moral do Espírito obsessivo; através de conselhos prudentemente ministrados, chega-se a torná-lo melhor e a fazê-lo voluntariamente desistir de atormentar o doente, e assim este se liberta. (*O Livro dos Médiuns*, n.º 279. — *Revista Espírita*, fevereiro, março e junho de 1864: *A jovem obsedada de Marmande*.)

75. A subjugação obsidiante é mais comumente individual; mas, quando um grupo de maus Espíritos se abate sobre uma população, ela pode apresentar um caráter epidêmico. Um fenômeno desse tipo é que ocorreu nos tempos do Cristo; tão só uma poderosa superioridade moral era capaz de subjugar aqueles seres malfazejos, designados então pelo nome de *demônios*, e restituir a calma às suas vítimas⁶.

76. Um fato importante a considerar é que a obsessão, de qualquer natureza, é independente da mediunidade, mas que se encontra em todos os níveis, principalmente a subjugação obsidiante, em uma infinidade de indivíduos que não escutaram jamais falar de espiritismo. Com efeito, tendo os Espíritos existido em todos os tempos, puderam, em todos os tempos, exercer a mesma influência; a mediunidade não é nunca uma causa; é tão só um processo de manifestação dessa influência; donde podemos afirmar com certeza que todo médium obsedado teve de sentir, de uma forma qualquer, e com frequência nas atividades mais comuns da vida, os efeitos dessa influência; e podemos afirmar também que, sem a mediunidade, a obsessão se manifestaria através de outros efeitos, já atribuídos muitas vezes àquelas moléstias misteriosas que se subtraem a todas as investigações da medicina. Através da mediunidade, o ser malévolo trai sua presença: sem a mediunidade, é um inimigo escondido de quem nem se desconfia.

77. Os que nada admitem além da matéria não são capazes de admitir uma causa oculta; mas, quando a ciência houver saído da rotineira materialista, reconhecerá, na ação do mundo invisível que nos envolve e no meio do qual vivemos, um poder que atua sobre as coisas físicas tão bem quanto sobre as coisas morais: essa

⁶ Uma epidemia semelhante fustigou, por vários anos, uma aldeia da Alta Savoia. (Ver *Revista Espírita*, abril e dezembro de 1862; janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863: *Os possessos de Morzines*.)

será uma nova estrada aberta ao progresso e a chave de uma enorme quantidade de fenômenos mal compreendidos.

78. Como a obsessão nunca pode ter como causa um Espírito benigno, é essencial saber reconhecer a natureza dos que se apresentam. O médium desinformado pode ser iludido pelas aparências: quem se encontra prevenido analisa os mínimos sinais suspeitos, e o Espírito acaba indo embora, quando vê que não tem nada ali para fazer. O conhecimento preliminar dos meios de diferenciar os Espíritos bons dos maus é, portanto, indispensável ao médium que não deseja arriscar-se a ficar preso na armadilha; como também não é menos para o simples observador, que vai conseguir, por esse meio, avaliar o mérito do que vê ou escuta. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. XXIV.)

QUALIDADES DOS MÉDIUNS

79. A faculdade mediúnica se atém ao organismo; é ela independente das qualidades morais do médium, e a encontramos desenvolvida entre os mais indignos como entre os mais dignos. O mesmo não se dá quanto à preferência proporcionada ao médium pelos bons Espíritos.

80. Os bons Espíritos se comunicam com maior ou menor boa vontade através de tal ou qual médium, conforme sua afeição por seu próprio Espírito. O que constitui a qualidade de um médium nunca é a facilidade com que obtém as comunicações, mas sua aptidão de só captar as proveitosas e de não ser joguete nas mãos dos Espíritos levianos e impostores.

81. Os médiuns que deixam bastante a desejar do ponto de vista moral captam, às vezes, comunicações muito boas, que só podem provir de bons Espíritos, errando quem se surpreender com isso; constantemente, visam ao interesse do médium, com o fito de lhe propiciar sábias advertências: caso não se aproveite delas, ele se torna mais culpado, pois redige sua própria sentença. Deus, cuja bondade é infinita, não tem como negar assistência aos que têm mais necessidade. O missionário virtuoso que vai converter os criminosos outra coisa não faz além do que fazem os bons Espíritos pelos médiuns imperfeitos.

Por outro lado, os bons Espíritos, desejando ministrar um ensinamento útil a todo o mundo, se servem do instrumento que têm à mão; mas eles o abandonam quando encontram um que lhes é mais simpático e que põe em uso suas lições. Ao se retirarem os bons Espíritos, os Espíritos inferiores, agora pouco preocupados para as qualidades morais com que se constroem, têm assim o campo livre.

O resultado disso é que os médiuns moralmente imperfeitos, e que não se emendam, acabam, cedo ou tarde, sendo vítimas dos maus Espíritos, os quais, com frequência, os conduzem à ruína e às maiores desgraças neste mundo mesmo. Quanto à sua faculdade, de bela que era e que assim teria permanecido, logo se desvirtua pelo abandono dos bons Espíritos e, finalmente, desaparece.

82. Os médiuns mais meritórios não estão imunes às mistificações dos Espíritos impostores: primeiro, porque não existe ninguém assaz perfeito para não apresentar um ponto frágil através do qual possibilite o acesso dos maus Espíritos; segundo, porque os bons Espíritos permitem, às vezes, aquele acesso, para o médium praticar a análise, para aprender a discernir a verdade do erro e para se manter atento, a fim de que nada seja aceito às cegas e sem controle: a mentira, contudo, não provém jamais de um bom Espírito, e qualquer nome respeitável que subscreva um erro é necessariamente apócrifo.

Isso pode ainda constituir uma provação com vistas à paciência e à perseverança de qualquer espírita, médium ou não; quem se desencorajasse por causa de algumas decepções comprovaria aos bons Espíritos que não conseguiriam contar com ele.

83. Não existe nada de surpreendente em ver maus Espíritos obsidiando pessoas meritórias, tanto quanto não surpreende ver pessoas más porfiarem-se no mundo com os homens de bem.

Nós observamos que, após a publicação de *O Livro dos Médiuns*, os médiuns obsedados são muito menos numerosos, porque, estando prevenidos, eles se mantêm alerta e analisam os menores indícios que podem indicar a presença de um Espírito impostor. Dos que são obsedados, a maioria ou não estudou antes, ou não tirou proveito dos conselhos.

84. O que constitui o médium propriamente dito é a faculdade: sob esse aspecto, ele pode ser mais ou menos completo, mais ou menos desenvolvido. O que constitui o médium *seguro*, o que podemos verdadeiramente qualificar de *bom médium*, é a aplicação da faculdade, a aptidão de servir de intérprete aos bons Espíritos. Pondo de lado a faculdade, o poder do médium de atrair os bons Espíritos e de afastar os maus se deve à sua superioridade moral; essa superioridade é proporcional à soma das qualidades que determina o homem de bem: através dela, ele se harmoniza com os bons e prevalece sobre os maus.

85. Pela mesma razão, ao aproximar o médium da natureza dos maus Espíritos, a soma de suas imperfeições morais lhe subtrai a influência necessária para afastá-los; *ao invés de ser ele a se impor, são eles que se impõem*. Isso se aplica não somente aos médiuns, mas a quaisquer pessoas, dado que não existe nenhuma que deixe de receber a influência dos Espíritos. (Ver n.^{os} 74 e 75.)

86. Para se impor ao médium, os maus Espíritos não hesitam em explorar habilmente todos os vícios morais; aquele que lhes favorece mais a ação é o *orgulho*; por isso, é o sentimento que predomina no maior número de médiuns obsedados, mas sobretudo nos *fascinados*. É o orgulho que os induz a crerem em sua infalibilidade e a ignorarem as advertências. Esse sentimento é, lamentavelmente, excitado pelos elogios de que são alvo; quando os médiuns têm uma faculdade um pouco transcendente, a gente os procura e os adula; eles terminam por acreditar em sua importância; veem-se como indispensáveis, e é isso que os perde.

87. Enquanto o médium imperfeito se orgulha dos nomes ilustres, o mais das vezes apócrifos, que trazem as comunicações que recebe, e se vê como intérprete privilegiado dos poderes celestes, o *bom médium* não se julga jamais assaz digno de tal favor: ele mantém sempre uma salutar desconfiança sobre o que recebe, quanto à

qualidade, e não se fia em seu próprio julgamento; sendo apenas um instrumento passivo, ele compreende que, se for bom o que recebe, não tem como atribuir a um mérito pessoal seu, tanto quanto não pode ser responsabilizado, se for mau; e que seria ridículo bater-se a ferro e fogo para a identificação exata dos Espíritos que se manifestam a ele; ele deixa que a questão se julgue por terceiros desinteressados, sem que seu amor-próprio sofra com um julgamento desfavorável, tanto quanto o ator não é passível da crítica infligida à peça que interpreta. Suas características próprias são a simplicidade e a modéstia; ele se sente feliz com a faculdade que possui, não para se inflar de vaidade, mas porque ela lhe oferece um jeito de ser útil, o que ele efetiva de boa mente, quando lhe aparece a ocasião, mas sem jamais se ofender se não o põem em primeira plana.

Os médiuns são os medianeiros e os intérpretes dos Espíritos; logo, compete ao evocador, e mesmo ao mero observador, capacitar-se a avaliar o mérito do instrumento.

88. A faculdade mediúnica é um dom de Deus, como todas as outras faculdades, que somos capazes de empregar para o bem como para o mal, e de que podemos abusar. Ela tem por meta pôr-nos em contato direto com as almas dos que viveram, a fim de receber-lhes os ensinamentos e de nos iniciarmos na vida futura. Da mesma forma que a vista nos põe em contato com o mundo visível, a mediunidade nos põe em contato com o mundo invisível. Quem se serve dela para um fim útil, tendo em vista seu próprio adiantamento e o de seus semelhantes, cumpre uma verdadeira missão, cuja recompensa usufruirá. Quem dela abusa e a utiliza para coisas fúteis ou tendo em vista um interesse material, a afasta de seu fim sagrado; aí vai receber, cedo ou tarde, um castigo, como quem usa mal uma faculdade qualquer.

CHARLATANISMO

89. Certas manifestações espíritas se prestam assaz facilmente à imitação; mas, pelo fato de terem como ser exploradas, como tantos outros fenômenos, pela charlatanice e pela prestidigitação, seria absurdo concluir que não existam. Para quem estudou e para quem conhece as condições normais nas quais elas são capazes de se produzir, fica fácil distinguir da realidade a imitação; a imitação, aliás, não teria jamais como ser completa e só consegue enganar o ignorante incapaz de assimilar as nuances características do fenômeno verdadeiro.

90. O que existe de mais fácil de imitar dentre as manifestações são certos efeitos físicos e os efeitos inteligentes comuns, como os movimentos, as batidas, os transportes, a escrita direta, as respostas banais etc.; não sucede o mesmo com as comunicações inteligentes de alta complexidade; para imitar os primeiros, precisa apenas de habilidade; para simular as comunicações inteligentes, precisaria, quase sempre, de uma instrução pouco comum, uma superioridade intelectual privilegiada e uma faculdade de improvisação, por assim dizer, universal.

91. Os que não conhecem o espiritismo são geralmente levados a suspeitar da boa-fé dos médiuns; o estudo e a experiência lhes fornecem os meios de se assegurarem da realidade dos fatos; mas, além disso, a melhor garantia que eles conseguem encontrar reside no desinteresse total e na honorabilidade do médium; existem pessoas que, por sua posição e por seu caráter, estão acima de qualquer suspeita. Se o atrativo do lucro é capaz de excitar a fraude, o bom senso assevera que, lá onde não existe nada para ganhar, o charlatanismo não tem nada que fazer. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. xxviii, n.^{os} 304 e seguintes: *Charlatanismo e prestidigitação: médiuns interesseiros; fraudes espíritas*. — *Revista Espírita*, fevereiro de 1862.)

92. Entre os adeptos do espiritismo, encontramos entusiastas e exaltados, como em todas as coisas; são esses, em geral, os piores propagadores, porque a gente desconfia da sua facilidade em tudo aceitar sem um exame aprofundado. O espírita esclarecido evita o entusiasmo que cega; ele observa tudo friamente e com calma: é o meio de não ser enganado nem por ilusões, nem por mistificadores. Pondo de lado toda questão de boa-fé, o observador novato tem, antes de tudo, de cientificar-se da austeridade do caráter daqueles com quem lida.

IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

93. Visto como encontramos, entre os Espíritos, todos os vícios da humanidade, aí encontramos também a astúcia e a mentira; existem os que não têm escrúpulo algum em se enfeitar com os nomes mais respeitáveis para inspirar mais confiança. Logo, precisamos guardar-nos de acreditar de forma cabal na autenticidade de todas as assinaturas.

94. A identidade é uma das grandes dificuldades do espiritismo prático; é ela, muitas vezes, impossível de consignar, sobretudo quando se trata de Espíritos superiores antigos para nós. Entre os que se manifestam, não existem os nomes de muitos; para organizar nossas ideias, eles são capazes de assumir o nome de um Espírito conhecido pertencente à mesma categoria; de sorte que, se um Espírito se comunica com o nome de São Pedro, por exemplo, nada comprova que se trate precisamente daquele apóstolo; pode ser ele, como pode ser um Espírito da mesma ordem, ou enviado por ele.

A questão da identidade é, nesse caso, inteiramente secundária, e seria pueril dar importância a isso; o que importa é a natureza do ensinamento; é ele bom ou mau, digno ou indigno da personagem cujo nome ostenta; este aceitaria ou desaprovava o fato? Não está aí a questão toda?

95. A identidade é mais fácil de se comprovar quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujo caráter e cujos hábitos são conhecidos, pois é através desses mesmos hábitos e particularidades da vida privada que a identidade se revela mais seguramente e amiúde de maneira incontestável. Quando a gente evoca um parente ou um amigo, é a pessoa que interessa, e é muito natural buscar a comprovação da

identidade; mas os meios que empregam, em geral, os que conhecem imperfeitamente o espiritismo são insuficientes e podem induzir a erro.

96. O Espírito revela sua identidade através de uma infinidade de circunstâncias que ressaltam das comunicações, onde se refletem seus hábitos, seu caráter, sua linguagem e até suas expressões familiares. Ela se revela ainda através de pormenores íntimos, nos quais ele adentra *espontaneamente* junto às pessoas que estima: esses são os melhores indícios; mas é muito raro que satisfaça as questões diretas que lhe são endereçadas nesse sentido, sobretudo se o são por pessoas que lhe são indiferentes, por curiosidade e para testá-lo. O Espírito comprova sua identidade do jeito que quiser ou puder, conforme o tipo de faculdade do seu intérprete, e muitas vezes essas provas são mais que suficientes; o erro está em desejar que ele as forneça à maneira do evocador; é aí que ele se recusa a se submeter às suas exigências. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. xxiv: *Identidade dos Espíritos*. — *Revista Espírita*, março de 1862: *Carrère: verificação de identidade*.)

CONTRADIÇÕES

97. As contradições que se observam assaz frequentemente na linguagem dos Espíritos só alcançam espantar os que têm da ciência espírita apenas um conhecimento incompleto. Elas resultam da natureza mesma dos Espíritos que, como havemos dito, tão só sabem as coisas relativas a seu adiantamento, e até alguns podem saber menos que certos homens. A respeito de grande quantidade de pontos, eles só são capazes de emitir sua opinião pessoal, que pode ser mais ou menos correta, e conservar o reflexo dos preconceitos terrenos de que não se desvencilharam; outros concebem sistemas próprios a respeito do que não sabem ainda, particularmente no que toca às questões científicas e à origem das coisas. Não existe, portanto, nada de surpreendente em que não estejam sempre de acordo.

98. A gente se admira com o fato de achar comunicações contraditórias com a mesma assinatura. Tão só os Espíritos inferiores alcançam adotar uma linguagem diferente de acordo com as circunstâncias, mas os Espíritos superiores não se contradizem jamais. Qualquer um que esteja um pouquinho enfronhado nos mistérios do mundo espiritual, sabe com que facilidade certos Espíritos se paramentam com nomes de empréstimo para consignarem maior crédito às suas palavras; podemos induzir disso, com certeza, que, se duas comunicações, radicalmente contraditórias *quanto ao fundo do pensamento*, trazem o mesmo nome respeitável, uma das duas é necessariamente apócrifa.

99. De dois sistemas nós nos podemos servir para definir as ideias em relação às questões duvidosas: o primeiro é o de submeter todas as comunicações ao escrutínio severo da razão, do bom senso e da lógica; é uma recomendação que nos fazem todos os bons Espíritos e de que se resguardam os Espíritos impostores, que sabem muito

bem que somente vão perder com um exame sério; eis porque evitam a discussão e desejam que os aceitemos sob palavra.

O segundo critério da verdade consiste na concordância do ensinamento. Quando o mesmo princípio é ensinado em vários lugares, por diferentes Espíritos e através de médiuns estranhos uns aos outros, que não estejam sob as mesmas influências, é possível disso concluir que é mais verdadeiro que o princípio que emana de uma só fonte e que se acha contraditado pela maioria (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. xxvii: *Das contradições e das mistificações*. — *Revista Espírita*, abril de 1864: *Autoridade da Doutrina Espírita*. — *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução.)

CONSEQUÊNCIAS DO ESPIRITISMO

100. Perante a perplexidade causada pelas revelações dos Espíritos, a gente se pergunta para que pode servir o estudo do espiritismo.

Serve para provar materialmente a existência do mundo espiritual.

Sendo formado o mundo espiritual pelas almas dos que viveram, daí resulta a comprovação da existência da alma e de sua sobrevivência ao corpo.

As almas que se manifestam revelam suas alegrias e seus sofrimentos, conforme o modo pelo qual utilizaram a vida terrena; daí advém a comprovação das penas e das recompensas futuras.

Ao despreverem seu estado e sua posição, as almas ou Espíritos retificam as ideias erradas que se faziam a respeito da vida futura e, principalmente, da natureza e da duração das penas.

Tendo, assim, a vida futura passado do estado de vaga e incerta teoria ao estado de fato sabido e real, daí resulta a necessidade de trabalhar o mais possível, durante a vida presente, que é de curta duração, no interesse da vida futura, que é infinita.

Imaginemos que um homem de vinte anos tenha a certeza de morrer aos vinte e cinco; que fará ele durante esses cinco anos? Trabalhará para o futuro? Com certeza, não: ele se empenhará em gozar o mais possível; ele veria como um ludíbrio o fato de se impor fadiga e privações sem escopo. Mas, se ele tem a certeza de viver até os oitenta anos, ele agirá muito diferentemente, porque compreenderá a necessidade de sacrificar alguns instantes do repouso presente para assegurar o repouso futuro, durante muitos anos. Sucede o mesmo a quem a vida futura é uma certeza.

A dúvida quanto à vida futura induz, naturalmente, ao sacrifício de tudo em função dos gozos do presente; daí a excessiva importância dada aos bens materiais.

A importância dada aos bens materiais excita a cobiça, a inveja, o ciúme de quem pouco possui contra quem possui muito. Da cobiça ao desejo de conseguir a qualquer preço o que possui seu vizinho, não vai mais que um passo; daí os ódios, as querelas, os processos, as guerras e todos os males engendrados pelo egoísmo.

Com a dúvida do futuro, o homem, abatido nesta vida pela tristeza e pelo infortúnio, não vê a não ser na morte o término de seus sofrimentos; não esperando mais nada, ele acha racional abreviá-los através do suicídio.

Sem esperança no futuro, é naturalíssimo que o homem se perturbe, se desespere, com as decepções que sofre. As depressões violentas que experimenta produzem em sua mente um desarranjo, causa da maior parte dos casos de loucura.

Sem a vida futura, a vida presente é para o homem o fato capital, o único objeto de suas preocupações; a ela, ele vincula tudo: eis porque deseja a qualquer custo usufruir não somente os bens materiais, mas as honras; ele aspira a brilhar, a se elevar acima dos outros, a eclipsar seus vizinhos por seu fausto e por sua linhagem; daí a ambição desordenada e a importância que atribui aos títulos e a todos os ademanes da vaidade, pelos quais ele sacrificaria até sua honra mesmo, porque não vê nada após a morte.

A certeza da vida futura e de suas consequências muda totalmente a ordem das ideias e mostra as coisas sob um prisma diferente; é um véu que se levanta e que descobre um horizonte imenso e esplêndido. Diante do infinito e da grandeza da vida de além-túmulo, a vida terrena desaparece como um segundo diante dos séculos, como o grão de areia diante da montanha. Tudo nela se torna pequeno, mesquinho, e nós mesmos nos admiramos da importância que atribuíamos a umas coisas tão efêmeras e tão pueris. Depois disso, nos acontecimentos da vida, uma calma, uma tranquilidade, que é já uma felicidade em comparação com as preocupações, os tormentos que causamos a nós, da bÍlis que derramamos para nos elevar acima dos outros; depois disso também, em relação às vicissitudes e às decepções, até mesmo uma indiferença que, subtraindo toda vítima ao desespero, extingue os fatores mais importantes da loucura e afasta do pensamento do suicídio. Com a certeza do futuro, o homem espera e se resigna; com a dúvida, ele perde a paciência, porque não conta obter nada do presente.

Comprovando o exemplo dos que viveram que a soma da felicidade vindoura decorre do progresso moral realizado e do bem praticado na Terra; que a soma da infelicidade decorre da soma dos vícios e das más ações, o resultado é, para todos os que estão bem convencidos dessa verdade, uma tendência naturalíssima a praticar o bem e a evitar o mal.

Quando a maioria dos homens estiver imbuída dessa ideia, professar esses princípios e praticar o bem, o resultado será que o bem prevalecerá sobre o mal no mundo; que os homens não buscarão mais prejudicar-se mutuamente; que pautarão suas instituições sociais em vista do bem de todos e não em proveito de alguns; em suma, eles compreenderão que a lei da caridade ensinada pelo Cristo é a fonte da felicidade, mesmo neste mundo, e assentarão as leis civis sobre a lei da caridade.

A constatação do mundo espiritual que nos envolve e de sua ação sobre o mundo corpóreo constitui a revelação de uma das forças da natureza e, por conseguinte, a chave de uma infinidade de fenômenos que não compreendíamos, na ordem física como também na ordem moral.

Quando a ciência tomar conhecimento desta nova força, desconhecida dela até agora, retificará uma grande quantidade de erros provenientes do fato de que atribui

tudo a uma causa única: a matéria. O reconhecimento desta nova causa dos fenômenos da natureza será uma alavanca para o progresso e produzirá o efeito da descoberta de todo agente novo. Com o auxílio da lei espírita, o horizonte da ciência se ampliará, como se ampliou com o auxílio da lei da gravitação.

Quando os sábios, do alto de sua cátedra, proclamarem a existência do mundo espiritual e sua ação nos fenômenos da vida, injetarão na juventude o contraveneno das ideias materialistas, ao invés de predispor-la à negação do futuro.

Nas lições de filosofia clássica, os professores ensinam a existência da alma e seus atributos, conforme as diferentes escolas, mas sem provas materiais. Não é estranho que agora, quando tais provas estão chegando, sejam rejeitadas e tidas como superstições por esses mesmos professores? Não é como dizer a seus alunos que lhes ensinam a existência da alma, sem nada para comprová-lo? Quando um sábio levanta uma hipótese sobre um tópico da ciência, ele pesquisa com desvelo e recolhe com alegria os fatos capazes de fazer da hipótese uma verdade; como é que um professor de filosofia, cujo dever é o de provar a seus alunos que eles possuem uma alma, trata com desdém os meios de lhes oferecer disso uma demonstração patente?

101. Imaginemos, pois, que os Espíritos sejam incapazes de nos ensinar algo que não saibamos ou que não sejamos capazes de saber por nós mesmos; percebe-se que somente a constatação da existência do mundo espiritual obriga a uma revolução nas mentes. Ora, uma revolução nas mentes obriga a uma revolução na ordem das coisas, e é essa revolução que prepara o espiritismo.

102. Mas os Espíritos fazem mais que isso; se suas revelações vêm cercadas de certas dificuldades; se exigem minuciosas precauções para lhes averiguarmos a correção, não é menos verdadeiro que os Espíritos esclarecidos, quando sabemos interrogá-los e quando lhes é permitido, são capazes de nos revelar fatos que ignoramos, de nos oferecer explicações a respeito de coisas que não compreendemos e de nos pôr na trilha de um progresso mais rápido. É nisso, sobretudo, que o estudo completo e atento da ciência espírita é indispensável, a fim de não lhe solicitar o que não lhe é possível oferecer e do jeito pelo qual possa fazê-lo: é ultrapassando os limites que nos expomos a ser enganados.

103. As menores causas podem produzir os maiores efeitos; é assim que de um pequeno grão pode surgir uma árvore imensa; que a queda de u'a maçã provocou a descoberta da lei que rege os mundos; que as rãs, ao saltar em um prato, revelaram a força galvânica; assim também é que do fenômeno vulgar das mesas girantes surgiu a comprovação do mundo invisível, e dessa comprovação uma doutrina que, em alguns anos, rodou o mundo, e é capaz de regenerá-lo apenas através da constatação da realidade da vida futura.

104. O espiritismo ensina pouco ou nada em relação a verdades totalmente novas, dado o axioma de que nada existe de novo debaixo do Sol. Não existem verdades absolutas a não ser as que são eternas; as que ensina o espiritismo, estando assentadas nas leis da natureza, tiveram, portanto, que existir desde sempre; eis porque desde sempre lhes encontramos as sementes, que um estudo mais completo e observações mais atentas vêm desenvolvendo. As verdades ensinadas pelo espiritismo são, assim, antes consequências que descobertas.

O espiritismo não descobriu nem inventou os Espíritos; muito menos descobriu o mundo espiritual, no qual a gente acreditou desde sempre; tão somente, ele o comprova através de fatos materiais e o mostra sob sua verdadeira aparência, ao libertá-lo dos preconceitos e das ideias supersticiosas que dão origem à dúvida e à incredulidade.

OBSERVAÇÃO. — Estas explicações, por mais incompletas que estejam, são suficientes para demonstrar a base sobre a qual repousa o espiritismo, o caráter das manifestações e o nível de confiança que elas são capazes de inspirar, conforme as circunstâncias.

CAPÍTULO TERCEIRO

SOLUÇÃO DE ALGUNS PROBLEMAS ATRAVÉS DA DOCTRINA ESPÍRITA

PLURALIDADE DOS MUNDOS

105. *Os diferentes mundos que giram pelo espaço se povoam de habitantes como a Terra?*

Todos os Espíritos afirmam isso, e a razão diz que tem que ser assim. Não ocupando a Terra no universo nenhum lugar especial, nem por sua posição nem por seu volume, nada conseguiria justificar o privilégio exclusivo de ser habitada. Por outro lado, Deus não pode haver criado esses bilhões de globos unicamente para o desfrute de nossos olhos; tanto mais que o maior número se subtrai à nossa vista. (*O Livro dos Espíritos*, n.º 55. — *Revista Espírita*, março de 1858: *Pluralidade dos mundos*, por Flammarion.)

106. *Se os mundos são povoados, têm eles como sê-lo por habitantes semelhantes em tudo aos da Terra? Em suma, esses habitantes conseguiriam viver entre nós e nós entre eles?*

A forma geral poderia ser quase a mesma, mas o organismo tem que ser adaptado ao meio no qual devem viver, como os peixes são feitos para viver na água e os pássaros, no ar. Se o meio for diferente, como tudo leva a crer e como parecem demonstrar as observações astronômicas, o organismo tem de ser diferente; logo, não é provável que, em seu estado normal, eles consigam viver juntos uns aos outros com os mesmos corpos. É o que asseveram todos os Espíritos.

107. *Admitindo-se que esses mundos sejam habitados, estão eles, nos aspectos intelectual e moral, no mesmo nível da Terra?*

Conforme o ensino dos Espíritos, os mundos se situam em níveis de adiantamento muito diferentes; alguns estão no mesmo ponto da Terra; outros estão mais atrasados: os homens são aí ainda mais brutos, mais materiais e mais inclinados ao mal. Existem, ao contrário, os que são mais adiantados moral, intelectual e fisicamente,

onde o mal moral é desconhecido, onde as artes e as ciências atingem um nível de perfeição que não somos capazes de compreender, onde o organismo físico, menos material, não está sujeito nem aos sofrimentos, nem às moléstias, nem às indisposições; os homens vivem em paz, sem se prejudicarem uns aos outros, isentos das tristezas, das preocupações, das aflições e das necessidades que os cercam na Terra. Existem, enfim, os mais adiantados ainda, onde o invólucro corpóreo, quase fluido, se aproxima mais e mais da natureza dos anjos. Na série progressiva dos mundos, a Terra não está nem no primeiro nem no último lugar, mas é um dos mundos mais materiais e mais atrasados. (*Revista Espírita*, março, abril e agosto de 1858 e outubro de 1860. — *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. III.)

DA ALMA

108. *Onde é a sede da alma?*

A alma não está de fato, como geralmente se acredita, localizada em uma parte do corpo; ela forma com o perispírito um todo fluido, penetrável, alojando-se no corpo inteiro, com o qual ela constitui um ser complexo, cuja morte, de algum modo, é apenas o *desdobramento*. Podemos configurar dois corpos semelhantes, penetrados um pelo outro, confundidos durante a vida e separados após a morte. Na morte, um é destruído e o outro permanece.

Durante a vida, a alma atua mais especialmente nos órgãos do pensamento e do sentimento. Ela é, ao mesmo tempo, interna e externa, quer dizer, ela se irradia para fora; ela é capaz mesmo de se isolar do corpo, de se transportar ao longe e aí manifestar sua presença, como comprovam a observação e os fenômenos sonambúlicos.

109. *A alma é criada ao mesmo tempo ou anteriormente ao corpo?*

Após a existência da alma, esta questão é uma das mais fundamentais, pois de sua solução decorrem as consequências mais importantes; ela é a única chave possível para uma infinidade de problemas insolúveis até agora, insolúveis por falta de ter sido feita.

De duas, uma: ou a alma existia ou não existia antes da formação do corpo: não pode haver aí meio-termo. Com a preexistência da alma, tudo se explica logicamente e naturalmente; sem a preexistência, é mesmo impossível justificar certos dogmas da Igreja, e é essa impossibilidade que leva à incredulidade tanta gente que raciocina.

Os Espíritos resolveram a questão afirmativamente, e os fatos, tão bem quanto a lógica, não têm como deixar dúvida a esse respeito. Que se admita, no entanto, a preexistência da alma apenas a título de simples hipótese, se se preferir, e se verão aplainadas as dificuldades em sua maioria.

110. *Caso a alma seja anterior, possuía, antes de sua união com o corpo, sua individualidade e a consciência de si mesma?*

Sem individualidade e sem consciência de si mesma, os efeitos seriam como se não existisse antes.

111. *Antes de sua união com o corpo, a alma completou um progresso qualquer, ou permaneceu estacionária?*

O progresso anterior da alma é, de uma só vez, a consequência da observação dos fatos e do ensino dos Espíritos.

112. *Criou Deus as almas iguais, moral e intelectualmente, ou fez umas mais perfeitas, mais inteligentes, que as outras?*

Se Deus tivesse feito umas almas mais perfeitas que as outras, essa preferência não se conciliaria com sua justiça. Sendo todas criaturas suas, por que livraria umas do trabalho a que submete as outras para chegarem à felicidade eterna? A desigualdade das almas em sua origem seria a negação da justiça de Deus.

113. *Se as almas são criadas iguais, como explicar a diversidade de aptidões e de predisposições naturais que existe entre os homens na Terra?*

Essa diversidade é a consequência do progresso que a alma realizou antes de sua união com o corpo. As almas mais adiantadas em inteligência e em moralidade são as que mais viveram e mais progrediram antes de sua encarnação.

114. *Qual é o estado da alma em sua origem?*

As almas são criadas simples e ignorantes, quer dizer, sem experiência e sem conhecimento do bem e do mal, mas com igual aptidão para tudo. No princípio, elas ficam em uma espécie de infância, sem vontade própria e sem consciência perfeita da sua existência. Pouco a pouco, o livre-arbítrio se desenvolve ao mesmo tempo que as ideias. (*O Livro dos Espíritos*, n.ºs 114 e seguintes.)

115. *A alma cumpriu seu progresso anterior no estado de Espírito propriamente dito, ou em uma precedente existência corpórea?*

Além do ensino dos Espíritos relativos a esse ponto, o estudo dos diferentes níveis de adiantamento do homem na Terra comprova que o progresso anterior da alma teve de cumprir-se em uma série de existências corpóreas mais ou menos numerosas, conforme o nível a que chegou; a comprovação resulta da observação dos fatos que estão diariamente à nossa vista. (*O Livro dos Espíritos*, n.ºs 166 a 222. — *Revista Espírita*, abril de 1862.)

O HOMEM DURANTE A VIDA TERRENA

116. *Como e em qual momento se dá a união da alma e do corpo?*

Desde a concepção, o Espírito, conquanto errante, prende-se por um cordão fluido ao corpo a que tem de se unir. Esse cordão se aperta mais e mais, à proporção que o corpo vai desenvolvendo-se. Desde esse momento, o Espírito é arrebatado por uma perturbação que vai crescendo sem parar; perto do nascimento, a perturbação se completa, o Espírito perde a consciência de si mesmo e só recobra suas ideias

gradualmente, a partir do momento em que a criança respira; é então que a união está completa e definitiva.

117. *Qual é o estado intelectual da alma da criança na hora do nascimento?*

Seu estado intelectual e moral é o que possuía antes de sua união com o corpo, ou seja, a alma possui todas as ideias anteriormente adquiridas, mas, por causa da perturbação que acompanha sua mudança, suas ideias permanecem transitoriamente em estado latente. Elas se esclarecem a pouco e pouco, mas só conseguem manifestar-se à medida que os órgãos vão desenvolvendo-se.

118. *Qual é a origem das ideias inatas, das disposições precoces, das aptidões instintivas para uma arte ou uma ciência, pondo de lado toda instrução?*

As ideias inatas só podem ter duas fontes: a criação de umas almas mais perfeitas que as outras, no caso de terem sido criadas ao mesmo tempo que o corpo, ou o progresso anterior haurido antes da união da alma e do corpo. Sendo a primeira hipótese incompatível com a justiça de Deus, permanece a segunda. As ideias inatas são o efeito dos conhecimentos conseguidos nas existências anteriores e que permaneceram em forma de intuição para servir de base ao aprendizado de novas ideias.

119. *Como existem gênios que se revelam nas classes da sociedade privadas de qualquer cultura intelectual?*

Eis o fato que comprova que as ideias inatas são independentes do meio onde o homem é educado. O meio e a educação desenvolvem mas não propiciam as ideias inatas. O homem de gênio é a encarnação de um Espírito já adiantado, e que muito progrediu; eis porque a educação é capaz de fornecer a instrução em falta, mas não tem como fornecer a genialidade, quando ela não existe.

120. *Por que há crianças instintivamente boas em um meio perverso, apesar dos maus exemplos, ao passo que outras são instintivamente más em um bom meio, apesar dos bons conselhos?*

É o efeito do progresso moral haurido, como as ideias inatas são o efeito do progresso intelectual.

121. *Por que, de dois filhos do mesmo pai, educados nas mesmas condições, um é inteligente e outro estúpido, um bom e outro mau? Por que o filho de um homem de gênio é às vezes tolo, e o de um tolo, homem de gênio?*

Esse fato vem em apoio da origem das ideias inatas; ele comprova, além disso, que a alma da criança não procede em absoluto da alma dos pais; ao contrário, pelo axioma de que a parte possui a mesma natureza do todo, os pais transmitiriam a seus filhos suas qualidades e seus defeitos, como lhes transmitem o princípio das qualidades corpóreas. Na geração, somente o corpo procede do corpo, enquanto as almas são independentes umas das outras.

122. *Se as almas são independentes umas das outras, donde vem o amor dos pais por seus filhos e vice-versa?*

Os Espíritos se unem por simpatia, e o nascimento em tal ou qual família não se dá por acaso, mas depende, o mais das vezes, da escolha do Espírito, que se reúne aos que amou no mundo dos Espíritos ou nas existências anteriores. Por outro lado, os pais têm por missão auxiliar no progresso dos Espíritos que se encarnam como filhos seus; e,

para excitá-los, Deus lhes inspira uma afeição mútua; mas muitos falham em sua missão e aí são castigados. (*O Livro dos Espíritos*, n.º 379, *Da infância*.)

123. *Por que existem maus pais e maus filhos?*

Esses Espíritos não se uniram a uma família por simpatia, mas para se servirem mutuamente de provação, e, muitas vezes, por castigo pelo que não foram em uma precedente existência; a um, é fornecido um mau filho, porque ele mesmo talvez tenha sido mau filho; a outro, um mau pai, porque terá sido mau pai, a fim de que sofram a pena de talião. (*Revista Espírita*, setembro de 1861: *A pena de talião*.)

124. *Por que se encontram em certas pessoas, nascidas em situação servil, instintos de dignidade e de grandeza, ao passo que outras, nascidas nas classes superiores, possuem instintos ignóbeis?*

É uma lembrança intuitiva da posição social que ocuparam e do caráter que possuíam na existência precedente.

125. *Qual é a causa das simpatias e das antipatias entre pessoas que se veem pela primeira vez?*

São pessoas, o mais das vezes, que se conheceram e, às vezes, se amaram, em uma existência precedente, e que, ao se reencontrarem, são atraídas uma para outra.

As antipatias instintivas provêm muitas vezes também de relações anteriores.

Esses dois sentimentos podem ainda ter uma outra causa. O perispírito irradia em torno do corpo uma espécie de atmosfera impregnada das qualidades boas ou más do Espírito encarnado. Duas pessoas que se encontram, através do contato dos fluidos, experimentam a sensação da planta chamada dormideira ou sensitiva; tal sensação ou é agradável ou desagradável e os fluidos tendem a se fundir ou a se repelir, conforme sua natureza seja semelhante ou dessemelhante.

Eis como se pode explicar o fenômeno da transmissão do pensamento. Pelo contato dos fluidos, duas almas leem, de algum modo, uma na outra; elas se adivinham e se compreendem sem se falar.

126. *Por que o homem não tem a lembrança de suas existências anteriores? Essa lembrança não seria necessária para seu progresso?*

(Ver acima, no cap. I, *Esquecimento do passado*.)

127. *Qual é a origem do sentimento que denominamos consciência?*

É uma lembrança intuitiva do progresso haurido nas existências precedentes, e de resoluções tomadas pelo Espírito antes da encarnação, resoluções que nem sempre ele tem força de assumir enquanto homem.

128. *O homem tem seu livre-arbítrio ou se acha submetido à fatalidade?*

Se a conduta do homem se achasse submetida à fatalidade, não haveria para ele nem a responsabilidade pelo mal, nem o mérito do bem; sendo assim, qualquer castigo seria injusto e qualquer recompensa um contrassenso. O livre-arbítrio do homem é um efeito da justiça de Deus, é o atributo que lhe propicia sua dignidade e o eleva acima de todas as outras criaturas. Isso é tão verdadeiro que a estima de uns homens pelos outros se dá em função do livre-arbítrio; quem o perde acidentalmente por doença, por loucura, por embriaguez ou por idiotismo, é lastimado ou menosprezado.

O materialismo, que faz depender todas as faculdades morais e intelectuais do organismo, reduz o homem ao estado de máquina, sem livre-arbítrio, por conseguinte,

sem a responsabilidade pelo mal e sem o mérito do bem que pratica. (*Revista Espírita*, março de 1861: *A cabeça de Garibaldi*; abril de 1862: *Frenologia espiritualista*.)

129. *Deus criou o mal?*

Deus não criou o mal em absoluto; ele estabeleceu leis e essas leis são sempre boas, porque Deus é soberanamente bom; quem as observasse fielmente seria perfeitamente feliz; mas, tendo seu livre-arbítrio, os Espíritos não as observaram sempre, e o mal lhes redundou de suas infrações a essas leis.

130. *O homem nasce bom ou mau?*

É preciso separar a alma e o homem. A alma é criada simples e ignorante, quer dizer, nem boa nem má, mas suscetível, em virtude de seu livre-arbítrio, de empreender a rota do bem ou do mal, ou melhor, de observar ou de infringir as leis de Deus. O homem nasce bom ou mau, conforme seja a encarnação de um Espírito adiantado ou atrasado.

131. *Qual a origem do bem e do mal na Terra, e por que existe mais mal do que bem?*

A origem do mal na Terra vem da imperfeição dos Espíritos que aqui se encarnam; e a predominância do mal vem do fato de que, sendo a Terra um mundo inferior, os Espíritos que a habitam são, na maioria, eles mesmos, inferiores, ou pouco adiantados. Nos mundos mais evoluídos, onde apenas se admite a encarnação de Espíritos purificados, o mal ou é desconhecido, ou é mínimo.

132. *Qual é a causa dos males que afligem a humanidade?*

A Terra pode ser considerada, concomitantemente, um mundo destinado à educação dos Espíritos pouco adiantados e à expiação dos Espíritos culpados. Os males da humanidade são a consequência da inferioridade moral da maioria dos Espíritos encarnados. Pelo contato de seus defeitos, eles provocam recíprocas infelicidades e uns castigam os outros.

133. *Por que o mau prospera amiúde, ao passo que o homem de bem é objeto de todas as aflições?*

Para quem só vê a vida presente e acredita em que seja única, isso tem de parecer uma suprema injustiça. Não sucede o mesmo quando se considera a pluralidade das existências e a brevidade de cada uma em comparação com a eternidade. O estudo do espiritismo comprova que a prosperidade do mau apresenta terríveis reveses nas existências seguintes; que as aflições do homem de bem, ao contrário, se seguem de uma felicidade tanto maior e durável quanto ele as tenha suportado com mais resignação; a vida é para este como um dia infeliz em toda uma existência de prosperidade.

134. *Por que uns nascem na indigência e outros na opulência? Por que existem pessoas que nascem cegas, surdas, mudas ou afetadas por moléstias incuráveis, ao passo que outras possuem todas as regalias físicas? Isso decorre do acaso ou da Providência?*

Se é efeito do acaso, não é da Providência; se é efeito da Providência, a gente pergunta: Onde está sua bondade e sua justiça? Ora, é por falta de compreender a causa desses males que tantas pessoas são levadas a criticá-la. Compreendemos que quem acaba na miséria ou doente por causa de suas imprudências ou de seus excessos

seja castigado através de seu próprio pecado; mas, *se a alma se criou ao mesmo tempo que o corpo*, que fez ela para merecer tais aflições, *desde seu nascimento*, ou para ficar isenta delas? Caso se admita a justiça de Deus, tem-se que admitir que esse efeito possui uma causa; se essa causa não se deu durante a vida, tem que estar situada antes dela; pois, em todas as coisas, *a causa tem que preceder o efeito*; por isso, é preciso que a alma tenha vivido e tenha merecido uma expiação. Os estudos espíritas nos mostram, com efeito, que mais de um homem nascido na miséria foi rico e respeitado em uma existência anterior, mas usou mal a fortuna que Deus lhe havia oferecido para administrar; que mais de um nascido na abjeção foi orgulhoso e poderoso; eles no-lo mostram, às vezes, submetido ao tacho daquele mesmo a quem havia comandado com dureza, sofrendo o revide dos maus tratos e da humilhação que havia proporcionado aos outros.

Uma vida penosa nem sempre é uma expiação; é muitas vezes uma provação escolhida pelo Espírito, que vê aí um meio de progredir mais rapidamente, caso a suporte com denodo. A riqueza é também uma provação, mas ainda mais perigosa que a miséria, por causa das tentações que propicia e dos abusos a que induz; por isso, o exemplo dos que viveram comprova que é uma das provações de onde se sai muito poucas vezes vitorioso.

A diferença quanto às situações sociais seria a maior das injustiças, em não sendo uma reação à conduta atual, caso não lhe fosse dada uma compensação. É a convicção desta verdade através do espiritismo que nos proporciona a força para suportarmos as vicissitudes da vida e faz com que aceitemos a sorte sem invejar a dos outros.

135. *Por que existem idiotas e cretinos?*

A posição dos idiotas e dos cretinos seria a menos conciliável com a justiça de Deus, na hipótese de uma única existência. Por mais miserável que seja a condição em que um homem nasceu, ele é capaz de se livrar disso através da inteligência e do trabalho; mas o idiota e o cretino estão entregues, desde o nascimento até à morte, à estupidez e ao menosprezo; não existe para eles nenhuma compensação possível. Então, por que sua alma teria sido criada idiota?

Os estudos espíritas realizados a respeito dos cretinos e os idiotas comprovam que sua alma é tão inteligente quanto a dos outros homens; que essa enfermidade é uma expiação infligida aos Espíritos por terem abusado da sua inteligência, e que sofrem cruelmente por se sentirem aprisionados através de laços que não podem desfazer, e por causa do desprezo de que se veem alvo, quando quicá tenham sido incensados em sua precedente existência. (*Revista Espírita*, junho de 1860: *O Espírito de um idiota*; outubro de 1861: *Os cretinos*.)

136. *Qual é o estado da alma durante o sono?*

Durante o sono, só o corpo repousa, pois o Espírito não dorme. As observações comprovam que, nesse instante, o Espírito goza de toda sua liberdade e da plenitude de suas faculdades; ele aproveita o repouso do corpo e dos momentos em que sua presença ali não é necessária, para atuar separadamente e ir aonde quiser. Durante a vida, para qualquer distância a que se transporte, o Espírito se liga sempre ao corpo

através de um cordão fluido, que serve para trazê-lo de volta, quando sua presença é necessária; esse cordão só é rompido na morte.

137. *Qual é a causa dos sonhos?*

Os sonhos constituem o resultado da liberdade do Espírito durante o sono; é, às vezes, a lembrança de lugares e de pessoas que o Espírito viu ou visitou nesse estado. (*O Livro dos Espíritos*, n.ºs 400 e seguintes: *Emancipação da alma, sono, sonhos, sonambulismo, dupla vista, letargia* etc. — *O Livro dos Médiuns*, n.º 284: *Evocação de pessoas vivas*. — *Revista Espírita*, janeiro de 1860: *O Espírito de um lado e o corpo do outro*; março de 1860: *Estudo sobre o Espírito das pessoas vivas*.)

138. *De onde vêm os pressentimentos?*

São lembranças vagas e intuitivas do que o Espírito reteve em seus momentos de liberdade e, às vezes, advertências ocultas ministradas pelos Espíritos benevolentes.

139. *Por que existem, na Terra, selvagens e homens civilizados?*

Sem a noção da preexistência da alma, esta questão é insolúvel, a menos que se admita que Deus criou almas selvagens e almas civilizadas, o que seria a negação de sua justiça. Por outro lado, a razão se recusa a admitir que, após a morte, a alma do selvagem permaneça perpetuamente em um estado de inferioridade, nem que ocupe o mesmo lugar que a alma do homem esclarecido.

Admitindo-se para as almas um mesmo ponto de partida, única doutrina compatível com a justiça de Deus, a presença concomitante da selvageria e da civilização na Terra é um fato material que comprova o progresso que uns realizaram e que os outros são capazes de realizar. A alma do selvagem atingirá, portanto, com o tempo, o nível da alma civilizada; mas, como morrem todos os dias selvagens, sua alma só será capaz de atingir esse nível em encarnações sucessivas, mais e mais aperfeiçoadas e adequadas a seu adiantamento, passando por todos os níveis intermediários entre os dois pontos extremos.

140. *Não se poderia admitir, conforme o pensamento de algumas pessoas, que a alma só se encarna uma vez e que completa seu progresso no estado de Espírito ou em outras esferas?*

Essa proposição seria admissível, se apenas existissem na Terra homens do mesmo nível moral e intelectual, caso em que se poderia dizer que a Terra está adaptada para um nível determinado; ora, temos diante de nós a prova contrária. Não compreenderíamos, com efeito, que o selvagem não conseguisse atingir a civilização neste mundo, só porque existem almas mais adiantadas encarnadas no mesmo globo; donde é preciso concluir que a possibilidade da pluralidade das existências terrenas resulta dos exemplos mesmos que temos diante dos olhos. Se fosse de outro modo, seria preciso explicar: 1.º) Por que somente a Terra teria o monopólio das encarnações? 2.º) Por que, tendo esse monopólio, aqui encontramos almas encarnadas de todos os níveis?

141. *Por que se encontram, no meio das sociedades civilizadas, seres de uma ferocidade similar à dos selvagens mais bárbaros?*

São Espíritos muito inferiores, saídos das raças bárbaras, que ensaiaram reencarnar-se em um meio que não é o seu, e onde se encontram deslocados, como se um rústico se encontrasse de súbito transportado para a alta-roda.

OBSERVAÇÃO. — Não se poderia admitir, sem negar a Deus toda a justiça e toda a bondade, que a alma do criminoso insensível possuía, na vida atual, o mesmo ponto de partida que a de um homem munido de todas as virtudes. Se a alma não é anterior ao corpo, a do criminoso e a do homem de bem são igualmente novas, uma e outra; por que uma seria boa e a outra má?

142. *Donde vem o caráter distintivo dos povos?*

São Espíritos que, tendo quase os mesmos gostos e as mesmas inclinações, se encarnam em um meio simpático, e amiúde no mesmo meio, onde alcançam concretizar suas inclinações.

143. *Como progridem e degeneram os povos?*

Se a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo, as dos homens de hoje em dia são tão novas, tão primitivas quanto as dos homens da Idade Média, e, então, perguntamos por que possuem costumes mais delicados e inteligência mais desenvolvida. Se, com a morte do corpo, a alma abandona em definitivo a Terra, perguntamos, ainda, qual seria o fruto do trabalho feito para melhorar o povo, se se tivesse de recomeçar com todas as almas novas que nascem todos os dias.

Os Espíritos se encarnam em um ambiente simpático e em relação com o nível de seu adiantamento. Um chinês, por exemplo, que progrediu bastante e não encontra em sua raça um ambiente que corresponda ao nível que alcançou, encarnará em um povo mais adiantado. À proporção que uma geração vai dando um passo adiante, vai atraindo, por empatia, recém-vindos mais adiantados, e que são, talvez, os que outrora viveram em um mesmo país, caso hajam progredido; eis como, a pouco e pouco, uma nação vai adiantando-se. Se a maioria dos recém-chegados possuir natureza ruim, indo embora os antigos a cada dia e não regressando a um ambiente inferior, o povo degeneraria e terminaria por extinguir-se.

OBSERVAÇÃO. — Estas questões levantam outras que encontram sua solução no mesmo princípio; por exemplo: Donde provém a diversidade de raças da Terra? — Existem raças rebeldes ao progresso? — A raça negra é suscetível de alcançar o nível das raças europeias? — A escravidão é útil ao progresso das raças inferiores? — Como se consegue realizar a transformação da humanidade? (*O Livro dos Espíritos*, n.ºs 776 e seguintes: *Lei do progresso*. — *Revista Espírita*, janeiro de 1862: *Doutrina dos anjos decaídos*; abril de 1862: *Perfectibilidade da raça negra*.)

O HOMEM APÓS A MORTE

144. *Como se realiza a separação da alma e do corpo? Realiza-se bruscamente ou gradualmente?*

A libertação se realiza gradualmente e com uma lentidão variável, conforme os indivíduos e as circunstâncias da morte. Os liames que unem a alma ao corpo só se rompem a pouco e pouco, e tanto menos rapidamente quanto a vida tenha sido mais material e mais sensual. (*O Livro dos Espíritos*, n.º 155.)

145. *Qual é a situação da alma imediatamente após a morte do corpo? Alcança ela, instantaneamente, a consciência de si mesma? Em suma, o que vê? O que sente?*

No momento da morte, de início tudo é confuso; necessita a alma de algum tempo para tomar consciência de si; ela se encontra como que atordoada e na situação de um homem que desperta de um profundo sono e que procura tomar tento de seu estado. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe vão voltando, à medida que se vai desfazendo a influência da matéria de que acaba de se desprender e conforme se vai dissipando a espécie de névoa que obscurece sua mente.

O tempo da perturbação que se segue à morte varia muito; pode ser de algumas horas apenas, como de muitos dias, de muitos meses e mesmo de muitos anos. Ele é menos longo para os que se compenetraram em vida de seu estado futuro, porque compreendem imediatamente sua situação; é tanto mais longo quanto o homem haja vivido mais materialmente.

A sensação que a alma sente nesse momento também varia muito; a perturbação que se segue à morte não apresenta nada de penoso para o homem de bem; ela é calma e em tudo semelhante à que acompanha um despertar agradável. Para quem a consciência não esteja pura e permaneça mais ligado à vida corpórea do que à vida espiritual, ela vem carregada de ansiedade e de angústias, que vão aumentando à medida que ele vai tomando consciência de si, pois ele vai impregnando-se de medo e de uma espécie de terror na presença do que vai vendo e, sobretudo, do que vai pressentindo.

A sensação, que se poderia chamar de física, é a de um grande alívio e de um imenso bem-estar; a alma sente como se descarregasse um peso e fica felicíssima por não mais sentir as dores corpóreas que experimentava poucos instantes antes, e por se sentir livre, despreendida e ágil como quem acabassem de retirar de pesadas correntes.

Em sua nova condição, a alma vê e ouve o que via e ouvia antes da morte, mas vê e ouve mais coisas que escapam à rusticidade dos órgãos corpóreos; ela possui sensações e percepções que nos são desconhecidas. (*Revista Espírita*, setembro de 1859: *Morte de um espírita*; outubro de 1860: *O despertar do Espírito*, maio e junho de 1862: *Funerais do Senhor Sanson*.)

OBSERVAÇÃO. — Estas respostas, e todas as que se deram relativamente à situação da alma após a morte ou durante a vida, não constituem o resultado de uma teoria ou de um sistema, mas de estudos diretos levados a efeito em milhares de entidades observadas em todas as fases e em todos os períodos da sua existência espiritual, desde o mais baixo até o mais alto nível da escala espírita, conforme seus hábitos durante a vida terrena, o tipo de morte etc. Diz-se, muitas vezes, ao se falar da vida espiritual, que não se sabe o que ali se passa, porque ninguém voltou de lá; é um erro, visto que são precisamente os que lá se acham que vêm para nos instruir a respeito, e Deus dá permissão para isso, agora mais do que em nenhuma outra época, como derradeiro aviso à incredulidade e ao materialismo.

146. *A alma que deixou o corpo enxerga Deus?*

As faculdades de percepção da alma são proporcionais à sua purificação; só se permite às almas de eleição gozar da presença de Deus.

147. *Se Deus está por toda a parte, por que nem todos os Espíritos são capazes de vê-lo?*

Deus está por toda a parte porque ele se irradia por toda a parte; podemos dizer que o universo está mergulhado na divindade, como estamos mergulhados na luz solar; mas os Espíritos atrasados estão envolvidos por uma espécie de névoa que o rouba de seus olhos, e que só se vai dissipando, à medida que eles vão depurando-se e desmaterializando-se. Os Espíritos inferiores são, quanto à visão, relativamente a Deus, o que os encarnados são relativamente aos Espíritos: verdadeiros cegos.

148. *Após a morte, possui a alma consciência de sua individualidade? Como é que ela a constata e como podemos nós constatar-la?*

Se as almas não possuíssem mais sua individualidade após a morte, seria para elas e para nós verdadeiramente como se não existissem, e as consequências morais seriam exatamente as mesmas; elas não apresentariam nenhum caráter distintivo, e a do criminoso permaneceria no mesmo círculo da alma do homem de bem, resultando daí que não haveria nenhum interesse em se praticar o bem.

A individualidade da alma é posta a descoberto de uma forma, por assim dizer, material, nas manifestações espíritas, através da linguagem e das qualidades próprias de cada uma; desde que elas pensam e agem de maneiras diferentes, que umas são boas e outras, más; umas, sábias e outras, ignorantes; que umas desejam o que outras não desejam, eis a comprovação evidente de que elas não se confundem em um todo homogêneo, sem falar das provas patentes que nos oferecem de terem animado tal ou qual indivíduo na Terra. Graças ao espiritismo experimental, a individualidade da alma não é mais uma coisa vaga, mas uma consequência da observação.

A alma mesma constata sua individualidade, porque tem mente e vontade próprias, distintas daquelas das outras; ela a constata também através de seu invólucro fluido ou perispírito, espécie de corpo circunscrito que a torna um ser isolado.

OBSERVAÇÃO. — Certas pessoas acreditam escapar à censura de materialistas, ao admitirem um princípio inteligente universal, do qual nós absorvemos uma parte ao nascer, justamente o que constitui a alma, para devolver, após a morte, à massa comum, onde as almas se fundem como as gotas d'água no oceano. Tal sistema, espécie de transigência, não merece sequer o nome de *espiritualismo*, pois é tão desesperador quanto o materialismo; o reservatório comum do todo universal equivaleria ao nada, já que ali não existiriam mais individualidades.

149. *O gênero de morte influencia o estado da alma?*

O estado da alma varia consideravelmente consoante o tipo de morte, mas, sobretudo, consoante a natureza dos hábitos que teve durante a vida. Na morte natural, o desligamento se efetua gradualmente e sem interrupção; ele começa até mesmo, muitas vezes, antes que a vida esteja extinta. Na morte violenta através de execução, suicídio ou acidente, os liames são bruscamente rompidos; o Espírito, surpreendido pelo imprevisto, queda como que atordoado por causa da mudança que se efetua nele e porque sua situação não se define. Um fenômeno mais ou menos constante em tal caso é a persuasão de não estar morto, e essa ilusão é capaz de durar muitos meses e até muitos anos. Nesse estado, ele vai e vem, acreditando ocupar-se de seus negócios, como se estivesse ainda neste mundo, ficando extremamente espantado

ao não responderem quando fala. Essa ilusão não se dá exclusivamente em caso de mortes violentas; ela se encontra entre os indivíduos cuja vida se exauriu nos prazeres e interesses materiais. (*O Livro dos Espíritos*, n.º 165. — *Revista Espírita*, junho de 1858: *O suicida da Samaritana*; dezembro de 1858: *Um Espírito no enterro do seu corpo*; julho de 1859: *O Zuavo de Magenta*; dezembro de 1859: *Um Espírito que não se crê morto*, março de 1863: *François Simon Louvet*.)

150. *Aonde vai a alma após haver deixado o corpo?*

Ela não se perde jamais na imensidade do infinito, como se imagina geralmente; ela vaga pelo espaço quase sempre entre os que conheceu e, sobretudo, os que amou, sendo capaz de se transportar instantaneamente a distâncias imensas.

151. *Conserva a alma as afeições que tinha na Terra?*

Ela conserva todas as afeições morais; ela só se esquece das afeições materiais, que não pertencem mais à sua essência; eis porque vem com alegria rever seus parentes e seus amigos, e fica feliz por se lembrarem dela. (*Revista Espírita*, julho de 1861: *Os amigos não nos esquecem no outro mundo*; maio de 1862: *Relações amigas entre vivos e mortos*.)

152. *Conserva a alma a lembrança do que fez na Terra? Interessa-se ela pelos trabalhos que deixou inacabados?*

Isso depende de sua elevação e da natureza de seus trabalhos. Os Espíritos desligados da matéria pouco se preocupam com as coisas materiais, e se sentem felizes por se livrarem delas. Quanto aos trabalhos que começaram, conforme sua importância e sua utilidade, eles inspiram a outrem, às vezes, a intenção de terminá-los.

153. *Reencontra a alma, no mundo dos Espíritos, os parentes e amigos que a precederam?*

Não somente os reencontra, mas reencontra muitos outros que havia conhecido em suas existências anteriores. Geralmente, os que mais a estimam vêm recebê-la à sua chegada ao mundo dos Espíritos e a ajudam a se desprender dos liames terrenos. Por outro lado, o fato de não verem as almas mais queridas, às vezes, é um castigo para as almas culpadas.

154. *Qual é, na outra vida, a situação intelectual e moral da alma da criança que morre bem nova? Suas faculdades permanecem infantis, como durante a vida?*

O desenvolvimento incompleto dos órgãos da criança não permitia ao Espírito manifestar-se completamente; desprendida a alma desse invólucro, suas faculdades voltam a ser as que possuía antes de sua encarnação. Havendo o Espírito passado apenas alguns instantes na vida, suas faculdades não tiveram como modificar-se.

OBSERVAÇÃO. — Nas comunicações espíritas, o Espírito de uma criança é capaz, portanto, de falar como o de um adulto, pois pode ser um Espírito muito adiantado. Se assume, às vezes, a linguagem infantil, é para não privar a mãe do encanto que se atribui a um ser frágil e delicado, e adornado com as graças da inocência. (*Revista Espírita*, janeiro de 1858: *Mamãe! Aqui estou!*) Em sendo feita a mesma pergunta a respeito da situação intelectual da alma dos cretinos, dos idiotas e dos loucos, após a morte, ela encontrará sua solução neste mesmo comentário.

155. *Qual é a diferença, após a morte, entre a alma do sábio e do ignorante, do selvagem e do homem civilizado?*

A mesma diferença, pouco mais ou menos, que existia entre eles durante a vida, pois a entrada no mundo dos Espíritos não propicia à alma todos os conhecimentos que lhe faltavam na Terra.

156. *Progridem as almas intelectualmente e moralmente, após a morte?*

Progridem mais ou menos, conforme sua energia, e algumas progridem bastante; elas, porém, precisam pôr em prática, durante a vida corpórea, o que hauriram em conhecimento e em moralidade. As que se mantiveram estacionadas readquirem uma existência semelhante à que deixaram; as que progrediram merecem uma encarnação em uma categoria mais elevada.

Sendo o progresso proporcional à energia do Espírito, existem os que conservam durante muito tempo os gostos e os pendores que possuíam em vida e os que continuam com as mesmas ideias. (*Revista Espírita*, março de 1858: *A Rainha de Ude*; maio de 1858: *O Espírito e os herdeiros*; julho de 1858: *O tambor da Berezina*; dezembro de 1859: *Um antigo carreteiro*; outubro de 1860: *Progresso dos Espíritos*; abril de 1861: *Progresso de um Espírito perverso*.)

157. *O destino humano, na vida futura, está irrevogavelmente fixado após a morte?*

A fixação irrevogável do destino humano após a morte seria a negação absoluta da justiça e da bondade de Deus, pois existem muitos de quem não dependeu esclarecer-se suficientemente, sem falar dos idiotas, dos cretinos e dos selvagens, e das inúmeras crianças que morrem antes de haver vislumbrado a vida. Entre as pessoas esclarecidas mesmo, muitas existem capazes de se acreditar assaz perfeitas para se dispensar de fazer mais nada, e não é isso uma comprovação manifesta de que Deus concede de sua bondade, ao permitir que o homem faça amanhã o que deixou de fazer na véspera? Se o destino está irrevogavelmente traçado, por que os homens morrem em idades tão diferentes, e por que Deus, na sua justiça, não concede a todos o tempo para fazerem o máximo de bem possível ou para reparar o mal que praticaram? Quem sabe se o culpado que morre aos trinta anos não se arrependeria e não se tornaria um homem de bem, se vivesse até os sessenta anos? Por que Deus lhes subtrai esse recurso, ao passo que o concede a outros? Só a diversidade quanto ao tempo de vida e quanto à situação moral da imensa maioria dos homens já comprova a impossibilidade, caso se admita que Deus seja justo, de que o destino da alma esteja irrevogavelmente fixado após a morte.

158. *Qual é, na vida futura, o destino das crianças que morrem em tenra idade?*

Essa questão é uma das que comprovam melhor que é justa e necessária a pluralidade das existências. Uma alma que só houvesse vivido alguns instantes, não havendo praticado nem o bem nem o mal, não mereceria nem recompensa nem castigo; de acordo com a máxima do Cristo de que *cada um é castigado ou recompensado conforme suas obras*, seria tão ilógico quanto contrário à justiça de Deus admitir-se que, sem trabalho, fosse ela chamada a usufruir a felicidade perfeita dos anjos, ou que pudesse ser privada disso, e, *no entanto, é forçoso que tenha um destino qualquer*; uma situação mista, eternidade adentro, seria do mesmo jeito injusto. Sustada uma existência em seu início, não alcançando, portanto, obter nenhum efeito

para a alma, seu destino atual é o que fez por merecer em sua existência anterior, e seu destino futuro, o que fizer por merecer em suas existências ulteriores.

159. *Possuem as almas ocupações na outra vida? Ocupam-se de outras coisas além de suas alegrias ou de seus sofrimentos?*

Se a almas somente se ocupassem de si mesmas pela eternidade, isso constituiria egoísmo, e Deus, que condena o egoísmo, não poderia aprovar na vida espiritual o que castiga na vida corpórea. As almas ou Espíritos têm ocupações em harmonia com seu nível de adiantamento, ao mesmo tempo que procuram instruir-se e melhorar-se. (*O Livro dos Espíritos*, n.º 558: *Ocupações e missões dos Espíritos*.)

160. *Em que consistem os sofrimentos da alma após a morte? As almas culpadas são torturadas em flamas materiais?*

A Igreja reconhece perfeitamente hoje em dia que o fogo do inferno é um fogo moral e não um fogo material, mas não define a natureza dos sofrimentos. As comunicações espíritas os põem debaixo de nossos olhos; através de tal meio, nós somos capazes de avaliar tais flamas e de nos convencer de que, apesar de não ser o efeito de um fogo material, que não teria, realmente, como queimar as almas imateriais, não são menos terríveis em certos casos. As penas não são nunca uniformes; elas variam ao infinito, conforme a natureza e a gravidade das faltas cometidas, e são, quase sempre, essas faltas mesmas que servem de punição; eis como certos assassinos são forçados a ficar no lugar do crime e a ter, continuamente, suas vítimas debaixo de seus olhos; eis como o homem de gostos sensuais e materiais conserva esses mesmos gostos, mas, sendo impossível satisfazê-los materialmente, esse fato se torna para ele uma tortura; eis como certos avarentos creem padecer com o frio e as privações que sofreram em vida por avareza; outros continuam próximos aos tesouros que esconderam e ficam perpetuamente aflitos com medo de ser roubados; em suma, não existe uma só falta, uma só imperfeição moral, uma só má ação que não apresente, no mundo dos Espíritos, sua compensação e suas naturais consequências; para o que não se precisa de um lugar determinado e circunscrito: por toda a parte onde se ache, o Espírito perverso leva seu inferno consigo.

Além das penas espirituais, existem penas e provações materiais que o Espírito impuro sofre em uma nova encarnação, onde é posto em uma situação em que sofra o que fez sofrer os outros: em que seja humilhado, se foi orgulhoso; miserável, se desperdiçou sua riqueza; infeliz diante dos filhos, se foi um mau filho etc. A Terra, como dissemos, é um lugar de exílio e de expiação, *um purgatório*, para os Espíritos dessa natureza, dependendo de cada um não voltar para lá, melhorando-se suficientemente para merecer um mundo melhor. (*O Livro dos Espíritos*, n.º 237: *Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos*; n.ºs 958 e seguintes: *Esperanças e consolações; penas e gozos futuros*. — *Revista Espírita*, março de 1858: *O assassino Lemaire*; junho de 1858: *O suicida da Samaritana*; dezembro de 1858: *Sensações dos Espíritos*; outubro de 1859: *O pai Crépin*; fevereiro de 1860: *Estelle Régnier*; agosto de 1860: *O suicida da rua Quincampoix*; outubro de 1860: *O castigo*; dezembro de 1860: *Entrada de um culpado no mundo dos Espíritos*; dezembro de 1860: *Castigo do egoísta*; fevereiro de 1861: *Suicídio de um ateu*; setembro de 1861: *A pena de talião*.)

161. *É a prece útil para as almas sofredoras?*

A prece é recomendada por todos os bons Espíritos; além disso, é solicitada pelos Espíritos imperfeitos como um modo de atenuar seus sofrimentos. A alma por quem se roga sente um alívio, porque esse é um testemunho de interesse, e o infeliz sempre se consola quando encontra uns corações caridosos que se compadecem de suas dores. Por outro lado, através da prece, a gente o incita ao arrependimento e ao desejo de fazer o que for preciso para ser feliz; eis o sentido em que a gente é capaz de encurtar sua pena, se, de seu lado, ele ajudar com sua boa vontade (*O Livro dos Espíritos*, n.º 664. — *Revista Espírita*, dezembro de 1859: *Efeitos da prece nos Espíritos sofredores*.)

162. *Em que consistem os gozos das almas felizes? Passam elas a eternidade em contemplação?*

A justiça requer que a recompensa corresponda ao mérito, como o castigo, à gravidade da falta; existem, pois, infinitos graus para os gozos da alma, desde o instante em que adentra a senda do bem, até o instante em que atinge a perfeição.

A felicidade dos bons Espíritos consiste em conhecer todas as coisas, em não ter nem ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem nenhuma das paixões que infelicitam os homens. O amor que os une é para eles a fonte de uma suprema felicidade. Eles não conhecem nem as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material. Um estado de perpétua contemplação seria uma felicidade estúpida e monótona; seria assim a do egoísta, dado que sua existência constituiria uma inutilidade sem fim. A vida espiritual consiste, ao contrário, em uma atividade incessante, por causa das missões que os Espíritos recebem do supremo ser, na qualidade de seus agentes na administração do universo; missões que correspondem ao seu adiantamento e com as quais ficam felizes, porque lhes propiciam as ocasiões de serem úteis e de praticarem o bem. (*O Livro dos Espíritos*, n.º 558: *Ocupações e missões dos Espíritos*. — *Revista Espírita*, outubro de 1860; *Os Espíritos puros*; *A morada dos bem-aventurados*; junho de 1861: *Senhora Gourdon*.)

OBSERVAÇÃO. — Nós convidamos os adversários do espiritismo e os que não admitem a reencarnação, a que ofereçam, para os problemas acima, uma solução mais lógica, através de qualquer outro princípio que não o da pluralidade das existências.

FIM

ÍNDICE

Preâmbulo	
Capítulo I. — Pequena conferência espírita	
Primeiro Diálogo. — O crítico	
Segundo Diálogo. — O céptico	
Espiritismo e espiritualismo	
Dissidências	
Fenômenos espíritas simulados	
Impotência dos detratores	
O maravilhoso e o sobrenatural	
Oposição da ciência	
Falsas explicações dos fenômenos. (Alucinação. — Fluido magnético. — Reflexo do pensamento. — Superexcitação cerebral. — Estado sonambúlico dos médiuns.)	
Os incrédulos não conseguem ver para se convencerem	
Boa ou má vontade dos Espíritos para convencer	
Origem das ideias espíritas modernas	
Meios de comunicação	
Os médiuns interesseiros	
Os médiuns e os feiticeiros	
Diversidade dos Espíritos	
Utilidade prática das manifestações	
Loucura, suicídio, obsessão	
Esquecimento do passado	
Elementos de convicção	
Sociedade Espírita de Paris	
Interdição ao espiritismo	
Terceiro Diálogo. — O padre	
Capítulo II. — Noções elementares de espiritismo	
Observações preliminares	
Dos Espíritos	
Comunicações com o mundo invisível	
Meta providencial das manifestações espíritas	
Dos médiuns	
Dificuldades dos médiuns	
Qualidades dos médiuns	
Charlatanismo	
Identidade dos Espíritos	
Contradições	
Consequências do espiritismo	

Capítulo III. — Solução de alguns problemas através da doutrina espírita	
Pluralidade dos mundos	
Da alma	
O homem durante a vida terrena	
O homem após a morte	